

# CORREIO BRAZILIENSE

DE MARÇO, 1814.

---

Na quartá parte nova os campos ara,  
E se mais mundo houvera la chegára.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

---

## POLITICA.

*Documentos officiaes relativos a Portugal.*

EDITAL,

*Sobre a extinctão da Junta da Companhia de Pernambuco.*

**O** PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor por seu Real Decreto de 7 de Abril do anno proximo passado de 1813, foi servido extinguir a Junta da Liquidação dos fundos da Companhia Geral de Pernambuco e Paraiba, Ordenando que pela maior parte dos Accionistas se nomeem dois administradores, os quaes vencendo sómente a Commissão Mercantil, cuidaraõ em apurar, liquidar, cobrar, e entregar os fundos da extincta Companhia; podendo requerer ao Mesmo Senhor, pelo expediente da Real Junta do Commercio, as providencias que parecerem necessarias, a fim de que os interessados nesta negociação arrecadem, o mais breve que for possível, os seus cabedaes, cujo termo se tem allongado demasiadamente; e recebendo os novos administradores, em fórma legal, os capitães, fazendas, generos, e mercadorias existentes; assim como os livros, papeis, e clarezas pertencentes a esta administração. Para cumprimento desta Real resolução, cuja execução fora commettida á sobredita Real Junta, convoca o Tribunal a todos os Accionistas habilitados para votar, e existentes nesta capital, e provincias do Reino, para que até o dia vinte e um do proximo mez de Março, remettaõ infalivelmente á

sua secretaria os seus votos para a eleição dos referidos dois administradores, dirigidos em carta fechada ao Deputado Secretario, José Accursio das Neves; escrevendo no reverso da mesma carta as seguintes palavras. Voto para a nomeação dos administradores da extincta companhia de Pernambuco e Paraiba;—a fim de que abertos todos perante o tribunal, no dia seguinte se haja de verificar a mesma eleição pela pluralidade absoluta, como está determinado: e para que os mesmos accionistas vontantes tenhaõ noticia, e certeza de todas as pessoas interessadas na companhia, e do numero de açoens que nella conservão, acharaõ na mesma secretaria relaçoens impressas, que lhe seraõ francamente dadas, junctamente com a cópia do Real Decreto de 7 de Abril, do anno proximo passado, logo que alli as pedirem por si, ou pelas pessoas de seus procuradores. E para que chegue á noticia de todos, se mandou affixar o presente edital, e imprimir na Gazeta de Lisboa, a fim de circular por todo o Reino. Dado em Lisboa, aos 25 de Janeiro, de 1814.

JOSE' ACCURSION DAS NEVES.

*Quartel-general de Ustaritz, 14 de Janeiro, de 1814.*

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, para evitar o incommodo, que resultaria ás pessoas, que pertenderem habilitar-se cadetes, e a despeza, que fariaõ as suas famillas, bem como a perda de tempo, vindo estas pessoas aos corpos do exercito em campanha, e voltando depois para o depósito geral de infantaria, ou de cavallaria a instruirem-se na disciplina correspondente, permite que o Senhor Marechal de Campo Ricardo Blunt, e o Senhor Coronel Joaõ Browne, recebaõ no depósito geral, que cada um commanda, as pessoas, que se lhe apresentarem com o objecto de serem cadetes na arma respectiva, no caso de terem as circumstancias, que

estão determinadas pelas Leis, e Ordens do exercito, devendo immediatamente depois passarem a fazer a habilitação pela fórma estabelecida na ordem do dia, de 10 de Junho, de 1810.

Permitte tambem S. Ex<sup>a</sup>., que o mesmo senhor marechal de campo, e coronel recebaõ no respectivo depósito as pessoas, que pertencendo a familias de bem, tiverem recebido uma boa educaçaõ, e a que as suas maneiras, e moral forem correspondentes, e que tendo renda para se tratarem com decencia, e idade, e robustez propria para o serviço, se acharem naõ obstante em algum embaraço para se habilitarem cadetes, remettendo-se a Sua Excellencia os seus requerimentos, acompanhados dos documentos conducentes a provarem as circumstancias favoraveis, que nellas concorrem, para poderem seguir a carreira dos póstos, sendo estes requerimentos informados pelo dito senhor Marechal de Campo, ou Coronel, a fim de Sua Excellencia decidir.

Mozinho, Ajudante-general.

---

*Quartel-general de Ustaritz, 24 de Janeiro, de 1814.*

ORDEM DO DIA.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, experimenta um novo prazer em publicar ao exercito os dois extractos, que abaixo seguem, pelos agradecimentos, approvaçaõ que encerraõ de Sua Excellencias os Senhores Governadores do Reino, e por patentearem os benéficos sentimentos paternaes de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, e os cuidados de Suas Excellencias para com o exercito.

---

*Extracto de um Officio dirigido por Sua Excellencia o Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, a S. Excellencia o Sr. Marechal, em 7 do corrente.*

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR.—Accuso a recepçaõ do Officio que Vossa Excellencia me dirigio,

em data de 20 de Dezembro proximo passado, acompanhando o mappa dos mortos, feridos, extraviados, e prisioneiros, que teve o exercito Portuguez nas differentes acçoens, que houve desde o dia 9 do mesmo mez, o que tudo fiz presente aos Governadores do Reino, que não podéraõ deixar de reconhecer nos referidos ultimos successos militares novas provas decisivas de valor, e disciplina nas Tropas Alliadas, e em que o Exercito Portuguez outra vez se tem taõ assignaladamente distinguido; e em conformidade das Ordens de S. A. R., desejaõ os Governadores do Reino, que Vossa Excellencia, no Augusto nome do mesmo Senhor, haja de dar ao exercito os justos louvores, de que se fez crêdor nesta nova occasiaõ.

---

*Extracto de outro Officio dirigido por S. Excellencia o Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, a S. Excellencia o Sr. Marechal, em 10 do corrente.*

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR.—Recebi, e levei immediatamente á presença dos Governadores do Reino o Officio, que Vossa Excellencia me dirigio, em data de 27 de Dezembro proximo passado, com a Ordem do Dia 21, e mais documentos, que vinhaõ inclusos, que os mesmos Governadores mandaraõ publicar logo para conhecimento, e satisfaçaõ do público sobre o brilhante comportamento das valorosas Tropas Portuguezas; e propondo-se os Governadores do Reino a fazer sem demora presente tudo o referido a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, não ficaraõ sem prémio os bons Servicos de taõ benemeritas tropas, merecendo em especial a maior contemplaçaõ as familias dos que gloriosamente acabaram a vida cubertos de gloria no campo da honra.

Ajudante-general, MOZINHO.

---

## DINAMARCA.

*Tractado de Paz entre Sua Magestade o Rey de Suecia, de uma parte, e Sua Magestade o Rey de Dinamarca da outra.*

Em nome da Sanctissima, e sempre Bemdicta Trindade. Sua Magestade o Rey de Suecia, e Sua Magestade o Rey de Dinamarca, movidos pelo desejo de pôrem termo ás calamidades da guerra, que tem desgraçadamente subsistido entre elles, pelo meio de uma saudavel paz, e de restaurarem a boa intelligencia entre os seus Estados, sobre bazes que hajam de assegurar a duraçãõ da paz, tem para este fim respetivamente nomeado os seguintes Plenipotenciarios, a saber :—Sua Magestade o Rey de Suecia, o Baraõ Gustavo Von Wetterstedt, Chanceller da Corte, Commandante da Ordem Polaca da Estrella, Cavalleiro da Ordem Prussiana da Aguia Encarnada da Primeira Classe, Membro da Academia Sueca; e Sua Magestade o Rey de Dinamarca, Mr. Edmundo Von Curke, Gram Cruz da Ordem de Damsebrog, e cavalleiro da Aguia Branca; os quaes tendo trocado os seus plenos poderes em boa e devida forma tem concordado nos seguintes Artigos.

“ ART. 1. Haverá daqui em diante paz, amizade e boa intelligencia entre Sua Magestade o Rey de Suecia, e Sua Magestade o Rey de Dinamarca: as duas altas partes contractantes haõ de fazer tudo quanto estiver em seu poder para manterem perfeita harmonia entre si, seus respectivos Estados, e vassallos, e evitar todas as medidas que poderem ser prejudiciaes á paz felizmente restaurada entre elles.

2. Como S. M. o Rey de Suecia tem insalteravelmente determinado naõ separar em respeito algum os

interesses dos seus Alliados dos seus proprios ; e como S. M. o Rey de Dinamarca deseja que os seus vassallos tornem a gozar todas as bençoens da paz ; e como tambem S. M. recebeu por meio de Sua Alteza Real o Principe de Suecia, positivas seguranças da parte das Cortes da Russia e da Prussia, das suas amigaveis disposiçoens para restaurarem as suas antigas connexoens de amizade com a Corte Dinamarqueza, da mesma forma que existiam antes do rompimento das hostilidades, assim elles solemnemente se encarregam, e obrigam da sua parte a não desprezar coiza alguma que possa tender a uma prompta paz entre S. M. o Rey de Dinamarca, e S. M. o Imperador da Russia, e o Rey de Prussia ; S. M. o Rey de Suecia promette interpôr a sua mediação para com os seus altos Alliados, para que este saudavel objecto se possa conseguir, o mais breve que possivel fôr.

3. S. M. o Rey de Dinamarca, para dar uma manifesta prova do seu desejo de promover as mais estreitas relações com os altos Alliados de S. M. Sueca, e na plena convicção de que os mais sinceros desejos de restaurar uma prompta paz, se nutrem da parte delles, como tem solemnemente declarado antes do rompimento das hostilidades, obriga-se a tomar uma parte activa na causa commum contra o Imperador dos Francezes, a declarar guerra contra aquella potencia, e em consequencia unir um corpo auxiliar Dinamarquez ao exercito do Norte da Alemanha, debaixo das ordens de Sua Alteza Real o Principe Hereditario de Suecia, e tudo isto na conformidade, e em continuação da convenção, que tem sido estabelecida entre S. M. o Rey de Dinamarca, e S. M. o Rey da Gran Bretanha e Irlanda.

4. S. M. o Rey de Dinamarca, por si, e seus successores, renuncia para sempre, e irrevocavelmente todos os seus direitos e pertençaens a o Reyno da Noruega, junctamente com a posse dos Bispados, e Dioceses de

Christiansand, Bergenhuys, Aggerhuys, e Drontheim, e demais Nordland, e Finmark, até ás Fronteiras do Imperio da Russia. Estes Bispados, Dioceses, e Provincias, constituindo o Reyno da Norwega, com os seus habitantes, cidades, portos, fortalezas, aldeas, e ilhas, ao longo de toda a costa daquelle Reyno, junctamente com as suas dependencias, Excepto Greenland, as Ilhas Ferroe, e Iceland; assim como todos os privilegios, direitos, e emolumentos que lhes saõ annexos, pertenceraõ em plena e soberana propriedade, ao Rey de Suecia, e faraõ um reyno com os seus reynos unidos. Para este fim S. M. o Rey de Dinamarca se obriga da maneira mais solemne, tanto por si como por seus successores, e todo o reyno, a não pôr daqui em diante pretençaens directas, ou indirectas ao reyno da Norwega, seus bispados, dioceses, ilhas, ou algum outro territorio que lhes pertença. Todos os habitantes, em virtude desta renunciaçaõ ficam desobrigados do juramento que déram ao Rey, e Coroa da Norwega.

5. S. M. o Rey de Suecia obriga-se, da outra parte, da maneira mais solemne, a fazer com que todos os habitantes do Reyno da Norwega e suas dependencias, gozem para o futuro, todas as leys, franquezas, direitos, e privilegios, como até qui tem existido.

6. Como toda a divida da Monarchia Dinamarqueza he contrahida, tanto sobre a Norwega como sobre as outras partes do reyno, assim S. M. o Rey de Suecia se obriga, como soberano da Norwega, á responsabilidade de uma parte desta divida, proporcionada á povoaçã e rendimento da Norwega. Por divida publica deve-se entender a que tem sido contrahida pelo Governo Dinamarqueza, assim dentro do reyno, como fora. A ultima consiste de obrigaçoens Reaes, e do Estado, bilhetes de banco, e papel-moeda, em outro tempo publi-

cado debaixo de authoridade Real, e que circula agora em ambos os reynos.

Commissarios nomeados por ambas as Coroas tomaraõ uma conta exacta desta divida, no estado em que existia no primeiro de Janeiro, de 1814, e será calculada por uma justa divisaõ da povoação e rendimentos dos reynos da Norwega, e Dinamarca.

Estes commissarios haõ de ajuntar-se em Compenhaque dentro de um mez depois da troca da ratificação deste tractado, e haõ de concluir este negocio tam depressa como for possivel, e ao menos antes da expiração da presente guerra; com esta intelligencia, comtudo, que o Rey de Suecia, como Soberano da Norwega, saõ será responsavel por outra porção da divida contrahida pela Dinamarca, senaõ aquella a que a Norwega estava ligada antes da sua separação.

“ART. 7. S. M. o Rey de Suecia, por si, e seus successores, renuncia irrevocavelmente, e para sempre, a favor do Rey de Dinamarca, todos os direitos e pertençaõs ao territorio da Pomerania Sueca, e ao principado da ilha de Rugen.

Estas provincias com todos os seus habitantes, villas, portos, fortalezas, aldeas, ilhas, e todas as suas dependencias, privilegios, direitos, e emolumentos, pertenceraõ, em plena soberania, á coroa da Dinamarca, e seraõ incorporados com aquelle reyno. Para este fim, S. M. o Rey de Suecia obriga-se da maneira mais solemne, assim por si, como pelos seus successores, e por todo o reyno Sueco, a nunca fazer reclamação directa ou indirecta, sobre as dictas provincias, ilhas, e territorios, cujos habitantes em virtude desta renuncia, ficam absolvidos do juramento que tem dado ao Rey, e coroa da Suecia.

8. S. M. o Rey de Dinamarca solememente se obriga da mesma forma, a assegurar aos habitantes da Pomerania Sueca, das ilhas de Rugen e suas independencias, as suas leys, direitos, franquezas, e privilegios, da forma que ao

presente existem, e se contém nos actos dos annos de 1810, e 1811.

Como o papel moeda Sueco nunca correo na Pomerania Sueca, assim S. M. o Rey de Dinamarca se obriga a não fazer alteraçã a este respeito, sem o conhecimento dos Estados da Provincia.

9. Como S. M. o Rey de Suecia pelo 6 Art. do tractado de alliança, contrahido em Stockolmo, em 3 de Março, de 1813, com S. M. o Rey da Gram Bretanha e Irlanda, se obriga, pelo periodo de vinte annos, a contar da data da troca da ratificaçã do tractado, a abrir o porto de Stralsund, como um *entreposto* para todo o producto colonial, mercadorias, e manufacturas, trazidas de Inglaterra, e suas colonias, em vasos Inglezes, ou Suecos, com o pagamento de um por cento *ad valorem* das fazendas assim introduzidas, e igual direito a sua saida dali ; assim S. M. o Rey de Dinamarca se obriga a preencher este existente contracto, e a renovar o mesmo no seu tractado com a Gram Bretanha.

10. A divida publica que está contrahida pela Real Camara da Pomerania fica ao cargo do Rey de Dinamarca, como Soberano do ducado da Pomerania, que toma sobre si as estipulaçoens concordadas sobre a reducçã da dicta divida.

11. O Rey de Dinamarca reconhece as doaçõens que o Rey de Suecia tem dado sobre os dominios e rendas na Pomerania Sueca, e na ilha de Rugen, e que montam a somma annual de 43.000 rix dollars ; S. M. tambem se obriga a manter os donatarios na plena e imperturbada posse dos seus direitos e rendas, de sorte que elles possam recebellas, vendellas, ou trespassallas, e que tudo lhes seja pago sem prohibiçã alguma, e sem direitos e despesas debaixo de qualquer nome que seja.

12. S. M. o Rey de Suecia, e o Rey de Dinamarca mutuamente se obrigam a não distrahir do seu original desti-

no, dinheiros appropriados a objectos de beneficencia, ou utilidade publica, nos paizes assim adquiridos pelo presente tractado, isto he, o Reyno de Norwega, e o Ducado da Pomerania, com as suas respectivas dependencias.

O Rey de Suecia, em consequencia desta mutua convençaõ, se obriga a contribuir para as universidades da Norwega, e o Rey de Dinamarca para a de Grieswald.

O pagamento dos officios publicos, tanto na Norwega, como na Pomerania ficará ao cargo da potencia adquirinte desde o dia em que se tomar posse. Os pensionistas receberaõ as pensoens que lhes foram assignadas pelo governo precedente, sem interrupçaõ ou mudança.

13. Como o Rey de Suecia deseja que o Rey de Dinamarca, tanto como for practicavel, e d'elle depender, receba compensaçãõ pela renuncia do Reyno de Norwega, do que S. M. tem dado uma prova satisfactoria na cessaõ da Pomerania Sueca, e ilha de Rugen, por isso ha de fazer todas as diligencias com as Potencias Alliadas, para que na paz geral, obtenha de mais a mais para a Dinamarca um completo equivalente pela cessaõ da Norwega.

14. Immediatamente depois da assignatura do presente tractado, mandar-se-ha com toda a promptidaõ possivel dar parte d'elle aos generaes, e exercitos ; a fim de que as hostilidades cessem de ambos os lados, por terra, e por mar.

15. As altas partes contractantes convem em que immediatamente depois da assignatura do presente tractado, todas as contribuiçoens, e requisiçoens de qualquer natureza e denominaçaõ que sejam, hajam de cessar immediatamente, de sorte que mesmo as que já estiverem ordenadas naõ seraõ postas em vigor. Igualmente se convencionna que toda a propriedade que tem sido sequestrada pelo Exercito do Norte da Alemanha seja restituída a seus donos. Daqui exceptuam-se aquelles navios, e cargas de navios, que pertencendo a vassallos de S. M. o Rey de

Suecia e seus alliados, tem sido trazidos para os portos dos ducados, de Sleswyk, e Holstein ; estes ficaraõ com os seus presentes donos, que poderaõ dispor delles como lhes parecer.

[Este artigo arranja o modo porque as praças em Holstein, e Sleswyk, occupadas pelas tropas Alliadas, haõ de ser por ellas evacuadas.]

Logo depois da assignatura do presente tractado as tropas Suecas entraraõ na Norwega, e tomaraõ posse das praças fortes. S. M. o Rey de Dinamarca obriga-se a dar as necessarias ordens para aquelle fim.

As tropas Suecas entregaraõ a Pomerania Sueca, e a Ilha de Rugen ás tropas do Rey de Dinamarca, logo que as fortalezas de Frederickshall, Königswinger, Frederickstadt, e Aggerhuys estiverem na posse das tropas Suecas.

---

*A seguinte declaração appareceo no dia 17 em Middlefort, na Ilha de Funen.*

Pelo cuidado do Governo Dinamarquez, a guerra, que já ha quinze annos devastava a Europa, naõ tinha perturbado o repouso da nação Dinamarqueza ; quando o Rey, por um momento se vio obrigado a usar dos meios defensivos, em parte para a protecção do commercio dos seus vassallos, e em parte para segurança das suas provincias que confinam com a Alemanha.

Os ataques feitos pelos Inglezes á capital de S. M., e levando-lhe a esquadra Dinamarqueza, em o anno de 1807, pozeram fim á feliz tranquillidade que S. M. até entaõ, tinha podido preservar para os seus vassallos. Os Estados Dinamarquezes áquelle tempo tinham o mesmo inimigo commum com a França, e a consequencia foi, que se concluiu com naquella potencia uma alliança. O Imperador aberta, e directamente prometteo gente, e dinheiro ; e um numeroso exercito, e immediatamente marchou para dentro das provincias pertencentes a S. M. o Rey. Foi con-

cordado que a despeza do seu sustento seria paga pelo Governo Francez, e ésta montava a uma somma de varios milhoens de rix-dollars. Este exercito, comtudo, sem emprehender coiza alguma, continuava a ser um pezo mais duravel do que o Governo Dinamarquez julgava necessario. A despeza do seu sustento estava por pagar, e as representações da Dinamarca sobre este ponto, eram tão infructuosas, como as que diziam respeito ás annunciadas requisicoens em dinheiro. A situação de um estado, cujos recursos já estavam diminuidos pela guerra naval, e que por estes desembolços navaes, se tinham exaurido de todo, soffreo ainda uma influencia mais prejudicial por se fecharem os portos continentaes, o que era representado como um dos meios para se obter a paz geral. A annexação das cidade Hanseaticas, e provincias contiguas ao Imperio Francez, féz-se ao depois o incommodo mais pezado, em respeito á communicação commercial com a Alemanha. Os seus effeitos estenderam-se mesmo ás connexoens literarias. Sinceras protestaçoens, que eram frequentemente renovadas, de que estes obstaculos que eram tam directamente contrarios à boa intelligencia em que S. M. contribuia quanto podia para se conservar com a França, haviam de ser removidos, tinham dado esperanças, porem estas esperanças continuàram a ser sempre vaãs.

Em quanto o exercito Francez se ia retirando no inverno entre 1812, e 1813, as tropas imperiaes, que, por um contracto particular, deviam ficar para protecção das fronteiras de Holstein, foram tambem retiradas. Como o Governo Francez tinha ao mesmo tempo declarado a sua intenção de entrar em negociaçoens para paz com todos os seus inimigos, julgou o Rey que lhe era importante fazer aberturas de paz á Gram Bretanha. A alliança com a França tornou-se agora inutil. O Rey de boa vontade teria prevenido as cidades de Hamburgo, e de Lubeck de tornarem a cair nas mãos dos Francezes, em ordem a afastar a guerra das suas fron-

teiras, e salvar da destruição aquellas cidades, cujos interesses estavam em uma conexão tão directa com os dos seus vassallos; porem S. M. foi obrigado a desistir da continuação deste plano; os seus interesses por consequencia requeriam que ella houvesse de acceitar a offerta, que lhe foi feita, de renovar a alliança com a França, e de lhe dar uma extensão maior; em ordem assegurar-se de um poderoso auxilio contra aquelles soberanos que não hesitaram em declarar que haviam de apoiar as pertençaens da Suecia, que eram tam contrarias a integridade dos seus Estados.

O Rey da sua parte tem cumprido escrupulosamente as estipulaçoens do tractado. Em quanto as suas tropas auxiliares estavam ao lado das tropas Francezas, recebiam somente uma parte da paga, que segundo o ajuste lhe era devida; e os vassallos de S. M. soffriam uma perda consideravel, tanto pelo embargo feito sobre a sua propriedade, que estava depositada nas cidades de Lubec, e Hamburgo, da qual o Governo Francez tomou para si o privilegio da disposição, como pela apprehensão dos fundos do Banco nesta ultima cidade. As promessas de restauração feitas em consequencia das queixas que sobre isso se fizeram, ficaram, como a reclamação feita sobre o objecto, sem effeito.

Estava assegurado pelo Tractado, que 20.000 homens estariam promptos para proteger os Ducados, e a Jutland, porem o Marechal d' Eckmuhl deixou a posição que cobria aquellas provincias, e retirou-se com todas as tropas debaixo doseu commando para Hamburgo, deixando as tropas do Rey entregues a sua sorte, e que não podiam fazer frente á força superior que estava avançando para forçar, pela sua desproporção de poder, a entrada no paiz. A irrupção do inimigo dentro dos Ducados, junctamente com a perda das fortalezas, foi seguida pelo Rey ser abandonado por um Alliado, em cujo auxilio tinha racionaveis fundamentos para se fiar.

Vio-se S. M. na necessidade de consintir nos maiores sacrificios para livrar a restante parte dos seus estados da invasão, com que estavam ameaçados por terra, pelas tropas combinadas de diversas potencias, e a fim de outra vez ganhar a posse daquellas provincias, que tinham caído nas mãos do inimigo.

Chamou o seu Ministro juncto á Corte do Imperador da França, e declarou ao Ministro de S. M. I. residente na sua Corte, que não podia considerallo por mais tempo naquella qualidade de Ministro, e que lhe seria dada oppor-tunidade para voltar para França.

Sua Magestade igualmente declara, que vai unir-se aos Soberanos ligados contra a França, em ordem a ajudar a promover uma paz geral, pela qual todas as naçoens da Europa estão suspirando, e que he tam necessaria aos Estados Dinamarquezes.

Middlefort, 17 de Janeiro, de 1814.

---

FRANÇA.

*Edicto que manda recolher os Francezes, que se acham no serviço de Napoles.*

Nos, Conde Mole, Gram Juiz, Ministro da Justiça, Official da Legião d' Honra, e Gram Cordão da Ordem da União :—

Tendo em consideração a carta, que nos foi dirigida em 17 de Fevereiro, de 1814, por M. o Duque de Vicenza, e pela qual nos informa, na conformidade das ordens de S. M. o Imperador, e Rey ; de ter o Rey de Napoles declarado guerra contra a França, e de que he a intenção de S. M. Imperial, e Real, que nos, por uma formal declaração e conforme com as existentes leys, chamemos todos os Francezes que estiverem no serviço civil, ou militar do Governo Napolitano, na conformidade do Artigo 2º. do Decreto Imperial de 6 de Abril, de 1809, e dos Artigos 17 e 18, do de 26 de Agosto, de 1811 :—

Declaramos, que todo o Francez que agora, com licença de S. M. ou sem ella, estiver no serviço militar ou civil do Governo Napolitano, deverá voltar para dentro do territorio do Imperio dentro do espaço de tres mezes, a contar de 17 de Fevereiro, de 1814, e que deveraõ ali ser obrigados a provar a sua volta, segundo as formalidades prescriptas pela ley, sem o que, ou depois da expiraçaõ daquelle termo, os delinquentes seraõ denunciados, e processados pelos Agentes do Governo publico, na conformidade das disposiçoens do Decreto Imperial de 6 de Abril, de 1809.

Dado em Paris, em o nosso Palacio, aos 22 de Fevereiro, de 1814.

(Assignado) “ Conde MOLE.”

---

DECRETOS IMPERIAES.

Quartel-general de Frismes, de 5 de Março, de 1814.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c. &c.

Considerando que os Generaes inimigos tem declarado que haõ de fuzilar todos os paizanos que pegarem em armas, temos decretado e decretamos o seguinte:—

Art. 1. Todos os Cidadaõs Francezes, estaõ authorizados, naõ so para correrem ás armas, mas requer-se que o façam, tocando o sino, assim que ouvirem os canhoens das nossas tropas que se avizinham ; para se ajunctarem, baterem os matos, cortarem as pontes, interromperem a communicaçãõ, e cairem sobre os flancos e retaguarda do inimigo.

2º. Todo o cidadaõ Francez tomado pelo inimigo, que for posto á morte, sera incessantemente vingado pela morte de um prisioneiro inimigo, como represalia.

3º. Os nossos ministros ficam encarregados da execu-

ção do presente Decreto, o qual será impresso, affixado, e inserido no Buletin das Leys.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador.

Duque de BASSANO,

Ministro Secretario de Estado.

Quartel-general de Frismes, 5 de Março.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ Suissa, &c. &c.

Considerando, que os habitantes das cidades, e dos campos, indignados pelos horrores contra elles commettidos pelo inimigo, especialmente pelos Prussianos, e Cossacos, correm ás armas por um justo sentimento de honra nacional, para surprehenderem partidas do inimigo, apanhar-lhe os convois, e causar-lhe o mais damno que podem, que porém em algumas partes tem sido dissuadidos de o fazerem, pelos Mayores e outros Magistrados.

Temos decretado, e decretamos o seguinte :—

Art. 1º. Todos os Mayores, Funcionarios Publicos, e Habitantes, que em véz de excitarem o impulso patriotico do povo, o abatem, dissuadindo os cidadãos da legitima defeza, seraõ condemnados como traidores, e tractados por taes.

2º. Os nossos Ministros ficam encarregados da execuçaõ do prezente Decreto, que será inserido no Buletin das Leys.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador.

O Duque de BASSANO,

Ministro Secretario de Estado.

Quartel-general Imperial de Troyes, 24 de Fevereiro.  
Napoleaõ, Imperador dos Francezes, e Rey de Italia,

Protector da Confederaçã do Rheno, Mediador da Confederaçã Suissa, &c. &c.

Temos decretado, e decretamos o seguinte :—

Art. 1º. Tirar-se-ha uma lista daquelles Francezes, que vivendo no serviço das potencias alliadas, ou debaixo de quaesquer titulos, tem acompanhado os exercitos inimigos na invasaõ do territorio do Imperador, depois do dia 20 de Dezembro, de 1813.

2º. Os individuos comprehendidos na dicta lista, seraõ citados sem demora, e cessando todos os outros negocios perante as nossas Relaçoes e Tribunaes, ali seraõ julgados, e condemnados ás penas impostas pelas leys, e a sua propriedade confiscada a beneficio dos dominios do Estado, na conformidade das leys existentes.

3º. Todo o Francez que tiver trazido as insignias dos habitos da antiga dynastia, nos logares occupados pelo inimigo, e durante a sua estada lá, será declarado traidor, e por tal julgado por uma commissãõ militar, e condemnado á morte. A sua propriedade será confiscada a bem dos dominios do Estado.

4º. Os nossos Ministros ficam encarregados, cada um pelo que lhe pertence, da execuçaõ deste Decreto, o qual será inserido no Bulletin das Leys.

(Assignado) NAPOLEAÕ,

Pelo Imperador,

O Duque de BASSANO,

O Ministro Secretario de Estado.

Napoleaõ, &c. &c.

Considerando que o Prefeito do Aube deixou o territorio do seu departamento, e especialmente a commarca de Nogent, em quanto as nossas tropas ainda a occupavam, que ainda naõ tem tomado medidas para voltar, a tornar a exercer as suas funcçoens, ao tempo em que a capital do seu departamento estava evacuada pelo inimigo.

Temos decretado, e decretamos o seguinte :—

O Baraõ Caffarelli, Prefeito do Departamento do Aube está demittido do seu officio.

Outro Decreto nomea Mr. Roederer, Prefeito do Departamento do Thrasimeno, Prefeito do Aube; Terceiro Decreto nomea Mr. Tlaw para exercer as funcçoens pelo presente.

---

HESPAHHA.

*Tractado de Paz e Amizade entre El Rey Fernando VII. e Bonaparte.*

S. M. Catholica, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçãõ do Rheno, e Mediador da Confederaçãõ Suissa, igualmente animados do desejo de fazerem cessar as hostilidades, e de concluir um Tractado de Paz definitivo entre as duas Potencias, nomeáram Plenipotenciarios para este fim, a saber :

S. M. D. Fernando, a D. José Miguel de Carbajal, Duque de S. Carlos, Conde del Puerto, Gram Mestre das Postas das Indias, (Correio Môr das Indias) Grande de Hespanha da primeira classe, Mordomo Môr de S. M. C. Tenente-general dos Exercitos, Gentil Homem da Camara, com exercicio, Gram Cruz, e Commendador de diversas Ordens, &c. &c.

S. M. o Imperador e Rey, a Mr. Antonio Renato Carlos Mathurin, Conde de Laforest, Membro do seu Conselho de Estado, Gram Official de Legiaõ de Honra, Gram Cruz da Ordem Imperial da Reuniaõ, &c. &c.

Os quaes depois de trocarem seus plenos poderes respectivos, convieram nos seguintes artigos :

Art. 1. Haverá para o futuro, e desde a data da ratificaçãõ deste Tratado, Paz, e Amizade entre S. M. Fernando VII., e seus successores, e S. M. o Imperador e Rey, e seus successores.

2. Cessaraõ todas as hostilidades por mar, e por terra,

entre as duas naçoens ; a saber : em suas possessoens continentaes da Europa, logo depois das ratificaçoens deste Tractado ; quinze dias depois, nos mares que banhaõ as costas da Europa, e Africa, desta parte do Equador ; quarenta depois, nos mares de Africa, e America da outra parte do Equador ; e tres mezes depois, nos paizes, e mares situados a Leste do Cabo da Boa Esperança.

3. S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, reconhece a D. Fernando, e seus successores, segundo a ordem de successaõ estabelecida pelas Leys fundamentaes de Hespanha como Rey de Hespanha, e das Indias.

4. S. M. o Imperador e Rey reconhece a integridade do territorio de Hespanha, tal qual existia antes da guerra actual.

5. As Provincias, e Praças presentemente occupadas pelas tropas Francezas seraõ entregues, no estado em que se acharem, aos Governadores, e ás tropas Hespanholas que por El Rey forem enviadas.

6. S. M. El Rey Fernando se obriga pela sua parte a manter a integridade do territorio de Hespanha, Ilhas, Praças, e Presidios adjacentes, especialmente Mahon, e Ceuta, Obriga-se tambem a fazer evacuar as Provincias, Praças, e territorios occupados pelos Governadores, e exercito Britannico.

7. Far-se-ha uma convençaõ militar entre um Commissario Francez, e outro Hespanhol, para que seja simultanea a evacuaçaõ das Provincias Hespanholas ou occupadas pelos Francezes ou pelos Inglezes.

8. S. M. C., e S. M. o Imperador e Rey se obrigam reciprocamente a manter a independencia de seus direitos maritimos, do modo que foram estipulados no Tractado de Utrecht, e como as duas naçoens os tinham mantido até ao anno de 1792.

9. Todos os Hespanhoes addictos ao Rey José, que o serviram nos empregos civis ou militares, e que o acompa-

nháram, voltaraõ ás suas honras, direitos, e prerogativas de que gozavaõ : todos os bens de que tiverem sido privados, lhes seraõ restituídos. Os que quizerem ficar fóra de Hespanha teraõ o prazo de 10 annos para venderem seus bens, e tomarem todas as medidas necessarias ao seu novo domicilio. Ser-lhes-haõ conservados seus direitos ás successoens que lhes poderem pertencer, e poderam desfructar os seus bens, e dispor delles, sem estarem sujeitos ao direito do fisco ou de retractaçãõ, ou qualquer outro direito.

10. Todos os bens moveis ou immoveis, pertencentes em Hespanha a Francezes, ou Italianos, lhe seraõ restituídos no estado em que os desfrutavaõ antes da guerra. Todas as propriedades sequestradas ou confiscadas em França, ou em Italia aos Hespanhoes antes da guerra, tambem lhe seraõ restituídas. Por ambas ás partes se nomearaõ Commissarios, que regularaõ todas as questoes contenciosas, que se suscitarem ou sobrevierem entre Francezes, Italianos, ou Hespanhoes, tanto por discussoes de interesses anteriores á guerra, como pelos que tiverem havido depois della.

11. Seraõ restituídos os prisioneiros feitos por ambas as partes, ou estejaõ nos depositos, ou em qualquer outra paragem, ou tenham já tomado partido ; menos que, logo depois da paz, declarem perante um Commissario da sua naçaõ, que querem continuar no serviço da Potencia que servem.

12. A guarniçaõ de Pamplona, os prisioneiros de Cadiz, da Corunha, das Ilhas do Mediterraneo, e os de qualquer outro deposito, que tiverem tido entregues aos Inglezes, igualmente se restituiraõ, ou estejam na Hespanha, ou tenham sido enviados para a America.

13. S. M. Fernando VII. obriga-se igualmente a fazer pagar ao Rey Carlos IV. e á Raynha sua esposa, a somma annual de 30 milhoens de reales, que será exactamente paga aos quarteis de tres em tres mezes. Pela morte do

Rey receberá a Rainha, pelo estado de viuva, dous milhoens de Francos. Todos os Hespanhoes que estiverem ao seu serviço, teraõ a liberdade de residir fõra do territorio Hespanhol todo o tempo que SS. MM. julgarem conveniente.

14. Concluir-se-ha um Tractado de Commercio entre ambas as Potencias; e entretanto ficaram as suas relaçoens mercantis no mesmo pé em que estavam antes da guerra de 1792.

15. A ratificaçãõ deste Tractado se verificará em Paris no termo de um mez, ou antes, se for possivel.

Feito e assignado em Valencey, aos 11 de Dezembro, de 1813.

O Duque de S. CARLOS.

O Conde de LAFOREST.

#### *Artigos Secretos.*

Nós abaixo assignados, Plenipotenciarios nomeados respectivamente para negociar e firmar uma paz entre Hespanha e França, temos formado o presente protòcolo da nossa ultima conferencia, no momento de firmar o Tractado, para fazer constar que foi ouvido por uma e outra parte, a saber:

1º. Que os plenos poderes dados ao Plenipotenciario Hespanhol, em fõrma de carta authographa, por falta de Chancellaria, foram apresentados com a condiçãõ de se lhes substituir, quando se verificar a troca das ratificaçoens, se esta se verificar, outros poderes revestidos das formulas usadas em Hespanha.

2º. Que, se o termo de 30 dias estipulado no Art. 15 do Tractado para troca das ratificaçoens, naõ for bastante, por causa de algum impedimento real, e verdadeiro, fica reservado o proceder-se a esta troca nos 15 dias seguintes, ou antes, se poder ser.

Feito e assignado em Valencey, aos 11 de Dezembro, de 1813.

O Duque de S. CARLOS.

O Conde de LAFOREST.

*Carta authographa de Fernando III. ao Duque de S. Carlos.*

Duque de S. Carlos, meu primo. Desejando que cessem as hostilidades, e concorrer para o restabelecimento de uma paz sólida e duravel entre a Hespanha e a França, e havendo-me feito proposições de paz o Imperador dos Francezes e Rey de Italia, vos dou, pela intima confiança que tenho na vossa fidelidade, pleno e absoluto poder, e incumbencia especial, para que em nosso nome trateis, concluaes, e firmeis com o Plenipotenciario nomeado para este effeito por S. M. I. e R. o Imperador dos Francezes e Rey de Italia, os Tractados, Artigos, ajustes, ou outros quaesquer actos que julgardes convenientes; promettendo cumprir e executar pontualmente tudo o que por vós, como Plenipotenciario, prometterdes e firmardes em virtude deste poder, e de fazer expedir as ratificações em boa fórma, a fim de que se troquem no termo que se ajustar.

Em Valencey, aos 4 de Dezembro, de 1813.

FERNANDO.

Ao Duque de S. Carlos.

Napoleão, Imperador dos Francezes, &c. &c. (Da iguaes poderes a Laforest, com a differença unica de declarar que he para tractar com o encarregado do Principe das Asturias, e não com o do Rey Fernando.)

*A Regencia do Reyno houve por bem expedir o seguinte Decreto.*

D. Fernando VII., por graça de Deos, e pela Constituição da Monarchia Hespanhola, Rey das Hespanhas, e em sua ausencia e captiveiro, a Regencia do Reyno, nomeada pelas Cortes Geraes e Extraordinarias, a todos os

que as presentes virem e entenderem, sabei : que as Cortes decretaram o seguinte :

Desejando as Cortes dar, na crise actual da Europa, um testemunho público e solemne, de perseverança inalteravel aos inimigos, de franqueza, e boa fé aos Alliados, e de amor, e confiança a esta nação heroica ; e destruir igualmente de um golpe quantos estratagemas, e ardis passos intentar Napoleaõ, na situação apertada em que se acha, para introduzir em Hespanha sua pernicioso influencia, deixar ameaçada a nossa independencia, alterar as nossas relações com as potencias amigas, ou semear a discordia nesta nação magnanima, unida em defeza dos seus direitos, e de seu legitimo Rey o Senhor D. Fernando VII., determináram decretar, e decretam :

1. Conforme o theor do decreto dado pelas Cortes geraes e extraordinarias no 1º. de Janeiro, de 1811, que de novo circulará pelos generaes e authoridades, que o governo julgar conveniente, não se reconhecerá por livre El Rey, e por tanto não se lhe prestará obediencia, até que no seio do congresso nacional preste o juramento prescripto no artigo 173 da constituição.

2. Apenas os generaes dos exercitos, que occupam as provincias das fronteiras, souberem com probabilidade a proxima vinda d'El Rey, expediraõ um expresso, ganhando horas, para fazer sabedor o governo das noticias que tiverem adquirido a respeito da dita vinda, accompanhamento d'El Rey, tropas nacionaes ou estrangeiras, que se dirigirem com S. M. para a fronteira, e quaesquer ou tras circunstancias que poderem averiguar, concernentes a taõ grave assumpto; e deverá o o governo passar immediatamente estas noticias ao conhecimento das Côrtes.

3. A regencia disporá tudo o que for conveniente, e dará aos generaes as instrucções e ordens necessarias para que ao chegar El Rey á fronteira receba copia deste decreto, e uma carta da Regencia, com a solemnidade devida, que instrua S. M. do estado da nação, dos seus heroicos sa-

crifícios, e das resoluções tomadas pelas Côrtes para segurar a independencia nacional e a liberdade do monarca.

4. Não se permittirá que entre com ElRey força alguma armada; e no caso que esta intentasse penetrar pelas nossas fronteiras, ou linhas dos nossos exercitos, será re-rechaçada conforme as leys da guerra.

5. Se a força armada, que acompanhar El Rey, fôr de Hespanhoes, os generaes em chefe observaraõ as instrucções que tiverem do governo, dirigidas a conciliar o allivio dos que tiverem padecido a desgraçada sorte de prisioneiros com a ordem e segurança do estado.

6. O general do exercito que tiver a honra de receber El Rey, lhe dará do seu mesmo exercito a tropa correspondente á sua alta dignidade, e honras devidas á sua Real Pessoa.

7. Não se consentirá que acompanhe a El Rey nenhum estrangeiro, nem ainda na qualidade de domestico ou creado.

8. Não se permittirá que accompanhem a El Rey, nem em seu serviço, nem de maneira alguma, os Hespanhoes que tiverem obtido de Napoleaõ, ou de seu irmão José, emprego, pensaõ, ou condecoração, de qualquer classe que seja, nem os que tiverem seguido os Francezes na sua retirada.

9. Confia-se ao zelo da Regencia o assignalar a derrota, que houver de seguir ElRey até chegar a esta capital, a fim de que no acompanhamento, serviço, honras que se lhe fizerem no caminho, e na sua entrada nesta côrte, e outros artigos concernentes a este particular, receba S. M. demonstrações de honra e respeito, devidas á sua dignidade suprema, e ao amor que lhe professa a nação.

10. Authoriza-se por este decreto o presidente da Regencia para que, em constando a entrada de ElRey no territorio Hespanhol, saia a receber S. M. até o encontrar e o acompanhe á capital com a correspondente comitiva.

11. O presidente da Regencia appresentará a S. M. um exemplar da constituição Política da Monarchia, para que, instruido nella S. M., possa prestar, com plena deliberação e vontade cumprida, o juramento que a constituição prescreve.

12. Quando El Rey chegar á capital, virá em direitura ao congresso a prestar o dicto juramento, guardando-se neste acto as cerimoniaes e solemnidades ordenadas no regulamento interior de côrtes.

13. Logo que El Rey prestar o juramento prescripto na constituição, trinta individuos do congresso, entre elles dous secretarios, acompanharão S. M. a palacio, onde formada a Regencia com a devida cerimonia, entregará o governo a S. M., conforme a constituição, e o artigo 11 do decreto, de 4 de Setembro, de 1813. A deputação voltará para o congresso a dar conta de o ter assim executado; ficando no arquivo das Côrtes o correspondente documento.

14. No mesmo dia daraõ as Côrtes um decreto, com a solemnidade devida, para que chegue á noticia da nação inteira o acto solemne, pelo qual, e em virtude do juramento prestado, foi El Rey collocado, constitucionalmente no seu throno. Este decreto, depois de lido nas Cortes, se porá nas mãos d'El Rei por uma Deputação igual à precedente, para que se publique com as mesmans formalidades que todos os outros, na conformidade do estabelecido no artigo 140 do regulamento interior de Cortes.

Assim o tenha entendido a Regencia do Rheno para seu cumprimento; e o fará imprimir, publicar, e circular.—

ANTONIO JOAQUIM PERES, Vice Presidente.

PEDRO DE ALCANTARA DA COSTA, Dep. Sec.

ANTONIO DIAZ, Deputado Secretario.

Para a Regencia do Reyno.

Feito em Madrid, aos 2 de Fevereiro, de 1814.

## ITALIA.

*Proclamação do Príncipe Vice Rey.*

Povo do Reyno de Italia! Há tres mezes que tendes sido bástantemente affortunado em preservar da invasaõ do inimigo a maior parte do vosso territorio.

Por perto de tres mezes nos tem os Napolitanos solemnemente promettido succorro. Ah! como poderiamos nos desconfiar das suas promessas? O seu Soberano está ligado pelos laços do sangue ao grande homem, aquem tanto elle como eu devemos tudo; mas este grande homem he agora menos affortunado!

Confiando na palavra dos Napolitanos, estavamos nos justificados em esperar que os esforços que até aqui temos feito não haveriam de ser perdidos; e que o inimigo seria brevemente obrigado a retirar-se para lá das nossas fronteiras.

Povo do Reyno de Italia, podeis vos crello? Assim tem os Napolitanos attraçoado todas as nossas expectações, e todas as nossas esperanças!

Porquanto, foi apresentando-se elles como Alliados que penetraram o nosso territorio, que lhes foi permittido occupar varios dos nossos departamentos! Nos recebemollos como irmaõs, abrimos-lhes com ancia os nossos almazens, os nossos cofres publicos, os nossos arsenaes, e as nossas fortalezas.

E, em paga dos nossos sacrificios, em paga da nossa confidencia, he mesmo sobre aquella linha aonde as suas armas deviam ter-se unido ás nossas, que elles estenderam as mãos aos estrangeiros, e levantaram os seus estandartes contra nos.

A historia patenteará um dia todas as intrigas, todos os recursos de que se fez uso para desencaminhar a este ponto um Soberano, já demasiadamente distincto, pelo seu valor, para não possuir todas as outras virtudes de um soldado.

Povo do Reyno de Italia! Não dissimulemos. A rebelião dos Napolitanos tem augmentado as difficuldades da nossa situação; porem não receamos publicallo. Quanto mais a nossa situação he difficil, mais a nossa coragem deve crescer.

Vos deveis portanto ajunctar-vos em roda do filho do vosso Soberano; deveis confiar na justiça, e sanctidade da vossa causa; marchareis á vóz daquelle que vos ama, e que não tem outra ambição senão concorrer com todos os seus meios para augmentar a vossa gloria, e confirmar a vossa prosperidade.

Italianos! — Immortaes na estima, e nos annos das outras naçoens, são so aquelles que sabem viver, e morrer fieis aos seus Soberanos, á sua patria, fieis ao seu dever, e aos seus juramentos; fieis á gratidão e a honra.

EUGENIO NAPOLEÃO.

Dada em o nosso quartel-general de Verona, em Fevereiro, de 1814.

---

PAIZES-BAIXOS UNIDOS.

*Annuncio da constituição Politica dos Paizes-baixos Unidos.*

Guilherme, por graça de Deus, Principe de Orange, Nassau, Principe Soberano dos Paizes-baixos Unidos, &c. A todos os que presentes virem, saude!

Chamado para a Soberania destes estados pela vossa confidencia, logo ao principio declarámos, que haviamos de acceitalla, porém debaixo da segurança de uma sabia constituição, que podesse assegurar a vossa liberdade contra todos os possiveis abusos futuros; e desde então temos sempre continuado a conhecer a necessidade della.

Por conseguinte, temos julgado ser um dos nossos primeiros, e mais sagrados deveres, empregar algumas pessoas de consideração, e encarregallas da importante tarefa de estabelecer um codigo fundamental, fundado nas vossas

maneiras, e usos, e correspondente ás necessidades do tempo presente.

Estas pessoas gostosamente se incumbiram desta obra construiram-a com zelo, e submeteram á nossa inspecção o fructo dos seus constantes trabalhos.

Depois do mais escrupuloso exame, temos dado a esta obra a nossa approvaçãõ. Porém isto não sasisfaz o nosso coração. Ella diz respeito aos interesses de todos os Holandezes, todo o povo Hollandez deve ser reconhecido nesta importante obra. Afim de que o povo receba a mais firme segurança possível, de que os seus mais caros interesses fôram nella sufficientemente attendidos; de que a religião, como fonte de todo o bem, he por ella honrada e mantida; e a liberdade de religião segura de não ser disturbada por quaesquer respeitos temporaes, e affiançada da maneira mais ampla; de que a educação da mocidade, e a propagação dos conhecimentos scientificos seja attendida pelo governo; e livre daquelles molestos regulamentos, que opprimem o genio, e prendem o espirito; de que a liberdade pessoal não seja mais um nome vaõ, e dependente dos caprichos de uma suspeitosa, e astuta politica; de que a imparcial administração de justiça, guiada pelos principios fixos, assegura a todo o homem a sua propriedade; de que o commercio, agricultura, e manufacturas, não haõ de ser mais obstruidos, mas de que haõ de ter um curso livre, como a rica fonte da prosperidade publica, e particular; de que, portanto, nenhuma restricção será imposta sobre a economia domestica, assim das altas como das baixas classes do povo; mas de que ha de ser conforme ás leys geraes, e ao governo geral; de que os movimentos do governo geral não seraõ paralizados por demaziado zelo pelos interesses locaes, mas antes delle receberaõ maior impulso; de que as leys, por meio de uma harmoniosa co-operaçãõ dos dous principaes ramos do governo, saõ fundadas nos verdadeiros interesses do esta-

do; de que as finanças, e o armamento da nação, principaes columnas do corpo politico, serão collocados naquelle ponto central sobre que possa estar fixado firmemente o o maior, e mais precioso privilegio de um povo livre—*a sua independência*.—Quem de entre vós póde duvidar desta verdade, depois da terrivel experiencia que tendes tido de uma tyrannia estrangeira, que não reconhecia direito quando necessitava meios para a sua propria mantença por violencia; depois de terdes suspirado estes ultimos annos debaixo do jugo mais oppressivo, que já mais tem sido imposto, depois do tempo dos Hespanhoes?

Agora ao menos conheceis vós o verdadeiro valor daquelles preciosos direitos, pelos quaes vossos pays sacrificáram a sua propriedade e sangue; daquella felicidade, que deixaram aos seus descendentes, e que nós vimos perdida pela adversidade dos tempos!

Portanto, á imitação daquelles, cujo nome me distingue, e cuja memoria eu honro, seguindo o seu exemplo, e animando-me com elle, he do meu dever restaurar o que está perdido, e he do vosso auxiliar-me nisto com todos os vossos esforços; affim de que, com a benção da Divina Providencia, que nos chama a este emprego, possamos deixar a nossos filhos o nosso amado paiz completamente re-conquistado, e restabelecido.

Em ordem a poder julgar, se o codigo constitucional, assim formado como fica dicto, he o meio de conseguir o grande objecto a que nos propomos; tem-nos parecido justo, que o dicto codigo seja submettido, para mais madura consideração, a uma numerosa assemblea de pessoas, as mais consideraveis, e melhor qualificadas dentre vós.

Temos para este fim nomeado uma commissão especial, a qual, de uma lista que nos será apresentada, escolherá seiscentas pessoas em justa proporção da povoação de cada um dos departamentos agora existentes.

Estas, honradas com a vossa confiança, haõ de ajunctar-

se no dia 28 deste mez, na metropole de Amsterdam, para determinarem este importante negocio.

Haõ de tambem de receber, com a carta de convocaçãõ, o plano da constituiaçãõ, para que preparem a sua decisãõ com socego e deliberaçãõ; e para mais effectivo complemento deste objecto, a cada membro se inuiará previamente uma copia della.

“ E como he da primeira importancia que estes membros possuam confiança geral, ordenamos que se publique uma lista das pessoas escolhidas para cada departamento, e que se offereça a todos os habitantes delle, que forem donos de caza, oportunidade, para com a simplez assignatura do seu nome, em um registro que por oito dias estará aberto em cada cantãõ, desapprovar aquella pessoa, ou pessoas que julgar sem as qualidades necessarias.

Nenhum habitante he privado deste direito, á excepçãõ dos criados domesticos, moços, bancarrotas, pessoas em estado de menor idade, ou debaixo de accusaçãõ.

Quando nós conhecermos pela somma dos registros, que a maioridade está satisfeita com as pessoas por este modo sujeitas á sua eleiaçãõ, considerallas-hemos como os representantes de toda a naçaõ Hollandeza, convocallos-bemos appareceremos no meio delles, saudallos-hemos como os constituintes da grande assemblea representante dos Hollandezes Unidos.

Entãõ commecçaraõ os seus trabalhos para a liberdade, e dar-nos-haõ uma conta dos seus progressos por commissaõ nomeada para aquelle fim; e logo que a adopçaõ do codigo constitucional fôr o resultado das suas deliberaçoens, faremos os necessarios arranjos para prestarmos o juramento que nos he prescripto pela constituiaçãõ, com toda a devida solemnidade, no meio da assemblea, e depois disto seremos inaugurados solemnemente.

Na adopçaõ destas medidas, meus dignos compatriotas, deveis estar convencidos de que o bem do nosso amado

paiz he o nosso primeiro, e unico objecto ; que os vossos interesses, e os nossos saõ os mesmos ; e como podem elles ser mais manifestamente promovidos do que pela introducção de leys constitucionaes em que vós acheis a segurança dos vossos mais caros direitos ? Estas haõ de dar-nos a vantagem de poder conduzir, por principios fixos, o encargo e responsabilidade do Governo, ajudado pelos melhores, e mais inteligentes cidadãos ; e haõ de assegurar-nos a continuação daquella affeição, cujas expressoens nos alegam o coração, animam a nossa coragem, alliviam o nosso encargo, e ligam a nos e a nossa caza, para sempre ao nosso regenerado paiz.

Dado em Haya, em 2 de Março, de 1814, e no anno 1º. do nosso reynado.

(Assignado) GUILHERME.

Por ordem, A. R. FALCK, Secretario de Estado.

—  
SUISSA.

*Plano da Nova Confederação, publicado em Zurich, aos 18 de Fevereiro, 1814.*

Art. 1. Os Cantoens affiançam uns aos outros a sua constituição e independencia.

2. Os contingentes em homens, e em dinheiro seraõ fornecidos nas proporçoens fixadas pelo Acto de Mediação, porem conservando ainda a liberdade de fazerem aquellas alteraçoes que se julgarem necessarias, seja augmentando os estados da Confederação, ou descobrindo-se abusos no estabelecimento da sua igualdade.

3. Em cazo de inquietação em algum dos Cantoens, pode-se immediatamente pedir auxilio aos Cantoens vizinhos ; porem naõ obstante, deve-se dar parte disso ao Governo da Confederação, o qual ha de determinar porque maneira o auxilio ha de ser dado.

4. Naõ haverá mais vassallos em toda a Suissa.

5. O Contracto de provisoens será livre por toda a

Suissa ; porem podem-se adoptar medidas de policia contra o monopolio.

6. Todos os direitos de Importação, e Exportação, que até aqui existiam, são abolidos.

7. Nenhum Cantão formará Allianças com Potencias Estrangeiras, ainda que poderaõ fazer capitulaçoens militares, as quaes entretanto deveraõ ser sujeitas á approvaçaõ da Dieta.

8. O Sindicato, nomeado pelo Acto de Mediaçaõ, he abolido ; mas por outra parte, o direito de decisaõ, em outro tempo pertencente á Constituiçaõ, a respeito de algumas desavenças que houver entre os Cantoens, he restaurado. Em cazo que naõ possam concordar a respeito do Arbitro, nomeará a Dieta um para decidir entre elles.

9. Em cazo de desavenças que possa haver em algum tempo entre os cantoens ; naõ recorreraõ ás armas, mas appellaraõ somente a meios legaes.

10. O Cantão de Zurich será sempre o primeiro Cantão.

11. O prezidente Burgomestre de Zurich he Prezidente da Confederaçaõ, e da Dieta.

12. Conceder-se-lhe-há um Conselho, cujos membros seraõ escolhidos pela Dieta.

13. Cada Cantão enviará Deputados para a Dieta, porém so teraõ um voto, o qual podem dar como quizerem ao seu Conselho.

14. A Dieta ajunctar-se-há regularmente na primeira Segunda-feira de Julho.

15. O primeiro Cantão, Zurich, poderá convocar Dietas extraordinarias ; ou por si mesmo, ou á sollicitaçãõ de cinco Cantoens.

16. A Dieta somente pode declarar guerra, e fazer tractados e Allianças. Em um ou outro cazo, a maioridade deve ter uma pluralidade de tres quartos dos votos.

17. As alianças naõ teraõ força de obrigaçaõ senaõ sobre aquelles Cantoens que votaram para ellas.

18. A Dieta determinará sobre as tropas do contingente, em cazos de perigo domestico, ou estrangeiro.

19. Tambem escolherá os Deputados para a confederação, e fallos há recolher.

20. Cada Cantaõ terá so um voto, á excepção dos dous grandes Cantoens, aquem se concederaõ dous.

21. O Primeiro Cantaõ tem direito de informar a outro, quando nelle estiverem para se levantar desordens.

22. O Conselho de Estado do primeiro Cantaõ tem direito de fazer as vezes de Conselho, em occurrencias ordinarias, que não forem de muita consequencia.

23. A Chancellaria da Confederação he escolhida para tres annos, e pode tornar-se a eleger de novo.

24. Todos os contractos e estipulaçoens mutuamente contrahidos entre os Cantoens, assim como todas as resoluçoens da Dieta permaneceraõ em vigor no que se não oppozerem ao presente Acto.

25. Todas as Ordenaçoens feitas pela Confederação, e pelos Cantoens, seraõ depositados nos archivos da Confederação.

---

## COMMERCIO E ARTES.

---

NAPOLLES.

*Decreto para o commercio livre no Reyno de Napoles.*

**T**ENDO sido informado do estado do reyno a respeito da superabunnancia do nosso producto, e tambem da condição do nosso commercio, e tendo dezejo de dar toda a facilidade á exportação, e importação, que poder ser util ao nosso povo, depois de ter examinado as relaçoens dos nossos Ministros do Interior, e das Finanças, temos decretado, e decretamos o seguinte :—

ART. 1. Os navios de todas as potencias amigas, e

neutraes, debaixo da sancção deste decreto, poderaõ entrar em todos os portos do nosso reyno com os productos de todo e qualquer paiz, e ser-lhes-há permitido sair com as mercadorias e productos, sem pagarem mais direitos do que aquelles que saõ estipulados na tarifa publica. Tambem poderaõ deixar em deposito as dictas mercadorias, e transportar o todo, ou parte; naõ sendo estas contrabando pelas leys actuaes. Se as mercadorias deixadas em deposito forem contrabando, deve a transacção limitar-se ao porto de Napoles.

2. Todos os decretos, e ordens precedentes inconsistentes com este decreto ficam por elle revogados.

3. Os nossos diversos ministros saõ encarregados da execução deste decreto.

(Assignado) JOAQUIM NAPOLEAÕ.

PIGNATELLI, Ministro de Estado.



PORTUGAL.

*Observações sobre o estado actual Commercio Externo.*

A mudança de circumstancias na exportação directa dos generos do Brazil para os paizes estrangeiros, he uma epoena taõ importante na historia do commercio Portuguez; e a sua influencia no systema commercial e recursos da nação he taõ clara, que nenhuma pessoa, que se interesse nestas materias pode deixar de conhecer, que nem os regulamentos antigos, nem as maximas até aqui adoptadas pelo Governo neste ramo da administração publica, pódem por forma alguma convir com o estado presente das cousas.

Sempre nos pareceo, que éram injustos e impoliticos os regulamentos commerciaes, tendentes a promover a prosperidade de uma parte nação á custa de outra parte. O Governo deve olhar para toda a nação, como um pay para seus filhos, sem que dé a nenhum a preferencia de valido, á custa da justiça, que os outros tem direito a es-

perar. He neste sentido, que sempre julgamos odiosa a sugeição em que o commercio do Brazil se achava a respeito de Portugal; porém muito mais duro nos parece, que os dominios Portuguezes na Europa se façam dependentes, ou em maneira alguma secundarios, nas materias de commercio, sêja ao Brazil, seja a alguma outra parte dos Estados Portuguezes; e julgamos, que a regra geral deve ser dispôr as cousas de maneira, que os differentes pontos da monarchia se ajudem mutuamente uns aos outros, e dem ao commercio de suas respectivas producçoens a possivel preferencia, que faça com que o commercio de todas com o estrangeiro, sêja o mais productivo que puder ser.

Todos sabem, e todos conhecem, mais ou menos, que tem tido lugar éstas importantissimas mudanças, nas circumstancias do commercio Portuguez; mas ainda nos não chegou á noticia, que se fizesse algum systema de regulamentos, novos adaptado a ésta mudança; e o Governo tem tido desde 1808, em que se abríram os portos do Brazil ao commercio estrangeiro, bons cinco annos para pensar nestas materias.

Como ésta negligencia se faz sensivel em todo o commercio em geral, pelas mutuas relaçãoes, que os seus differentes ramos tem um com outros; bastará mostrar alguns exemplos particulares, para dar a conhecer, quanto a falta de attençaõ a um objecto de tanta importancia prejudica os interesses da naçaõ, e impede a prosperidade das rendas publicas.

Seja o primeiro exemplo o dos vinhos. Como Portugal he um paiz abundante em vinhos, éram vedados os vinhos estrangeiros; e como o Brazil so commerciava em Portugal, ésta prohibiçaõ naturalmente se estendia tambem ao Brazil. Abriram-se os portos do Brazil ao Commercio do estrangeiro, e pela generalidade da ley ficou sendo permittido aos estrangeiros levarem vinhos de fora ao Bra-

zil. Ora, se Portugal achou até 1808, que se devia dar no Brazil a preferencia aos vinhos nacionaes; não ha motivos para que, depois de 1808, se deixasse de continuar a mesma preferencia.

O Governo de Portugal, em seus tractados commerciaes com a Inglaterra (veja-se o tractado de 1703, art. 2.) estipulou que em Inglaterra se desse a preferencia aos vinhos Portuguezes; o que se executou diminuindo os direitos dos vinhos Portuguezes uma terça parte dos direitos impostos aos vinhos Francezes. Nestes termos, se o Governo Portuguez achou que era justo estipular ésta preferencia em um paiz estrangeiro; não podia deixar de ser racionavel, que a mesma, quando não fosse maior preferencia se desse no Brazil aos vinhos de Portugal.

Se os habitantes de Lisboa são privados por seu Governo de beber os vinhos estrangeiros, pelo beneficio que dahi resulta á nação em geral, tambem os habitantes do Brazil, que são parte de mesma nação deveriam soffrer o mesmo incommodo. He assim que fomentando o consumo dos vinhos Portuguezes no Brazil, se animaria ésta cultura, se empregariam nella mais braços, se daria occupação a todos os que se empregassem neste trafico; donde resultaria ao Brazil a vantagem de ter em Portugal mais consummidores aos generos Americanos; e assim exemplificamos como esta justa preferencia fomentaria mutuamente ambas as partes do Estado, e o commun da nação com o augmento de commercio.

Escolhemos este exemplo dos vinhos, para nos livrarmos de fallar nas chitas, e outras manufacturas, que estavam estabelecidas em Portugal, e que os Authores do tractado de commercio com Inglaterra introduziram no Brazil, por ter o Conde de Linhares asseverado, que a maior imposição de direitos de 15 por cento bastava para fazer florescer as manufacturas nacionaes. Não fallamos neste artigo, porque nos levaria á discussão do tal tractado

Roevidico ; e da confusão da legislação do Alvará de 7 de Março, de 30 de Julho, e decretos de 3 de Novembro, de 1801, que dêram bem a conhecer a falta de unidade de planos, no ministro que suggerio aquelles regulamentos. Mas em fim os vinhos são producção de Portugal, producção que a Inglaterra não tem ; producção com que se não intromette o tractado de commercio ; e por tanto he este um artigo, que o desmazello, em que se acha, he absolutamente sem disculpa.

Havendo dado este exemplo de negligencia em não fomentar no Brazil o consummo dos vinhos de Portugal ; daremos agora outro de se não fomentar em Portugal a entrada e consummo de alguns generos do Brazil, e seja este exemplo o assucar. Este genero he dos mais importantes e consideraveis, na agricultura e commercio do Brazil. O tractado de commercio com a Inglaterra admittit-o nos portos Inglezes, para ser re-exportado ; mas aqui tem o inconveniente de concorrer com os assucares das colonias Inglezas ; inconveniente que não deve ter em Portugal, e portanto Lisboa he o mais adaptado lugar para se mandarem os assucares do Brazil, a esperar occasião de se re-exportarem para os paizes estrangeiros aonde haja precisão deste genero. Mas, perguntaraõ aqui, se se devem obrigar os negociantes do Brazil a mandar todo o seu assucar para Lisboa ? A nossa resposta he que não.

O commercio nunca prospéra com éstas restricções : o negociante deve mandar os seus generos para onde melhor lhe convier ; mas he mui possivel, por meio de saudaveis regulamentos, fazer com que seja mais conveniente ao negociante do Brazil, o mandar o seu assucar para Lisboa, do que para Londres ; e regulamentos desta natureza são os que se devem adoptar, e não a coucção. O primeiro regulamento, que tenderia a isto seria a izençaõ dos direitos no caso de baldeação, ou re-exportação ; depois, a facilidade no expediente dos despachos na alfândega ; •

dahi a admissãõ dos generos da quellas naçoens estrangeiras, que levarem o assucar de Lisboa, &c. He com estes attractivos, que se fomenta este ou aquelle ramo de commercio que he vantajoso ; e se desanima tal ou tal ramo, que se julga pernicioso ; as prohibiçoens directas no commercio, produzem quasi sempre o effeito opposto ao que se deseja.

He verdade, que se permite a baldeaçãõ do assucar em Lisboa ; mas, alem de naõ ser essa permissãõ acompanhada dos outros regulamentos de commercio, que a fariam ser de utilidade ; naõ ha nas disposiçoens sobre este objecto a clarezza necessaria para prevenir os impedimentos ; e evitar os vexames do negociante. Sabemos de um caso, em que estiveram por tres dias empataadas muitas caixas de assucar, esperando na ponte da alfandega de Lisboa a licença para baldeaçãõ, fazendo despezas de encerados, e perdendo o navio a occasiaõ de sahir ; porque naõ se sabia quem devia assignar o bilhete : remediou-se isto com esportulas, que devida ou indevidamente expediram o negocio ; mas logo veio nova duvida do Juiz da balança que exigio 2.400 reis de cada exportador ; queixáram-se as partes ao administrador de alfandega, o qual remetteo o negocio para o Conselho da Fazenda ; e assim pagaram as partes 4.800 reis, e se deo principio a um pezado tributo, sem que se pudesse averiguar porque authoridade começou.

O individuo aggravado julga que he menos mal sugerir-se ao pagamento, do que expôr-se aos incomodos e despezas de requerer ; e de algum modo tem razãõ ; mas naõ ha desculpa para a Juncta do Commercio, que, devendo olhar pelo bem commum, e devendo extender e saber destes factos, como he sua obrigaçãõ, naõ consulta com o seu parecer o Governo, e promove o estabelecimento de regras e disposiçoens geraes, que a clarem estorvos desta sorte, taõ oppostos á prosperidade do commercio.

Depois destes exemplos de negligencia, em não favorecer o consumo dos generos de Portugal no Brazil, nem os do Brazil em Portugal; veremos terceiro exemplo para mostrar que se não favorece em Portugal a industria mesmo de Portugal. Lembramos a fabrica de chapeos, e a importação das farinhas.

Quanto aos chapeos. Em tempo, em que éra prohibida a importação de chapeos estrangeiros, se impoz nesta manufactura o tributo de 100 reis, por cada chapeo fino, e pelos de inferior qualidade em proporção; entendendo-se este tributo somente para os que se consomem no reyno, a fim de não levantar o preço do artigo, em concurrencia com outros nos mercados estrangeiros: a difficuldade de reembolçar o tributo generalizou-o a todos os chapeos, consumidos no Reyno ou exportados; e a demais he permittida agora a importação dos chapeos estrangeiros, sem que paguem os 100 reis de direitos, a que estão sujeitos os chapeos das fabricas nacionaes; donde se segue que o chapeo nacional não pode competir com o estrangeiro, a menos que não seja melhor em qualidade, na proporção da differença de 100 reis, porque na exportação para o Brazil, todos pagam igualmente os direitos de 15 por cento de consulado; tendo os chapeos Portuguezes a demais, o onus de pagar o novo direito de 3 por cento, que pagam todas as fabricas do Reyno.

E, por occasião disto, explicaremos o que dicemos no vol. xi. p. 840, sobre a exportação das chitas de Portugal para o Brazil; as quaes pagam não somente os 19 por cento, como ali explicamos, em consequencia dos direitos de 16 por cento da casa da India, e despezas chamadas miudas; e 3 por cento depois de manufacturadas (por consequencia com augmento de tributo, por ter augmentado o valor na manufactura;) mas alem disso pagam outros 3 por cento de consulado direitos de sahida; com o que ficam as chitas estrangeiras, que pagam somente 15

por cento; 7 por cento mais favorecidas do que as nacionaes.

Quanto á importação das farinhas; nós toamos já este objecto em alguns dos nossos N<sup>os</sup>. precedentes, e o Governo de Lisboa se acha agora disposto, segundo nos informam, a attender a este artigo. A introdução das farinhas importadas dos Estados Unidos, era contraria aos antigos regulamentos, que somente permittiam a importação do trigo. Uma vez que a nação desgraçadamente precisava receber de fóra este essencial genero; a sua importação em grão offercia algumas vantagens, que não tinha sendo introduzio ja em farinha; porque a operação de moer o grão dava emprego aos moleiros, e todos os demais mechanicos de que este officio necessita; evitava-se a despeza da barrica, pois o grão vem a granel; o que não succede com a farinha; acautelavam-se melhor as fraudes dos Americanos; por isso que a farinha em barricas admitte o ser adulterada por muitos modos de que o grão não he susceptivel; e por fim, ficava em proveito do do Reyno o farello com que se sustentam os animaes domesticos e uteis; e o rolaõ com que se alimenta muita gente pobre.

Naõ obstante éstas reconhecidas vantagens, alegou-se com a necessidade que havia no Reyno de mantimentos, e que portanto éra conveniente fazer a vontade aos Americanos, recebendo as suas fazendas, em vez de admittir somente o trigo. O Governo de Portugal, porém, devia saber, que se o Reyno tinha necessidade deste artigo, tambem os Estados Unidos tinham precisaõ de o vender a Portugal; porque as circumstancias da guerra lhe tinham fechado quasi todos os outros mercados; aonde não podiam chegar sem extrema difficuldade.

Por fim, segundo nos informam, conveio em Lisboa o Governo de impôr crescido direito na importação da farinha embarricada, deixando ficar o trigo como se acha ac-

tualmente. Não entraremos nos motivos porque o Governo de Portugal, tendo por tanto tempo desprezado o cuidar deste objecto, acordou agora de sua negligencia. Motivos ha; e motivos só deviam ser o bem do Reyno, e prosperidade dos habitantes de Portugal, sem considerações das desavenças alheias, os quaes motivos existiam ha muito tempo, sem que o governo quizesse olhar para isso; e olha agora. Mas faça-se o milagre, diz o rifaõ, sêja o sancto qual for.

Com tudo, a introducção das farinhas, com direitos crescidos ou sem elles, he contra os interesses do Reyno, pelo que temos dicto. O argumento da necessidade he de mui pouca monta, no estado presente das cousas; porque a quasi annihilação do commercio dos Estados Unidos, em consequencia da guerra dos Inglezes os fará desejar ter occasião de poder exportar o seu trigo para Lisboa, e se o Governo Portuguez deixar passar esta occasião, sugueitando-se a receber as farinhas, talvez não tenha ao depois outra occasião taõ boa de trazer á razaõ os Estados Unidos.

Objectos taõ importantes, como os que temos apontado, nas circumstancias actuaes, exigem indispensavelmente a revisaõ dos regulamentos existentes sobre o commercio, e a adopção de novas medidas.

Nem nos digam, que os trabalhos e desgraças da guerra impedem por hora, que se cuidem nestas materias; porque são esses mesmos males da guerra os que exigem o remedio; da mesma forma que um doente não deve dizer, que deixa de tomar a medicina; porque está soffrendo dores; visto que em consequencia dessas dores, e para as alliviar he que se lhe prescrevem os remedios.

Tambem não deve servir de desculpa a occupação do governo nas materias pertencentes á guerra; porque para isso he que se inventáram as differentes repartições, unidas debaixo de uma só cabeça. Em quanto as pessoas,

a cujo cargo está a guerra, se empregam nos negocios militares, outros cuidam nos seus respectivos ramos. Pelo que respeita ao commercio, ha uma Juncta cujo dever he somente pensar, e consultar o governo nestas materias, e não tendo nada que fazer com a guerra, ésta lhe não póde servir de estorvo. Se a juncta do commercio não he capaz disto, modele-se de novo ; se os seus poderes não são assas extensos, dem-se-lhe novas instrucçoens, e não tenhamos o que vulgarmente se chama, o jogo do empurra ; conhecendo todos os males do estado ; e não havendo quem confesse, que he de sua obrigação remediallos.

---

*Contracto do Tabaco.*

Dissemos no nosso N°. passado, que a questão sobre a existencia do Contracto do tabaco estava por hora decidida ; porque o governo tinha determinado continuar os actuaes contractadores até Julho, de 1815. Depois nos chegou á mão o documento official, pelo qual o contracto se levou ainda mais adiante ; isto he até o fim do anno de 1815 ; pela razão, ou pelas razoens, declaradas no tal documento ; cujo theor he o seguinte.

*Portaria para a continuação do Contracto do Tabaco.*

Representando a juncta da administração do Tabaco, na consulta de 16 de Outubro proximo preterito, ter-se concluido o prazo prefixo, para se receberem os lanços do Contracto do Tabaco e Saboarias, sem que apparecesse lançador algum, e na de 23 de Dezembro seguinte, que continuava a mesma falta de lançador, não obstante tornar o contracto a andar na praça ; na forma do Aviso de 23 de Outubro dicto ; e que só os contractadores actuaes se tinham offerecido ultimamente por especial serviço, para continuarem, acabada a prorogação no fim do anno corrente ; se isso concorresse para melhor regimen d'elle, por mais algum curto espaço, que depois declaráram ser até

seis mezes. E tomando o governo em consideração, por uma parte a impossibilidade de se mandar comprar tabaco á Bahia na safra do corrente mez de Janeiro, para começar a administração da Fazenda Real, no primeiro do anno de 1815, sem poder chegar aqui antes de Abril d'elle, o que se comprar na safra de Janeiro do dicto anno ; e pela outra parte a nullidade dos Contractos Reaes arrematados ainda por anno, se este não fôr regular de Janeiro a Dezembro, na conformidade do Alvará do 1.º de Julho, de 1774, lhes fizéram propor a prorrogação por mais um anno : e porque elles se prestáram á mesma prorrogação para fazerem maior serviço ; Manda o Principe Regente Nosso Senhor, que os mesmos contractadores continuem no Contracto do tabaco e saboarias por mais um anno, desde Janeiro até o fim de Dezembro, de 1815 debaixo do mesmo preço, pagamento de mezadas, e quartéis, e todas as mais clausulas da prorrogação actual, sem a menor differença ou alteração. Manda outro sim, que continuem a andar na praça um e outro ramo do tabaco e saboarias, junctos e separados, para se tomarem lanços afrontarem e arrematarem a quem mais der, para terem principio em Janeiro, de 1816. A juncta da administração do tabaco o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio do Governo, em 7 de Janeiro, de 1814.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reyno.

---

*Breve Observação sobre o Documento acima.*

Duas razoens assigna ésta portaria, para a continuação do contracto nas mãos dos mesmos contractadores até Dezembro de 1815. Uma, he a falta de tempo para mandar comprar o tabaco ; outra, a ley que manda que os Contractos Reaes sejam por tempo de um anno de Janeiro a Dezembro.

Diz a Portaria, que não tinha o Governo tempo de man-

dar comprar o tabaco, para começar a administração da Fazenda Real no 1.º do anno de 1815. Mas se não ha tempo para o Governo o mandar comprar, tambem não póde haver tempo para os contractadores o comprarem ; e se estes acham tempo, ¿ Qual he a razão porque falta o tempo ao Governo ?

Aqui so póde haver uma circumstancia a favor dos actuaes Contractadores ; e vem a ser, que elles estivessem ja preparados para este caso, e tivessem dado as suas ordens a tempo para estas compras na Bahia, a fim de se aproveitarem da safra de Janeiro deste anno. Ora como nós não cremos em Bruchas, desejaríamos que o Reverendisimo Governo nos dissesse ; como adivinháram os Contractadores que elles havíam de continuar no Contracto, para se precaverem e mandarem fazer a compra do tabaco no mez de Janeiro do presente anno ?

Precavêram-se, talvez, mandando fazer as compras, mesmo na incerteza de ficarem, ou não, com o contracto, e expondo-se a uma horrorosa perda, no caso de que lhe não dêssem esse contracto, como déram? Que motivo teriam para se arriscarem assim a tão ruinosa perda? Se tal foi, não se póde allegar mais nada senão *puro patriotismo*.

He pena, que tão assignalado patriotismo se não mencionasse na Portaria, com o devido louvor.

Mas seja como fôr o modo porque os Contractadores podem alcançar a compra do tabaco em tempo competente ; o Governo confessa que não póde ; e por tanto foi obrigado a receber dos actuaes Contractadores, o *especial serviço* de continuarem no contracto, até o fim do anno de 1815.

Agora veremos o que promette o Governo para o futuro ; desta vez esperou pelos lanços, e esperou até Janeiro ; e então ja não éra tempo de mandar comprar o tabaco á Bahia. Findo o anno de 1814, se não houverem arrematantes, e o Governo esperar até Janeiro de 1815 ; estaremos na

mesma ; e não haverá tempo para mandar comprar o tabaco ; e logo o remedio deve ser tornar a aceitar o *especial serviço* dos Contractadores de continuar por mais um anno. E assim irá a cousa em diante per secula seculorum.

Mas Sua Reverendissima o Governador Principal, que he quem mais falla sobre materias de finanças, será maisavizado para avez que vem, e comprará o tabaco a tempo ; mas no em tanto que vai aprendendo a governar á custa destas liçoens dos Contractadores, sóffra o Erario a falta, e o povo o vexame ; ninguem tem duvida em que o barbeiro deve aprender o seu officio, mas lá custa o offercer-lhe a barba para a lição.

Sua Reverendissima, que he um dos Camerarios, que administram as rendas da Sancta Igreja Patriarchal de Lisboa, deve ali ter aprendido alguma cousa de finanças. Porém neste caso não éra necessario tanto estudo. Perguntamos a Sua Reverendissima ; se elle manda o criado ao estanco a comprar o seu arratel de rapé, justamente ao tempo que quer tomar a sua pitada. Não certamente. Logo bastava-lhe este conhecimento para saber, que o tabaco da Bahia, da saffra de Janeiro de 1814 para estar em Lisboa quando se precisasse delle em Janeiro de 1815, devia ser comprado com alguns mezes de anticipação ; e não deliberar sobre a compra em Lisboa, no mesmo mez em que he a saffra na Bahia ; e dahi dizer que por falta de tempo se não pode mandar comprar, e que, por se não poder mandar comprar, he preciso que os contractadores continuem com o contracto. Reverendissimo Senhor, se os seus conhecimentos de finanças não alcançaõ a mais ; cuide d'outro officio ; não se metta a governar Reynos.

A outra razão he a ley. He a primeira vez, que o Governo admittre que a ley o obriga a ponto de não poder dispensar nella ; ainda nas materias em que não ha prejuizo de terceiro, e que só o Governo he o interessado. Quando lhes faz conta, vem com a trovoadade de “ mando, quero, he minha vontade, de meu motu proprio, poder real, pleno

supremo, não obstante todas as leys, decretos, alvarás, provisões; ordens em contrario; e não passe pela chancellaria não obstante as Ordenações em contrario, &c." Agora, que se tractava de arranjar meramente o tempo porque devia durar o contracto; quando a questão he sómente a conveniencia ou utilidade das rendas publicas; quando se tracta de examinar o expediente que seria mais lucroso para o Erario, e havia duvida se se deviam continuar os mesmos contractadores; apparece a obediencia ao Alvará, que estabelece a regra geral, de serem os contractos Reaes arrematados de Janeiro a Dezembro!

Nós de certo não somos de opiniaõ, que o Monarcha se occupe a dispensar todos os dias nas leys, como se concedem indulgencias nas estampinhas impressas na rua do Passeio, em Lisboa, pelo contrario temos sempre declamado contra as dispensas das leys, que julgamos demasiado frequentes em Portugal; porém dizer, que he preciso continuar o monopolio do tabaco, na hypothese de ser a Administração por conta da Fazenda Real mais vantajosa ás rendas do Erario, méramente porque não querem dispensar na regra geral do Alvará, que manda fazer os contractos de Janeiro a Dezembro; lá he mostrar demasiado grande acatamento ao tal Alvará. Mas não nos esqueceremos desta repugnancia em dispensar com a ley, quando chegar o seu tempo.

Nós dariamos os parabens aos Contractadores de se lhem offerecido os lucros do contracto, com o accrescimento de se considerar isto serviço especial; se não fosse o estarmos persuadidos, que estas vantagens dos Contractadores são directamente em ruina do bem publico. Agradeçamos porém a boa vontade; e estejam certos que nos não esqueceremos delles. O aballo e a hesitaçãõ, que houve agora, nos anima muito a continuar, e posto que as nossas forças séjam diminutas, e o colosso formidavel, a continuaçãõ dos pequenos choques ha de por fim produzir o effeito desejado.

*Preços Correntes dos principaes productos do Brazil em  
Londres, 25 de Março, 1814.*

Generos.	Qualidade.	Quantidade	Preço de	a	Diretos.
Assucar	branco	112 lib.	4l. 18s.	5l. 2s.	3l. 14s. 7½d.
.....	trigueiro	Dº.	4l. 5s.	4l. 10s.	
.....	mascavado	Dº.	3l. 4s.	4l.	
Algodão	Rio	Libra	nenhum	nenhum	16s. 1d. p. 100 lib'
.....	Bahia	Dº.	2s. 9p.	2s. 10p.	
.....	Maranhão	Dº.	2s. 10p.	3s.	
.....	Pernambuco	Dº.	2s. 11p.	3s. 1p.	
.....	Minas novas	Dº.	2s. 10p.	3s.	
Dº. America	melhor	Dº.	nenhum	nenhum	16. 11. pr. 100 lba.
Annil	Brazil	Dº.	3s.	3s. 6p.	4d. por libra
Arroz	Dº.	112 lib.	40s.	45s.	16s. 4p.
Cacao	Pará	112 lib.	100s.	120s.	3s. 4p. por lib.
Caffé	Rio	libra	99s.	105s.	2s. 4p. por libra.
Cebo	Bom	112 lib.	108s.	112s.	2s. 8p. por 112 lib.
Chifres	grandes	123	40s.	50s.	4s. 8p. por 100.
Couros de boy	Rio grande	libra	9p.	10p.	8p. por libra.
.....	Rio da Prata	Dº.	11½p.	13p.	
Dº. de Cavallo	Dº.	Couro	6s. 6p.	13s.	
Ipecacuanha	Boa	libra	15s. 6p.	20s. 6p.	3s. libra.
Quina	Palida	libra	2s.	3s.	3s. 8p. libra.
.....	Ordinaria	.....	Do.		
.....	Mediana	.....	3s.	5s.	
.....	Fina	.....	7s. 6p.	9s. 6p.	
.....	Vermelha	.....	5s.	11s.	
.....	Amarella	.....	4s. 6p.	5s. 8p.	
.....	Chata	.....	Dº.		
.....	Torcida	.....	5s. 9p.	6s. 6p.	1s. 8p. por libras.
Pao Brazil		tonel	110l.	112l.	4l. a tonelada.
Salsa Parrilha					
Tabaco	Rolo	libra	13p.	10p.	{ 3s. 6p. libra excise 3l. 3s. 9p. alf. 100 lb.

*Premios de seguros.*

Brazil hida 8 guineos por cento. R. 4.

vinda 10 a 12

Lisboa e Porto hida 5 G<sup>s</sup>. R. 2½

vinda o mesmo.

Madeira hida 5 a 6 G<sup>s</sup>.—Açores 10 G<sup>s</sup>. R. 3.

vinda 10 á 12

Rio da Prata hida 12 á 15 guineos; com a tornaviagem

vinda o mesmo 15 a 18 G<sup>s</sup>.

## LITERATURA E SCIENCIAS.

---

*Noticias de novas Publicações em Inglaterra.*

**APPENDIX** to Aikin's Dictionary, 4to. preço 18s. Relação das mais importantes descobertas modernas, e melhoramentos em Chimica e Mineralogia até o tempo presente; formando um Appendix ao seu Diccionario de Chimica e Mineralogia. Por A. e C. R. Aikin.

---

*Peck's Veterinary Medecine*, 8vo. preço 10s. 6d. Medecina Veterinaria, e Therapeutica; contém os effeitos dos remedios em varios animaes; os symptomas, causas, e tractamento das molestias, com uma collecção completa de formulas. Parte I. Materia Medica, Preparações Pharmaceuticas, e Composições. Parte II. Molestias incidentes ao gado vacum, arranjadas segundo a Nosologia de Cullen. Por W. Peck.

O objecto que o A. teve em vista, na compilação desta obra, foi, *primeiro*, dar os nomes dos artigos que se contém na materia medica, na linguagem da Pharmaco-peia de Londres; com os nomes correspondentes que lhes dá o Collegio de Edinburgo: os effeitos dos remedios em varios animaes, com as dosis, averiguando-se isto com a precisão que admite o estado actual desta sciencia. *Segundo*: as molestias do gado vacum, classificadas conforme o arranjo do Dr. Cullen na sua Nosologia. Os diversos nomes das molestias, que se acham em diversos authores, estão aqui debaixo de um so titulo, com os nomes provinciaes correspondentes. Os symptomas e causas são fundamentados nas authoridades dos melhores authores; e a collecção de formulas, de conhecida efficacia nas molestias, foi escolhida com assiduidade, e pelo auxilio de muitos annos de experiencia.

---

*Smyth, on Hydrencephalus*, 8vo. preço 6s. Tractado sobre o Hydrencephalus, ou hidropesia do cerebro. Por Jaimes Carmichael Smyth, D<sup>r</sup>. em Medecina, &c.

---

*Home's Comparative Anatomy*, 2 vol. 4to. preço 7l. 7s. Licoens sobre a anatomia comparada, em que se explicam as preparaçoens da collecção Hunteriana; illustradas com 132 estampas, gravadas por Basire, e desenhadas por M<sup>r</sup>. Clift. Por Sir Everard Home, Baronette, Socio da Academia Real, Cirurgiaõ d'El Rey, Professor no Real Collegio de Cirurgioens, &c., &c.

---

*Drawing Magazine*, Part I. 4to. preço 7s. 6d. O novo Armazem de desenho; contem uma serie de liçoens, destinadas a facilitar a arte de desenhar, fundando-se em principios de Geometria e Perspectiva. Por Jaimes Merigot. Continuar-se-ha mensalmente.

---

*Dr. Hale's Chronology*, 4 vol. 4to. preço 5l. 8s. Nova analyze de Chronologia, em que se intenta explicar a historia e antiguidades das naçoens primitivas do mundo, e as profecias, que lhe dizem respeito; sobre principios tendentes a remover a imperfeição e discordancia dos systemas precedentes. Pelo Reverendo Guilherme Hales, Doutor em Theologia, &c.

---

*Dr. Bell's Tuition*, Part II. 8vo. preço 12s. Elementos da arte de ensinar, Parte II. A eschola Inglesa, ou historia, analyze, e applicação do systema de Madras, na educaçãõ que se recommenda para as escholas Inglezas. Pelo Rev. André Bell.

---

*Whitaker's Abridgement of Universal History*, Parte I. preço 8s. Resumo de Historia Universal, por Whitaker.

Esta obra abrangerá 16 partes, e será publicada mensal-

mente ; para formar 3 volumes de quarto, compilada pelo Rev. E. W. Whitaker, Reytor de S. Mildred em Cantuaria ; e contém um abreviamento da historia de todas as naçoens desde a creação do Mundo, até a paz de Paris, de 1760 ; nem he taõ diffusa que desanime o Leitor a tentar a sua leitura, nem taõ concisa que o deixe ignorante da historia de alguma parte do mundo civilizado ; ao mesmo tempo que a particular attenção que se presta á distribuição moral, de que esta he theatro, fará a obra peculiarmente interessante ao investigador serio da historia de sua especie.

---

*Architectura Ecclesiastica de Londres*, Parte I. e II. ou N.º. 1 to 6. He esta obra intitulada a Architectura Ecclesiastica de Londres ; porque comprehende uma serie completa de perspectivas dos templos nesta cidade, feitas por eminentes artistas ; e para servir de maior illustração á topographia, e historia da Metropole, e como additamento ao *Monasticon Dugdale*, ou *Vetusta Monumenta*, que foi publicado pela sociedade dos Antiquarios.

---

*Langsdorff's Voyages*, vol. 2, 4to. preço 1l. 17s. 6. Viagens de Langsdorff, segundo e ultimo volume : contém a viagem de Kamschatka até as ilhas Aleutianas, costa de Noroeste da America, e volta por terra para a parte de Nordeste de Asia pela Siberia até Petersburgo. Com cinco estampas, e um mappa da derrota do Author.

---

*Napoleon's Conduct towards Prussia*, 8vo. preço 4s. Comportamento de Napoleão para com a Prussia depois da paz de Tilsit, compilada de documentos originaes publicados por ordem do Governo Prussiano. Traduzidos do Alemão, com um appendix, e varias anecdotas accretadas pelo traductor.

---

*Merchant and Ship-master's Assistant*, 8vo. preço 10s. 6d. Auxilio dos mercadores e mestres de navio; ou exposição das moedas, cambios, pezos, e medidas das principaes praças commerciaes da Europa, America, e Indias occidentaes; e os pezos e medidas de cada praça exactamente comparados com os da Gram Bretanha; igualmente a informação necessaria sobre o modo de carregar os navios exemplos do modo de calcular os cambios; taboadas para reduzir as pranchoes de differentes grandezas aos pranchoes de medida legal em todos os portos de Russia, Suecia, Prussia, e Norwega; e para os fretes dos navios, que carregam taboas, madeiro, pez, &c, e para calcular as soldadas dos marinheiros; e um tractado sobre os seguros maritimos.

---

*Brady's Abridgement of his Clavis*, 12mo. preço 10s. 6d. Resumo da Clavis Calendaria de Brady; ou analyze completa do calendario, illustrada por anedotas ecclesiasticas, historicas, e classicas.

---

*Barlow's Mathematical Dictionary*, 8vo. preço 2l. 5s. Novo Diccionario Mathematico e Philosophico; comprehende a explicação dos termos e principios das mathematicas puras e mixtas; e daquelles ramos da Philosophia Natural que são susceptiveis de exame mathematico. Com esboços historicos da origem, progresso, e estado presente dos differentes ramos destas Sciencias; e noticias das descobertas e escriptos dos Autores mais celebres, tanto antigos como modernos. Por Pedro Barlow: da Academia militar de Woolwich; author de uma indagação elemental da theoria dos numeros, &c., &c.

---

*Annals of Philosophy*, N<sup>o</sup>. 15. preço 1s 6d. O N<sup>o</sup>. 15. dos Annaes de Philosophia, obra mensal; e comprehende as descobertas, e ensaios de Chimica, Mineralogia, Me-

chanica, Historia Natural, Agricultura, Artes, &c. Por Thomas Thomson.

Este N.º contem. 1. Noticia biographica de Mr. Tobias d'Witz. 2. População de Russia, e seus progressos, por C. T. Herrmann. 3. Notas por Mr. Dalton sobre o ensaio de Berzelius á cerca das proporçoens chemicas. 4. A obra do Dr. Fibton sobre a terra de porcelaina em Cornwall. 5. O Dr. Berzelius e Dr. Manet sobre o sulphurato carbonico. 6. Mr. Taylor sobre a ventilação das minas da carvão. 8. Mr. Walsh sobre a electricidade do papel. 9. Mr. Campbell, sobre a maré antilunar. 10. Von Buch, sobre os limites da neve perpetua no Norte; e observaçoens astronomicas e magneticas, pelo Coronel Beaufoy; Noticia das Memorias da Academia Imperial de S. Petersburgo, vol. I. Procedimentos das sociedades Real e Lienana, e do Instituto Francez; variedade de noticias scientificas; lista de novas patentes, &c. &c.

---

*Noticias Literarias.*

As viagens dos capitaens Lewis e Clarke ás vertentes do rio Missouri, e atravessando o continente Americano até o Oceano Pacifico, publicadas da participaçaõ official, e illustradas com mappas, seraõ brevemente impressas em um volume de quarto.

O Dr. Adams tem ja na imprensa a sua obra de longo tempo projectada, sobre as opinioens erroneas, e consequentes sustos, que usualmente se tem das molestias hereditarias.

Mr. Joaõ Craig vai a publicar brevemente, elementos da Sciencia Politica, em 3 vol. 8vo.

O Visconde Dillon tem na imprensa, em um vol. de quarto; *Tactica*; ou systema da guerra dos Gregos, segundo *Æliano*, com as notas dos commentadores, e estampas explanatorias; e um discurso preliminar.

O Dr. Benjamin Heyne, que por varios annos andou no

serviço confidencial da companhia das Indias Orientaes, está preparando para publicar, pequenos tractados estatísticos, e históricos sobre a India.

Está-se imprimindo em 2 vol. de 8vo. uma traducção da 1.<sup>a</sup> parte das memorias e correspondencia do Barão de Grimm e Diderot.

O Dr. Burnet, medico que foi da frota no Mediterraneo tem na imprensa, uma narrativa practica da Febre do Mediterraneo; e a historia da febre de 1810, e 1813; e das febras de Gibraltar e Cartagena.

O Dr. Badham, medico do Duque de Sussex, tem na imprensa um ensaio sobre as molestias do peito, que affectam o mucus membrane, larynx, ou bronchæ.

---

NOVAS DESCUBERTAS.

*Mathematicas.*

Um professor de Mathematica em Edinburgo inventou um novo methodo de resolver as equaçoes cubicas. Por uma substituição mui simples, achou o meio de transformar qualquer equação cubica em outra, tendo somente o primeiro e segundo termo, e a unidade por coefficente de cada um destes termos; donde calculou taboadas, que servirão para resolver quaesquer equaçoes, exactas até a septima ou oitava decimal, por um methodo muito mais breve do que se conhece até aqui. Quando a equação tem tres raizes possiveis, éstas se acharão nas taboas.

*Iode.*

A sciencia chimica tem recebido outro augmento em seus objectos, pela descoberta de uma substancia nova e singular, capaz de assumir o character metalico, ou gazeo, e se lhe deo nome de *iode*, ou cor de violeta.

Mr. Courtois, fabricante de salitre em Paris, observando que os seus vasos metalicos se corroíam rapidamente na preparação da soda, acertou com a descoberta desta nova

substancia, que he o agente que corroia os seus vasos. Operando no *kelp* ou nas cinzas de todas as ervas aquaticas e fungos, com o acido sulphurico, se eleva um gaz de côr purpurea; e este gaz condensado em forma de cristaes ponteagudos, he chamado *iode*. A unica difficuldade que até aqui occurreo foi o obter ésta substancia em tal quantidade, que se pudesse analizar nos laboratorios. Tem-se proposto varios modos de a preparar com o *kelp*; o seguinte he o mais facil, e mais efficaç, que até aqui se tem experimentado. Deve-se preparar o *kelp* da selga do mar bem seca e queimada, sem se lhe mixturar outra nenhuma materia combustivel, e o mais limpa de salitre que for possivel; então se pulverizará, dissolverá em agua, e a materia insoluvél, carvão, &c., se separará por meio de um filtrador. Preparada assim a lexivia se põem em um vaso de evaporar, e como o sal commum (muriato de soda) se forma na superficie, se tirará com a escumadeira, até que não haja nenhum christalizado; o residuo continuará a ferver até ficar seço; e reduzido a pó grosseiro se mette no alembique com igual pezo de acido sulphurico, e então se levanta o gaz de côr de violeta, em quantidade consideravel; e alguma pequena quantidade de christaes da côr e lustre de plumbago se formam na capula e pesçoço do alembique; pode acrescentar-se ao alembique o calor de uma lampada, mas he preciso remover de vez em quando os christaes de *iode*, para que se não affectem pelo gaz muriatico, que se impelle para o recipiente, aonde se acha consideravel quantidade de sulphur solido. Pela addição do oxide vermelho de chumbo (minium,) ou oxide preto de magnezia do *kelp*, se limpa melhor o *iode*, e forma agulhas prismaticas com o esplendor metalico. O *iode* precipita o nitrato de prata de côr amarella de limaõ; este derretido a fogo lento se faz vermelho, combina-se com o gaz acido muriatico, e forma um solido de côr amarella, que he soluvél em agua, e forma um liquido mui acido de côr

esverdeado-amarella ; com o oxigenio naõ soffre mudança ; une-se com o ferro, estanho, mercurio, zinco, &c. ; e forma saes de um lindo amarello cor de laranja, com sombras pardas, e todas fuziveis com calor moderado ; une-se promptamente com o hydrogenio e forma o acido *iodico*. Expelle-se de todas as suas combinaçoens pelo gaz oximuriatico, ao mesmo tempo que igualmente expelle o oxigenio de todas as suas combinaçoens.

Daqui conclue Sir H. Davy, que a acidez naõ he devida a algum principio particular na natureza, mas a certas modificaçoens da materia, formando o hydrogenio quasi tantos acidos como o oxigenio. Quando o *iode* se dissolve em amoniaco liquido, se precipita um pó negro ; este pó detona, e parece ser o *iode* de azote. No estado de gaz, o *iode* he mui pezado : 100 polegadas cubicas pezam 95.20 graõs.

Esta nova substancia naõ se decompõem com o fluido galvanico ; e consequentemente se deve considerar, no estado presente dos nossos conhecimentos, como corpo elementar ou simples, tendo uma classe intermediata entre o oxigenio, e os alkalies ; analogo ao oxigenio em muitos respeitoes, mas aproximando-se mais ao character do gaz acido muriatico ou *clorina*, *fluorina*, *silicium*, e *boron*, que ja se naõ considéram como metaes, mas sim substancias peculiares ; incapazes, assim como o *iode*, de formar saes com as differentes bases. Porém a grande importancia desta nova descoberta consiste na facilidade com que o *iode* se une aos metaes, e forma lindas côres, e talvez tambem tinge ; o que segundo a opiniaõ de Sir H. Davy, que examinou os seus effeitos em Paris, póde vir a ser de grande utilidade nas manufacturas. O *iode* tinga a pele de cor de laranja escura, que atura por alguns dias.

#### *Esqueleto humano fossil.*

A circumstancia de se naõ terem descoberto ossos humanos fossis, na terra, se considerava até aqui como prova

de que a origem dos homens deve ser subsequente á dos animaes. Esta prova se enfraquece em parte pela descoberta de um esqueleto humano quasi inteiro, em Guadalupe, em um rochedo calcareo, duro, na praia do mar, entre a enchente e vasante de maré. Os Francezes o observáram, tiráram-no da sua cama para o mandarem a Paris, porém sendo aquella ilha tomada, o Almirante Inglez o mandou para Inglaterra, a fim de depositar-se no Museo Britanico, aonde agora se acha. O rochedo, que contém o esqueleto, he de 8 pez de comprido, e 2 de largo, e peza perto de duas toneladas. Mr. Koenig, o guarda dos mineraes, no Museo Britannico deo uma descripção delle á Sociedade Real. O casco da cabeça, e vertebraes do pescoço não existem, as 7 costellas verdadeiras, e 3 das falsas do lado esquerdo estão completas; do lado direito estão estes ossos destruidos, ainda que a parte do esternum das costellas verdadeiras está pegado as do lado esquerdo. As vertebraes dorsaes são todas visiveis, mas não perfeitamente distinctas. O sternum provavelmente esta submerso na pedra, os ossos do braço e dedos de uma mão, são visiveis com uma das clavículas; a pelvis está toleravelmente completa, assim como o osso da coxa; porem as pernas estão taõ retorcidas, que a fibula esta submersa na pedra. Os ossos do esqueleto não estão petrificados; mas produziram a Sir H. Davy algum phosphato de cal, e quando se expozeram ao ar pela primeira vez estavam um tanto brdos. A pedra he de substancia mui dura, e consideravelmente mais dura do que o marmore de que se fazem as estatuas. He de consistencia granular, e particulas, que Mr. Koenig considéra como fragmentos da *millepora miliacea*, algumas conchas de venus e outras se contem nesta massa. Parece consistir de fragmentos de carolina cimentados junctamente sem alguma massa ou ligação visivel. Achou-se este fossil nas visinhanças de um vulcano chamado

*le souffrier*, e se suppoem não ser mui antigo; porque se sabe que o carbonato de cal forma pedras, especialmente aonde a temperatura da agua se eleva muito em poucos annos.

---



---

## MISCELLANEA.

---

### EXERCITOS ALLIADOS DO NORTE.

*Officios dos Agentes Inglezes nos Exercitos Alliados ao Ministro dos Negocios Estrangeiros em Londres.*

*Officio do Hon. Sir C. W. Stewart, K. B. datado de Châtillon-sur-Seine, 2 de Março, de 1814.*

**MY LORD!** Tenho a honra de transmittir a V. S. cinco relaçoens que hei recebido do Coronel Lowe contendo as operaçoens do Marechal Blucher até o dia 28 de Fevereiro.

Sou com grande verdade, e respeito,

My Lord, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

Ao Visconde de Castlereagh, &c. &c.

---

*Relaçãõ Militar do Coronel Lowe, datada do Quartel-general do Exercito da Silezia, Arcis-sur-Aube, 20 de Fevereiro, de 1814.*

**SENHOR!** Este exercito, em consequencia de informaçaõ que veio do exercito grande, mudou a sua direcçaõ de marcha, que eu tinha mencionado na minha relaçaõ de 18 do corrente. O total delle unio-se, e ficou a noite passada na aldea de Sommesons. Hoje descança em Arcis-sur-Aube, e ha de provavelmente mo ver-se amanhaã para Mery, aonde pode formar a ala direita do grande exercito, na

supposição de que esteja agora em, ou perto, de Troyes. O General Greisenau vai hoje para Troyes, a concertar operações com o exercito grande.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

Ao Tenente-general o Hon. Sir Carlos Stewart, K. B.

*Relação Militar do Coronel Lowe, datada do Quartel-general do Exercito da Silezia, em Drauss, St. Basle, 22 de Fevereiro, de 1814, oito P. M.*

SENHOR! Este exercito effeituou hontem a sua marcha sobre Mery. A terra estava ja occupada pelo General Wittgenstein, o qual tinha reconhecido que o inimigo estava na sua frente em alguma força, entre Charres e Merigny. A chegada do Marechal Blucher, este corpo retirou-se, e pela manhã cedo tomou a direcção de Chandrigny. Os postos que elle deixou na frente da villa, ainda bem não tinhaõ sido occupados por este exercito pela volta das oito da manhã, quando o inimigo commeçou um ataque. Como o objecto immediato não era proseguir operação alguma sobre a margem esquerda do rio, fizeram-se promptamente arranjos para se queimar a ponte sobre o Seine, que divide a villa em duas partes, e para se defender a parte desta banda do rio. O Marechal Blucher estava elle mesmo superintendendo as disposições para este effeito, quando se observou que a villa, ou por accidente, ou de proposito, estava ardendo em tres partes. O vento assoprava com força, e tornou-se impracticavel abater as chamas. Por consequencia, o projecto de defender a villa por meio de algum consideravel corpo de infantaria não podia executar-se. Uns poucos de atiradores foi tudo quanto o inimigo pôde empregar, os quaes não encontrando obstaculo algum desta banda do rio, avançaram rapidamente. A ponte deitou-se-lhe o fogo, porem so um lado della foi consumido.

Desde as nove horas commeçou uma constante musqueteria ate ás duas; porem as chamas fizeram-se tam geraes, que naõ se podia enviar mais succorro á pequena partida que defendia a villa; e o inimigo ficou habilitado para effectuar a sua passagem ao travez da restante parte da ponte. Em quanto isto se passava na villa, formou o Marechal Blucher o seu exercito em duas linhas em uma vasta planiçe desta banda do rio, tendo a sua cavallaria em reserva, e estava assim preparado para ter tomado toda a vantagem ao inimigo, se elle tentasse mandar alguma força atravessar o rio. A vista desta disposiçaõ, comtudo, intimidou-o. O inimigo tinha feito passar tres batalhoens, e extendendo-se ao longo da margem esquerda do rio, commeçou um fogo mui forte, com o apparente designio de cobrir a successiva avançada das tropas do rio, quando elle mesmo foi atacado, feito recuar para dentro da villa, e obrigado a repassar a ponte rôta, deixando em nosso poder varios prisioneiros, e feridos; e ao por do sol, cada exercito estava na sua respectiva parte da villa.

Os prisioneiros dizem que os corpos oppostos, eram o 7º. e o 9º. debaixo do commando do Marechal Oudinot, afóra um mui grande corpo de cavallaria. Entre as duas e as tres da tarde, em quanto o Marechal Blucher andava reconhecendo a posiçaõ do inimigo na villa, foi ferido na perna com uma balla de espingarda, passou-lhe a botta, porem felizmente naõ lhe fez damno consideravel. O Coronel Valentine, do Estado Mayor, foi ferido ao mesmo tempo. O Principe Schubatoff, junior, General dos Cosacos, tambem foi ferido durante o dia. A perda, comtudo, em geral, foi de pouca importancia, anda por 220 mortos e feridos.

O Marechal Blucher ficou esta noite com o seu exercito na posiçaõ que tomara durante a manhaã.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

*Relação Militar do Coronel Lowe, datada do Quartel-general do Exercito da Silezia, em Drauss, St. Basle, 23 de Fevereiro, de 1814. Tres horas P. M.*

SENHOR! Tem-se observado que o inimigo na maior parte do dia de hoje, foi em marcha para a banda de Troyes, cavallaria, infantaria, artilheria, e bagagem. Esta força suppoem-se que será dez mil homens, da qual quatro ou cinco mil são de cavalleria, e uma consideravel quantidade de artilheria.

Por uma carta de um official partidista, em Morains, datada de hontem, sabe-se que o General Nariskehin, do corpo do General Winzingerode, occupa Epernais, e tem tido partidas em Dormans. A mesma carta diz que o corpo do General Woronzoff, se esperava que chegasse a Rheims naquelle dia, ou no seguinte; e que o do General Bulow se esperava depois. Soissons foi reoccupado pelo inimigo, tendo o General Winzingerode saído de lá. O inimigo, segundo o official escreve, tambem tem um corpo em Chateau-Thierry, para observar o General Winzingerode. Sezane tambem está occupada pelo inimigo. O corpo Prussiano de Lutzow está em Conautray, e havia de avançar para Ferre-Champenoise.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

Ao Tenente-general o Hon. Sir C. Stewart, K. B.

*Relação Militar do Coronel Lowe, datada do Quartel-general do Exercito da Silezia, Anglure, 24 de Fevereiro, de 1814, oito P. M.*

SENHOR! O Marechal Blucher lançou tres pontes de barcos esta manhã, sobre o Aube, juncto o Baudement, e fez passar todo o seu exercito, tendo marchado durantea noite sem ser apercebido pelo inimigo, na frente de Mery; e accampa esta noite nesta villa, e suas vizinhanças, e provavelmente, a manhã pela manhã ha de marchar para a banda de Sezanne. Tem-se recebido noticias de que o

inimigo se tem mostrado em força, conjecturada em perto de dez mil homens, as ordens do Marechal Marmont, marchando de Sezanne para Challons, e o sobredicto movimento he calculado para lá.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

Ao Tenente-general o Hon. Sir C. Stewart, K. B.

---

*Relação Militar do Coronel Lowe, datada do Quartel-general do Exercito de Silezia; Ferte-sous-Jouarre. Margem Esquerda do Marne, 27 de Fevereiro, de 1814.*

SENHOR ! Um as regras que dirigi a V. S. na tarde de 25 haõ de ter vos informado da retirada do Marechal Marmont de Sezanne, e deste exercito ir em seguimento delle, com a intenção de o seguir no dia seguinte para Ferte Gaucher. O Marechal Blucher chegando a Ferte Gaucher, soube que o inimigo tinha tomado a direcção de Rebais, para cujo sitio o seguio, e fez halto por aquella noite. O Marechal Marmont tinha continuado a sua derrota para Ferte-sous-Juarre : os paizanos representaram-o fugindo em desordem ; e as suas tropas procurando coito nas matas. Em Rebais comtudo, soube-se que o Marechal Mortier com as guardas novas, tinha marchado de Chateau Thierry aonde tinha estado algum tempo de observação ao General Winzingerode, para effectuar uma junção com o Marechal Marmont ; montando a sua força reunida de 16, a 20.000 homens. Por consequencia ; passar o Marne em presença de similhante força, com a probabilidade de que Bonaparte, ouvindo dizer da marcha do exercito da Silezia nesta direcção, haveria de destacar uma força para a sua retaguarda, tornou-se uma operação de grande delicadeza. Fizeram-se as seguintes disposições ;—o corpo do General Barão Sacken, e o do General Conde Langeron, foram mandados marchar sobre Coulomiers, e Chailly, e continuar a sua derrota esta manhaõ para M. aux. O corpo do

General d' Yorck, e o do General Kleist, depois de terem feito halto aquella noite em Rebais, e seus redores, foram mandados marchar esta manhaã para Ferté-sous-Jouarre; o General Korf com uma reserva de tres mil de cavallo, formava a retaguarda em Ferté Gaucher. O reconhecimento para o lado de Meaux teve todo o effeito dezejado. Os dous Marechaes Francezes, que tinham unido as suas forças em Ferté-sous-Jouarre, abandonaram precipitadamente a terra, deixando o rio na frente, sem embaraço para se estabelecerem pontes de barcos em todas as direcçoens. Alguns yagers passaram em botes, e tomaram posse da villa. Se o inimigo se fizesse forte neste ponto, Meaux, ou Triport, na sua vizinhança, seria o sitio aonde a passagem havia de ser effectuada, estando este exercito, pela sua posição, preparado para uma ou outra couza.

Os pontoeus de barcos ja se lançaram ao rio, e o exercito já está sobre elles. As disposiçoens para a manhaã haõ de resultar das noticias que se receberem durante a noite. No meio tempo tem-se recebido informaçãõ de que o General Winzingerode, e o General Bulow tem estado quasi a formar uma junccãõ, e suppoem-se que ambos se acham agora juncto a Soissons. O General Winzingerode tinha destacado dous mil de cavallo para Arcis-sur-Aube.

A guarda avançada do corpo do General Baraõ Sacken tem occupado os suburbios de Meaux sobre margem esquerda do rio. Diz-se que o inimigo abandonara o lado do rio opposto a Triport, aonde o General Baraõ de Sacken tem agora o seu quartel general. Fazem-se reconhecimentos fortes de cavallaria em todos os pontos da retaguarda. Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

Ao Tenente-general a Hon. Sir C. Stewart, K. B.



*Relaçãõ Militar do Coronel Lowe, datada do Quartel-general do Exercito de Silezia, Ferté-sous-Jouarre, Margem direita do Marne, 28 de Fevereiro, de 1814.*

SENHOR!—A passagem do Marne tem sido completada sem obstaculo ou difficuldade alguma; pelo menos, a maior parte das tropas já estaõ desta banda do rio, com a facilidade de se communicarem com a outra se for preciso.—O General Winzingerode, segundo as ultimas noticias estava em Rheims; tinha mandado um corpo para Chateau Thierry, cujo poncto está agora occupado pelos Alliados. O General Kleist está em Legg-sur-Ourq.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Corónel.

Ao Tenente-general o Hon. Sir Carlos Stewart, K. B.

*Extracto de um Officio de Lord Burghersh, ao Visconde de Castlereagh, datado de Troyes, 21 de Fevereiro, de 1814.*

Depois que tive a honra de escrever a V. S., o General Wittgenstein deixou a posiçãõ de Nogent, e de Pont-sur Seine. O inimigo aproveitando-se do abandono destes dous pontos, tem feito avançar os seos corpos para St. Hillaire, aonde esteve hoje em posiçãõ. Trainel tambem foi occupada por elle.

Em consequencia destes movimentos, ordenou o Principe Schwartzenberg que se faça amanhaã um reconhecimento com toda a cavallaria do seu exercito, assistida pela cavallaria do Marechal Blucher. Estes corpos haõ de ser dirigidos para a banda dos pontos de Trainel, St. Hillaire, e Nogent.

Tendo o Marechal Blucher chegado a Mery, o movimento da cavallaria pertencente ao seu exercito, ha de ser ao longo de estrada real que vai dali a Nogent. Reccebeo-se hoje informaçãõ de que o exercito Francez, reunido

juncto a Lyons, tem commeçado operaçoens offensivas. As tropas de que he composto, estaõ debaixo das ordens do Marechal Angerau, e montam a perto de 25,000; já tem avançado para Maçon, e Bourg. O Principe de Schwartzemberg tem determinado enviar o corpo do General Bianchi, para se oppor a este exercito. Os diferentes corpos de Austriacos, que já estaõ nas vizinhanças de Dijon, haõ de ser postos ás ordens do General Bianchi.

O primeiro corpo de reserva do commando do Principe de Hesse, ja está para cáde Basilea, ha de ser acrescentado este exercito.

Colombé, 26 de Fevereiro, de 1814.

MY LORD!—O Principe Schwartzemberg determinou hoje, que os corpos do General Wrede, e do General Wittgenstein, marchassem a manhaã pela estrada de Vandoeuvres, e as tropas do Principe Real de Wurtemberg, e do General Giulay, pela estrada entre Bar-sur-Seine, e Chatillon. O inimigo avançou está tarde sobre Bar-sur-Aube, e occupou aquella terra; retirando-se de lá o General Wrede ao approximar-se o inimigo.

O General Wrede recebeo ao depois ordem do Principe Schwartzemberg para retomar a posiçaõ. Tenho a fortuna de annunciar, que isto se concluiu sem perda da parte dos Bavaros. O inimigo foi arrojado da villa á ponta da bayoneta, e com perda consideravel. As guardas Russi-  
anas, e as reservas já chegam perto de Langres.

O corpo do Principe Mauricio Lichtenstein marchou para Dijon, aonde ha de unir-se ao corpo do General Bianchi.

Tenho a honra de ser, &c.

BURGHESH, Tenente-coronel do Regimento 63.  
Ao Hon. Visconde de Castlereigh, &c.

P. S. O corpo do General Wrede está hoje em Bar-sur-Aube. O corpo do General Wittgenstein, defronte

de Colombé. O General Giulay está em Arcembarois. O corpo do Principe Real de Wurtemberg, em Montsaons.

BURGHESH.

*Officio de Lord Burghersh, datado dos Altos, em frente de Bossancour, 27 de Fevereiro, de 1814. Sette P. M.*

MY LORD.—Tive hontem a honra de informar a V. S. de que, depois que Bar-sur-Aube caio no poder do inimigo, fora outra vez tomada pelo corpo do General Wrede. Depois disto tornou a ser tomada pelos Francezes; ficando os suburbios no poder dos Bavaros.

Tambem participei a V. S. que a intenção do Principe Schwartzenberg era de atacar hoje o inimigo na estrada de Vandoeuvre. Tenho agora a satisfação de lhe referir a victoria que elle obteve.

Ao romper da manhã, achou o Principe Schwartzenberg o inimigo de posse de Bar-sur-Aube, tendo feito passar uma columna consideravel para os altos na direcção de Levigni. O objecto deste movimento era para involver o corpo do General Wrede, postado na rettaguarda da villa de Bar-sur-Aube.

O corpo do General Wittgenstein estava juncto, como já informei a V. S., na frente de Colombé. O Principe Schwartzenberg deo-lhe ordem para passar para a rettaguarda da posição occupada pelo corpo do General Wrede, e atacar o corpo do inimigo que marchava para a parte de Levigni, sobre a direita do General Wrede. O General Wittgenstein chegou aos altos para onde fora mandado, pela volta do meio dia. O combate que elle teve de sustentar por amor da posse delles foi mui cruento. O Principe Schwartzenberg, em muitas occasioens, dirigio elle mesmo os ataques das tropas Russianas; em uma dellas sinto ter de informar a V. S. de que foi ferido, espero que levemente; porem em todo o cazo, a gloria do dia pertence-lhe.

As tropas Francezas foram arrojadas com perda consideravel, de todas as suas posiçoens desta banda do Aube. O Conde Pahlen teve occasião de lhes fazer grande damno quando passavam a ponte de Doulancour.

O General Wrede tem estabelecido a sua vanguarda em Spoy sobre a estrada velha de Vandoeuvre.

Consta que o inimigo tivera na acção de hoje, os corpos do Marechal Oudinot, e parte do Marechal Macdonald. A sua perda tem sido de dous a tres mil homens. A sua derrota, depois das victorias de que ultimamente se tem gabado, tem sido a mais completa.

O inimigo ha dé ser atacado amanhaã na direcção de Vandoeuvre.

O Principe Real de Wurttemberg, e o General Giulay tem chegado juncto a Bar-sur-Seine, e ha de atacar amanhaã aquelle ponto.

Tenho a honra de ser, &c.

BURGHESH.

Ao Hon. Lord Visconde de Castlereagh, &c.

---

*Extracto de um Officio de Lord Burghesh, ao Visconde de Castlereagh, datado de Colombe, 1 de Março, de 1814.*

Depois da tomada de Bar no dia 27, e de toda a posição do inimigo desta banda do Aube, perseguiu hontem o Principe Schwartzemberg os Francezes a travéz daquelle rio, e estabeleceo os seus postos avançados de cavallaria juncto a Magny sobre a esquerda, e em Val Suzenay sobre a direita. Na tarde de 27, recebeo-se uma noticia do Principe Real de Wirtemberg, de que o corpo do Marechal Macdonald estava em posição em Clairvaux, e La Ferté-sur-Aube.

Naõ obstante, o Principe Schwartzemberg deo ordem ao Principe Real de continuar a marcha que já lhe tinha sido prescripta sobre Bar-sur-Seine, e que atacasse o ini-

nigo, ou fosse em La Ferté, ou em qualquer outro ponto que o encontrasse.

Até que o exito desta operação fosse conhecido, determinou o Principe Schwartzenberg não arriscar a infantaria dos corpos que tinham pelejado na batalha de 27, ao través do Aube.

Todavia, este obstaculo está agora removido. O Principe Real hontem accertou em arrojarse os Francezes das suas posiçoens. O corpo do General Giulay, que estava debaixo das suas ordens, atacou, e tomou a villa de La Ferté. O Principe Real tomou posse de Clairvaux.

Tendo obtido estas vantagens, avançaram os dous corpos sobre Pontette, e St. Usage, aonde o inimigo occupava uma posição de consideravel força, mas que abandonou ao aproximarem-se os Alliados.

O quartel-generál do Principe Real estava hontem em Champignole; hoje tem avançado em direcção de Bar-sur-Seine. O resultado das suas operações sobre aquelle ponto ainda não chegou.

Por uma carta do General Tettenborn, de Vertus, com data de 27, sabe-se que aquelle official fora atacado naquelle dia em Champenoise, por quatro mil homens das guardas de Buonaparte; e tinha-se retirado dali para Vertus. Buonaparte mesmo esteve em Arcis, e um consideravel corpo do seu exercito ia marchando sobre Sezane.

Logo que se recebeu esta informação, determinou o Principe Schwartzenberg fazer avançar os corpos dos generaes Wittgentein, e Wrede sobre Vandoeuvre. Haõ de là chegar amanhaã, e depois haõ de avançar sobre Troyes.

Se os corpos do Principe Real, e do General Giulay tem podido estabelecer-se hoje em Bar-sur Seine, haõ de receber ordem para manobrem tambem sobre Troyes, pela esquerda do Seine.

Esqueceu-me no meu ultimo officio, mencionar a V. S.

que o forte de Salines se rendeo aos Alliados. O corpo do General St. Priest chegou a Vitry-sur-Marne. O General Jago estava em Joinville, com ordem de se unir ao General St. Priest.

Acaba de chegar uma relação do General Frimont, contendo o successo de um ataque, que elle hoje fêz com a cavallaria do seu commando, sobre a retaguarda do inimigo juncto a Vandoeuvre. O General Frimont arrojou o inimigo para além da villa, e ao depois estabeleceo lá o seu quartel-general.

---

*Officio do Lord Burghersh, datado de Troyes, 4 de Março, de 1814.*

MY LORD! Troyes esta outra vez occupada pelos Alliados. A derrota do inimigo hontem, e a rapidez com que foi arrojado de todas as posiçoens, que defendem a approximação desta terra, asseguraram-nos a posse della sem opposição. Participei a V. S. no meu ultimo officio, que, depois de varias acçoens bem succedidas com a retaguarda do exercito Francez, tinha o General Frimont estabelecido o seu quartel-general em Vandoeuvre.

O Principe Real de Wurtemberg proseguio as vantagens que tinha obtido sobre o corpo do Marchal Macdonald no dia 28, em La Ferté, e Clairvaux, tomou posse de Bar-sur-Seine, no dia 1, e seguiu a retirada do inimigo para La Maison Blanche no dia 2.

Por um reconhecimento feito naquelle dia, verificou-se que o exercito Francez estava em posição ao longo do Barce sobre a direita do Seine, e na Maison Blanche, na esquerda do mesmo.

O Principe Schwartzenberg determinou atacar no dia 3. O corpo do General Wittgenstein foi dirigido por Peney, para rodear a esquerda do inimigo na aldea de Laubrusse, e para ameaça a sua communicação com Troyes, marchando na direção de Sr. Parres.

O General Wrede devia esperar o movimento do General Wittgenstein, e depois havia de atacar a ponte de La Guilloterie, e marchar sobre a frente do inimigo. O Principe Real de Wurtemberg havia de atacar ao mesmo tempo a posição do inimigo em La Maison Blanche.

Os rodeios por onde o corpo do General Wittgenstein era dirigido não o deixaram chegar sobre o flanco do inimigo até perto das tres da tarde. O Principe Eugenio de Wurtemberg, (que commanda uma das suas divisões) immediatamente começou o ataque, movendo-se ao longo dos montes para Laubrussel, arrojando o inimigo diante de si, e por fim assaltou, e tomou a aldea.

O General Wittgenstein apoiou este ataque com toda a artilheria do seu corpo. O Conde Pablen, na direita, começava já ameaçar a retaguarda do inimigo.

A este momento, o Principe Schwartzenberg mandou cinco batalhões de Bavaros passar o Barce juncto a Courtranges, estabelecerem-se no bosque sobre a direita daquelle rio, e pôrem-se em communicação com os Russianos em Laubrussel. Este movimento foi posto em execução immediatamente. Então o General Wrede assaltou a ponte de La Guilloterie, lançou de lá o inimigo com perda, e por este modo tomou toda a posição.

O Marechal Oudinot, ameaçado por toda a parte, retirou o seu exercito ao longo da estrada para a banda de Troyes. Na sua retirada fizeram-se varios ataques bem succedidos, pela cavallaria do General Wittgenstein. Os resultados desta acção, foram 54 officiaes, 3.000 prisioneiros, e 10 peças de canhão. O inimigo foi arrojado até á aldea de St. Parre; so a sua retaguarda la ficou; o resto do exercito desfilou durante a noite por esta cidade.

A's nove da manhã avançou o General Wrede sobre o inimigo que se retirava, e assim que lhe foi intimado que rendesse a praça, capitulou concedendo-se-lhe meia hora para a evacuar.

O Principe Schwartzenberg, logo que passou o tempo estipulado, mandou toda a cavallaria a perseguillo sobre a estrada de Nogent.

Os Cossacos, e os Bavaros fizeram varios ataques mui airosos; o mesmo Principe Schwartzenberg dirigio a sua avançada, o que se executou com grande espirito e actividade. Varios prisioneiros fôram o resultado deste ataque; o inimigo foi arrojado para lá de Greys.

O Principe Real de Wurtemberg tomou a posição de La Maison Blanche, com pouca opposição. O seu corpo já está nas vizinhanças desta terra; a sua cavallaria está sobre a estrada de Sens.

He coiza que me dá a maior satisfação ter de relatar a V. S. as victorias das tropas debaixo das ordens do Principe Schwartzenberg.

Ainda que soffrendo pelas privaçoens que necessariamente acompanham um exercito, que pela rapidez dos movimentos se acha aonde o estabelecimento de almazaens tem sido impossivel, comtudo a energia, e actividade assim nos officiaes como nos soldados não tem abatido.

Nas acçoens destes ultimos dias, o Principe Marechal expressou a sua grandissima approvaçãõ do comportamento do seu exercito.

O General Wittgenstein, e o General Wrede recebêram particularmente o seus agradecimentos. Ao Principe Eugenio de Wurtemberg, deo o Principe Schwartzenburg os seus maiores agradecimentos, e o mais cordial tributo da sua admiraçãõ, não so pelo seu comportamento nestas ultimas occazioens, mas pelo seu valor e actividade em todas as acçoens em que se tem empenhado contra o inimigo.

Já V. S. está informado de que o Quartel-general do Marechal Blucher estava no dia 28 de Fevereiro em La Ferté. O Principe Schwartzenberg mandou ao Conde Platoff que marchasse sobre Sezanne, para sustentar a communicaçãõ com aquelle official, e ameaçar a retaguarda de

Bonaparte que vai agora marchando contra elle. Em sua marcha para aquelle ponto, ja tomou a villa de Arcis, com a guarniçaõ Franceza que a occupava.

Tenho a honra de ser, &c.

BURGHESH, Tenente-cor. do Regimento 63.

Ao Hon. Visconde de Castlereagh, &c. &c.

---

*Bulletim do Exercito Grande dos Alliados.*

Depois da victoria ganhada pelos Alliados em Bar-sur-Aube, no dia 27, continuou o inimigo a sua retirada sobre Troyes ; e pensou que poderia cobrir aquella cidade tomando uma posiçaõ entre ella, e Laubrussel. No dia 3 de Março ali foi atacado pelos Generaes Wittgenstein, e Wrede.

As aldeas de Laubrussel, e Teneliere foram tomadas por assalto, debaixo da protecçaõ de um fogo de artilheria, tam forte, como bem dirigido. Os Francezes foram desalojados das vantajosas posiçoens que occupavam. A sua retirada foi feita na maior desordem. Os multiplicados ataques de cavallaria augmentaram a sua confusaõ. Fugiram todos para Troyes barulhadamente. O corpo de exercito do General Wittgensteinn fez para cima de 1000 prisioneiros, entre os quaes ha 800 da cavallaria antiga.

Ainda naõ temos a relaçaõ dos tropheos ganhados pelo exercito do commando do General Wrede. O resultado do dia promete muito.

No mesmo dia 3, pela manhaã, a cavallaria do Conde Wittgenstein, foi de roda da estrada real, caio sobre um parque de artilheria, tomou mais de 300 cavallos, 40 artilheiros, e a equipagem do General Girard.

---

*Officio do Coronel Lowe.*

Quartel-general do Exercito Combinado do commando do Marechal Blucher, Laon, 11 de Março, de 1814.

MY LORD! Como no presente momento, a minha communicação com o Tenente-general o Hon. Sir C. W. Stewart, soffre alguma demora, tenho a honra de enviar a V. S. uma copia da minha relação a elle, sobre os acontecimentos que tem havido nestas vizinhanças dentro destes tres dias. Será necessario ao mesmo tempo, dar a V. S. a seguinte idea dos movimentos que precederam, no caso que as minhas primeiras relações não tenham ainda sido recebidas.

O exercito da Silezia effeituou a sua junção com os corpos dos Generaes Winzingerode, e Bulow, em Soissons, na tarde de 3 do corrente; e no dia seguinte, o Marechal Blucher, (aquem tinha sido confiado o commando do todo) tomou uma posição em uma extensa eminencia á esquerda e na retaguarda da cidade de Soissons; com a sua direita unida ao povo de Laffaux, e a sua esquerda juncto a Craone. Buonaparte, com o todo das suas guardas, com os corpos dos Marechaes Marmont, e Mortier, e com um consideravel corpo de cavallaria, tinha seguido o exercito da Silezia na sua marcha do Marne para o Aisne. No dia 5 fez uma tentativa para retomar a cidade de Soissons, que era defendida por dez mil infantes Russianos do corpo do General Conde Langeron, debaixo das ordens do General Rudzewick. A parte da cidade que está sobre o lado do Aisne opposta áquelle em que o exercito estava postado he rodeada por um muro quebrado, e um dique, passavel em muitas partes.

Logo depois de amanhecer, o inimigo atacou, e tomou posse da maior parte dos suburbios, e duas vezes atacou a mesma cidade sobre os lados oppostos, com columnas fortes, que se suppoem terem sido as divisoes separadas de Marmont, e Mortier. Ambas as vezes foi repellido com

perda, e mortandade, porém ainda conservando a maior parte dos suburbios; destelhou as cazas, e estabeleceo um fogo constante dellas sobre as tropas nos muros da cidade, até que a noite pôz termo á contenda. A infantaria Prusiana sustentou-se igualmente em outras partes dos suburbios, e apenas umas poucas cazas dividiram os combatentes durante a noite. Os Russianos perderam mais de mil homens entre mortos, e feridos. A perda do inimigo deve ter sido maior pelas suas tropas estarem mais expostas.

Na manhã do dia 6, tinha o inimigo abandonado a contenda, e retirou-se. Em quanto isto se passava na cidade de Soissons, observou-se que Buonaparte em pessoa se ía movendo para a sua direita, e na tarde do dia 6, passou o seu exercito através do Aisne em Bery-le-Bac, e ás duas horas da tarde começou um ataque sobre a esquerda da posição occupada pelo exercito do Marechal de Campo juncto a Craone. Observou-se que poderosas columnas iam marchando ao mesmo tempo para o lado de Laon; pela estrada de Corbeniz. O Marechal Blucher immediatamente fez as seguintes disposições: mandou que um corpo de cavalaria de dez mil homens, debaixo do commando do General Winzingerode, marchasse pela estrada de Chrevrigny, e Presle, e se postasse na linha de communicação do inimigo, através da estrada de Corbeny para Laon. O General Bulow foi mandado marchar com 20.000 homens, e occupar Laon. Os corpos dos Generaes d' Yorck, Kleist, e Sacken, foram mandados inclinar para o lado da infantaria do General Winzingerode, que sustentava a extremidade da posição juncto ás aldeas de St. Martin, e Craone. O inimigo approximou-se, coberto com o bosque de Corbeny, e fez avançar numerosos corpos de escaramuçadores, apoiados por artilheria, porem foi repellido, e o fogo cessou com a noite.

No dia 7 pela manhã, verificou-se que o inimigo tinha desistido da sua marcha sobre Laon; em outros respeitoos,

a sua posição não estava claramente descoberta. O Marechal Blucher, para estar preparado para o que podesse acontecer, mandou marchar os corpos dos Generaes Kleist, e d' Yorck, atravessando o rio Delette, em direcção de Presle, e Leully, para apoiar o movimento da cavallaria do General Winzingerode, e junctamente com o corpo do General Bulow, fazer um ataque sobre a direita do inimigo se elle houvesse de avançar contra a ponte occupada pela infantaria do General Winzingerode, juncto a Craone. O General Baraõ Sacken teve ordem de apoiar este ultimo, e ver se podia rodear a esquerda do inimigo, se elle fizesse o seu ataque para o outro lado. Se fosse atacado por uma força superior, tinha ordem para recuar sobre a estrada de Laon, e fazer recolher a guarnição de Soissons.

As onze horas da manhã, commecçou o inimigo o ataque com toda a sua força, calculada em mais de sessenta mil homens, contra o ponto aonde estava postada a infantaria do General Winzingerode. O Marechal Blucher correo immediatamente ao ponto aonde se suppunha estar formada a cavallaria, para dirigir as operaçoens naquella parte; porém difficuldades inesperadas tinham impedido a marcha durante a noite, e achou-se que não tinha avançado mais do que até Presle. A infantaria do General Kleist, que tinha marchado pela manhã chegou a Feticcia; porem só a guarda avançada da cavallaria tinha marchado para diante; e fez-se impossivel emprehender com bom effeito, o movimento que o Marechal Blucher tinha projectado contra a direita do inimigo. No entanto, o corpo postado juncto a Craone estava exposto ao mais severo, e poderoso ataque. O General Conde Strogouoff commandava na ausencia do General Winzingerode. O General Conde Woronzoff tinha a infantaria. O fogo da artilheria foi tremendissimo; porém o inimigo foi opposto em toda a parte com um espirito e determinação superior a todo o elogio. O aperto, comtudo, foi tam grande que o General

Barão Sacken, aquem tinha sido confiado o apoio, e a direcção do todo, achou finalmente que era necessario executar aquella parte da disposiçaõ, que tinha sido providenciada para a retirada das tropas para a parte de Laon. Esta executou-se em admiravel ordem. Apesar de quatorze peças de artilheria terem sido desmontadas pelo fogo do inimigo, nem uma só peça ou carreta se deixou atráz. Os prisioneiros tomados, não foram mais de cincoenta, ou sessenta. Os mortos e feridos diz-se que andam por dous mil. O General Conde Strogonoff, teve o seu filho, um Tenente-general, morto no principio da acçaõ. Tres outros Generaes Russianos foram feridos. O inimigo teve quatro generaes feridos.—Victor, Grauchy, La Salle, e Charpentras. A sua perda, a julgar pelo fogo de uma artilheria maravilhosamente servida, deve ter sido mui grande. As tropas effectuaram a sua junçaõ durante a noite, e na manhã seguinte, com o resto do exercito. As operaçoens que depois se seguiram verá V. S. no contheudo da relação annexa.

Por espaço de quarenta, e dous dias, este exercito, que parece ter sido o particular objecto da desinquietaçaõ, e ataques do inimigo, tem estado constantemente marchando, ou combatendo; porque além das acçoens geraes, só dous dias se tem passado, em que as avançadas, ou a retaguarda delle não tenham estado seriamente travadas. Buonaparte vai-se agora retirando diante delle; porem, se he para tomar uma nova posiçaõ, ou se vai em outra direcçaõ, aonde a sua presença pode ser necessaria, ainda se não sabe. Raramente se tem aqui recebido informaçaõ dos movimentos do exercito grande depois que deixamos de o observar.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assinado)

H. LOWE, Coronel.

*Quartel-general dos Exercitos Combinados, debaixo das Ordens do Marechal de Campo Blucher, Laon, 10 de Março, de 1814. Oito horas A. M.*

SENHOR! Buonaparte, com toda a sua força, atacou hontem a posição do Marechal Blucher nesta terra, e foi repellido com perda de quarenta e cinco peças de canhão, com carretas, bagagens, e prisioneiros, cujo numero ainda se não sabe bem, pela ala esquerda do exercito do Marechal Blucher ir ainda em seu seguimento.

A cidade de Laon está situada em um alto, com despeñadeiros profundos, que dominam uma grande planice em roda; a cidade occupa a maior parte do cabeço; o resto he corôado por um castelo antigo, e por varios moinhos de vento, construidos sobre altos terrassos. O exercito do General Bulow occupava esta posição; o resto do exercito do Marechal Blucher estava postado embaixo, sobre a planice, á direita, e á esquerda da cidade, com a frente para o lado de Soissons, e a cavallaria estava em reserva na retaguarda.

Antes do romper da manhaã, fez o inimigo o seu ataque e coberto com uma espessa nevoa, que occultava os seus movimentos, obteve posse das aldeas de Samilly, e Ardou, junctas á cidade, pela parte debaixo, e que se podem olhar como os seus suburbios: a mosquetaria chegava aos muros da cidade, e continuou sem interrupção até perto das onze horas quando a nevoa commeçou a dissipar-se. A este tempo tinha-se observado que o inimigo estava em força por detrás das aldeas de Semilly e Lenilly, com columns de infantaria e cavallaria sobre a calçada para o lado de Soissons. Occupava ao mesmo tempo, em força a aldea de Ardou. Em um instante foi o inimigo expulsado de Semilly, e logo que o Marechal Blucher pôde observar alguma coiza da posição do inimigo, mandou avançar a cavallaria da retaguarda, e rodcar-lhe o flanco esquerdo. O General Conde Woronzoff que estava sobre a direita da

posição do Marechal Blucher, avançou ao mesmo tempo com a sua infantaria, fez avançar dous batalhoens de Yagers, e todos arrojáram os postos do inimigo, resistiram a um ataque de cavallaria, e sustentaram-se em estado de conter a esquerda do inimigo, até chegar a cavallaria.

Ao mesmo tempo, o Marechal Blucher dirigio o ataque de uma parte do corpo do General Bulow, contra a aldea de Ardou, donde o inimigo foi obrigado a retirar-se, depois de ter sustentado o fogo por meia hora. Em quanto a cavallaria estava fazendo um rodeio vindo da retaguarda, pela volta das duas da tarde, observou-se que o inimigo fazia avançar uma columna de dezaseis batalhoens de infantaria, com cavallaria, e artilheria ao longo da calçada que vem de Rheims. O General d' Yorck foi mandado contra elle, e o General Baraõ Sacken, em apoio de d' Yorck.

Foi ali que a batalha se tornou mais geral, e decisiva. O inimigo abriu uma bateria de quarenta, ou cincoenta peças, pelo menos, e avançou com uma afoiteza porque deve ter arrogado asi todo o successo. Formou uma columna de ataque, e vinha avançando a passo dobre para a aldea de Alhies, quando o Principe Guilherme de Prussia, que ao mesmo tempo vinha avançando para a aldea, o encontrou no meio do caminho, e desbaratou-o.

Commeçou entaõ a sua retirada, que logo se tornou em fugida. Inmediatamente se tomáram oito peças de artilheria com cavallos, e os mais pertences, e successivamente mais vinte e duas.

Foi perseguido até Corbeny, perdendo bagagem, prisioneiros, &c. pelo caminho. As relaçoens do todo, ainda não tem chegado, pelo seguimento ter durado toda a noite, e ainda continua.

Sobre a direita não se ganharam vantagens mais que a expulsaõ do inimigo das aldeas de que tinha alcançado posse pela manhã. O General Conde Woronzow, já no

fim do dia, tornou a atacar com grande vigor, porém tinha grandes massas oppostas a si, e o terreno offerencia difficuldades para a activa cooperaçã da sua cavallaria.

A promptidaõ com que o General Conde Woronzoff conduzio o seu ataque pela manhaã, e o valor, e determinaçã com que as suas tropas atacaram, fõram a admiraçã de todos.

He impossivel calcular ainda as perdas de um, e outro lado, porem ja tenho visto chegar alguns centos de prisioneiros.

P. S. Dez horas A. M. Os prisioneiros dizem que Buonaparté ainda está defronte de Laon, e intentava continuar hoje o seu ataque. A canhonada, e o fogo de musqueteria já são violentos na direcçã de Semilly, e Leully.

Tenho a honra de ser, &c.

(*Assignado*)

H. LOWE, Coronel.

P. S. Laon, Dez horas, A. M. 11 de Março, de 1814.— O ataque continuou todo o dia de hontem. A planice por baixo de Laon está entrecortada de aldeas, e pequenos arvoredos que se tem tornado uma scena de fortes e obstinadas contendas. Um arvoredo juncto á aldea de Clacy, sobre a direita da posiçã foi tomado e retomado quatro, ou cinco diferentes vezes, e ficou finalmente no poder das tropas alliadas. As tropas que ali estiveram travadas foi a infantaria do General Winzingerode, debaixo do commando do General Conde Woronzoff. O inimigo sustentou-se no centro, e na esquerda da posiçã; e coiza de meia hora antes de se por o sol, fêz avançar um corpo de escaramuçadores, apoiado por dous batalhoens de infantaria (ficando o resto do exercito de reserva) e atacou a aldea de Samilly pegada aos muros da cidade; porem um batalhaõ de Prussianos do corpo do General Bulow, arremeçou-se á estrada, e apoiado pelo fogo das tropas de ambos os lados, obrigou-o a retirar-se em desordem, e com perda.

Esta foi a ultima operaçãõ que se emprehendeo durante o dia.

As fogueiras do seu accampamento avistavam-se ao principio da noite em uma linha mui extensa; porem pela manhaã observou-se que se tinha retirado, e a cavallaria da guarda avançada vai agora em seu seguimento, para o lado de Chavignon, sobre a estrada de Soissons.

Assim, durante dous dias de successivos ataques naõ tem o inimigo experimentado senaõ derrotas. Os esforços de toda a sua força tem sido quebrantados contra o baluarte, que esta excellente posiçãõ nos offereçia. A ausencia dos corpos de d' Yorck, Kleist, e Sacken, que foram pela manhaã no seguimento do resto das tropas, que tinham avançado de Rheims, e que naõ podiam ser recolhidas em tempo, naõ nos deixou emprehender hontem operaçãõ alguma offensiva. Porem a fortuna tinha coroado os esforços destas tropas em outros respeito, pela tomada de 3 a 4000 prisioneiros, alem de uma grande quantidade de muniçoens, e bagagens; e já estaõ em nosso poder 45 peças de canhaõ.

As futuras operaçoens deste exercito ainda naõ tem sido promulgadas; porem suspeito que ao todo haõ de ser offensivas.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) H. LOWE, Coronel.

---

*Officio do Coronel Lowe, Quartel-general do Exercito Combinado, do commando do Feld-marchal Blucher, Laon, 11 de Março, de 1814.*

MY LORD! Ecrevi a V. S. uma carta esta manhaã incluindo copia da relaçaõ que fiz ao Tenente-general Sir C. Stewart, mencionando as vantagens que tinham sido obtidas sobre o todo do exercito inimigo, commandado por Buonaparte em pessoa, durante o ataque que elle fêz em dous dias successivos, 9, e 10 do corrente, contra a posiçãõ occupada pelo exercito do Marechal Blucher nesta

cidade, e na planice pela parte debaixo. Tomaram-se 48 peças de canhão, e de 5, a 6.000 prisioneiros. O inimigo vai em retirada de todos os pontos, e a cavallaria do exercito alliado vai no seu seguimento. Vai-se retirando na direcção de Soissons, aonde pode ser que fassa uma paragem. As vantagens principaes foram ganhadas pelos corpos do General d' Yorck, apoiado pelo General Baraõ Sacken. Toda a artilheria foi tomada por ellas, e a maior parte dos prisioneiros. O Marechal Marmont, e o General Arrighi, foram os commandantes oppostos. Tinham vindo de Rheims contra a esquerda da posição do Marechal. No entanto Buonaparte, com as guardas antigas e novas, com duas divisoes que tinham chegado de Hespanha, e com um grande corpo de cavallaria fa proseguindo no seu ataque contra a direita, e centro. A contenda terminou hontem a tarde; e a sua retirada commecçou de noite. As particularidades, contidas na minha relação desta manhã, espero que vos cheguem á mão, primeiro que esta parte.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) H. LOWE, Coronel.

Ao Conde Bathurst.



FRANÇA.

*Noticias Officiaes do Exercito.*

Paris, 23 de Fevereiro.

Sua Magestade a Imperatriz e Raynha, recebeu as seguintes noticias á cerca da situação dos exercitos em 21 de Fevereiro:—

O Baraõ Marulis, Commandante de Besançon escreve o seguinte:—

Em 31 de Janeiro fez o inimigo um ataque de noite, do lado de Breguille; fez jogar sobre a cidade duas baterias de morteiros, e canhoens, e tentou um ataque sobre o forte de Chandone; em toda a parte foi repellido ao som de

gritos de “Viva o Imperador.” Perdeo mais de 1200 homens. Em qualquer parte que o inimigo se apresente, estamos em condiçãõ de o receber bem.

Todos os Cossacos, que se tinham espalhado até Orleans, estaõ recuando. Em toda a parte os paizanos perseguem, tomam, e matam um grande numero delles. Em Nogent, aquelles Tartaros, que nada tem de humano, queimaram alguns celeiros a que deitaram o fogo pelas suas maõs : tendo os paizanos saído a apagalho, carregaram os Cossacos sobre elles, e tornáram a accender o fogo. Em uma aldea juncto ao Yonne estavam-se os Cossacos divertindo em queimar uma fabrica, tocou-se o sino, e os habitantes lançaram uns trinta ao meio das chamas.

O Imperador Alexandre dormio em Bray no dia 17 ; tinha fixado o seu quartel-general para o dia seguinte, em Fontainebleau. O Imperador de Austria naõ saio de Troyes.

O Imperador Napoleaõ, no dia 20 a tarde, tinha o seu quartel-general em Nogent.

Todo o exercito inimigo está em marcha para Troyes. O General Girard chegou a Sens com o seu corpo, e com a divisaõ de cavallaria do General Roussel ; tinha a sua guarda avançada em Villaneuve-l’Archeveque. A guarda avançada do Duque de Reggio está em meio caminho entre Nogent, e Troyes, em Chatres, e Mesgregny ; a do Duque de Tarentum está em Pavillon. O Duque de Ragusa está em Sezanne, observando os movimentos do General Winzingerode, que tendo deixado Soissons, tinha marchado sobre Rheims por Chalons, para se incorporar com os restos do exercito do General Blucher. O Duque de Ragusa queria caír sobre o seu flanco esquerdo, se elle tornasse a entrar em acçaõ.

Soissons está reduzido a praça, e a cuberto de qualquer surpresa. O General Winzingerode, á frente de 4 ou 5,000 homens de tropas ligeiras intimou-lhe que se rendese.

O General Rusca replicou como devia : Winzingerode collocou as suas doze peças de canhão em uma bateria, infelizmente a primeira balla matou o General Rusca. Mil homens da guarda Nacional era a unica guarnição que havia na praça ; estes ficaram assombrados, e o inimigo entrou em Soissons aonde commetteo todos os horrores imaginaveis. Os Generaes que estavam na praça e que deveriam ter tomado o commando depois da morte do General Rusca, haõ de passar por um Conselho de Guerra, porque a praça não devia ser tomada.

O Duque de Treviso reoccupou Soissons no dia 19, e reorganizou a sua defeza.

O General Vincent escreve de Chateau Thierry, que tendo 250 homens de tropas ligeiras inimigas tornado para Fere em Tardenses ; M. d' Arbaud Misson marchou contra elles com 60 de cavallo das Guardas de Honra, que tinha ajunctado, e com a assistencia das guardas nacionaes das aldeas bateo-os, matando varios, e dispersando o resto.

O General Milhaud encontrou o inimigo em St. Martin-le-Bosnay, sobre a estrada velha de Nogent para Troyes. O inimigo tinha perto de 800 cavallos. Mandou-o atacar por 300 homens, que o derrotaram, féz 160 prisioneiros, matou alguns vinte homens, e tomou perto de 100 cavallos. Elle perseguio, e ainda vai perseguindo o inimigo á ponta da espada.

O Duque de Castiglione saõ de Lyons com um consideravel corpo de exercito composto de tropas escolhidas, para entrar em Franche Comté e Suissa. O Congresso de Chatillon ainda continua, porem o inimigo põem á isto toda a sorte de difficuldades. A cada passo os Cossacos fazem parar o correios, e ainda que nos estamos so a 30 legoas de Chatillon, em linha recta, os correios não chegam senão depois de quatro, e cinco dias de jornada. He a primeira vez que os direitos das naçoens tem sido violados por este modo. Entre as naçoens as menos

civilizadas, os correios de Embaixadores são respeitados ; e não se poem estorvos ás communaçoens dos negociadores com o seu Governo.

Os habitantes de Paris poderiam esperar as maiores infellicidades se o inimigo chegasse ás suas portas, e lhe entregassem a cidade sem defeza ; pillagem, devastaçãõ, e fogo teria ácabado os destinos desta excellente capital.

O frio está mui forte. Esta circumstancia tem sido favoravel aos nossos inimigos, pelos ter posto em estado de poderem puchar a sua artilheria e baggagem por todas as estradas ; sem o que mais de metade dos seus carros de campanha teria caído em nosso poder.

Paris, 25 de Fevereiro.

Em 24 de Fevereiro pela manhaã, sua Magestade o Imperador entrou em Troyes, depois de algumas brillhantes accoens de cavallaria, em que tomámos ao inimigo varios milheiros de prisioneiros, e oito peças de canhaõ :—

Paris, 27 de Fevereiro.

Sua Magestade a Imperatriz recebeu as seguintes noticias á cerca da situaçãõ dos exercitos em 24 de Fevereiro.

No dia 22, ás duas da tarde, foi o Imperador para a pequena aldea de Merg-sur-Seine. O General Boyer atacou em Merg as reliquias do corpo do General Blucher, Sacken, e York, que tinham passado o Aube para se unirem ao exercito do Principe Schwartzenberg em Troyes.

O General Boyer atacou o inimigo a passo dobre, desbaratou o, e tomou posse da terra. O inimigo na sua raiva deitou-lhe o fogo com tal rapidez, que foi impossivel penetrar pelo meio do fogo para o perseguir. Tomamos 100 prisioneiros.

Do dia 22 para 23 teve o Imperador o seu quartel-general na pequena povoaçãõ Chatrez.

No dia 23 veio ao quartel-general o Principe Wentzel

Lichtenstein: este novo parlamentar foi enviado pelo Principe de Schwartzenberg a pedir um armistício.

O General Milhaud, que commanda a cavallaria do 3.º corpo, apprisionou 200 de cavallo, entre Pavillon, e Troyes. O General Girard vindo de Sens, e marchando sobre Villanova l' Archeveque, Villen, e St. Lubant, caio sobre a retaguarda do Principe Mauricio Lichtenstein, e tomou-lhe 6 peças de canhão, e 600 homens a cavallo, que foram cercados pela valente divisaõ de cavallaria do General Rouse.

No dia 23 as nossas tropas investiram Troyes por todos os lados. Um Ajudante de Ordens Russiano veio aos postos avançados a pedir tempo para evacuem a cidade, por que de outro modo infalivelmente seria queimada. Esta consideração fez parar os movimentos do Imperador. A cidade foi evacuada pela noite, e nos entramos pela manhã. He impossivel fazer uma idea dos excessos que os habitantes soffrêram durante os 17 dias que o inimigo o occupou. Igualmente difficultozo seria pintar o entusiasmo, e os transportes que elles mostraram á chegada do Imperador. Uma mãe que vé o seu filho arrancado á morte, e escravo, cujos ferros são quebrados depois do mais cruel captiveiro, não sente mais vivamente a alegria do que os habitantes de Troyes manifestáram.

A sua conducta tem sido honrada, e digna de louvor. O Theatro esteve aberto todas as noites, porem nem homem nem mulher, mesmo das mais baixas classes, quiz lá apparecer.

O Senhor Gau, um antigo emigrado, e o Senhor Vidrange, um antigo guarda de corpo, declararam-se a favor do inimigo, e pozeram a cruz de S. Luiz. Foram accusados perante uma commissão privada, e condemnados á morte. O primeiro soffreo a sentença, o segundo foi condemnado a desaparecer.

Toda a povoação dezeja marchar. “ Vos tinheis razaõ,

“ gritavam os habitantes á roda do Imperador,” para nos dizer que nos levantássemos em massa. A morte he preferivel ás vexações, ao mau tractamento, e ás crueldades que temos soffrido estes 17 dias.”

Em todas as aldéas os habitantes estão em armas. Por toda a parte caem sobre os inimigos que encontram. Os extraviados, e desertores entregam-se voluntariamente aos gendarmes, que já não consideram como aprezionadores, mas sim como protectores.

O General Vincent escreve de Chateau Thierry em 22, que tendo o inimigo tentado impôr requesiçoens sobre os communs de Bazzi, Passi, e Vincelles, ajunctaram-se as Guardas Nacionaes e repelliram o inimigo depois de terem tomado, e ferido varios. O mesmo General escreve de baixo da mesma data, que tendo-se uma partida de Russianos, e Prussianos de cavallaria aproximado de Chateau Thierry, mandou-os atacar por um destacamento do regimento 3 das Guardas d' Honra, commandado pelo Chefe d' Esquadraõ Andlau, e apoiado pelas Guardas Nacionaes de Chateau Thierry, e dos communs de Bienne e Crezensi. O inimigo foi repulsado, e posto em derrota ; tomaram-se 12 Cossacos, e 14 cavallos. As Guardas Nacionaes fãem no seguimento do resto das tropas que tinham fugido para dentro das brenhas.

Sua Majestade deo tres habitos da Legião d' Honra ao destacamento do regimento 3 das Guardas d' Honra, e o mesmo numero ás Guardas Nacionaes. O Conde Valmy avançou hoje, 24, sobre Bar-sur-Seine. Quando chegou a St. Paar caio sobre a retaguarda do General Guilay, pôlla em derrota, e tomou 1200 prisioneiros. He provavel que o Conde Valmy esteja esta tarde em Bar-sur-Seine.

O General Girard marchou da ponte de La Guillotiere, sustentado pelo Duque de Reggio, avançou sobre Lusygnny, o passou o Baise. O General Duhesme tem tomado uma posição em Montereau perto de Vandoeuvre.

O Conde Flahaut, Ajudante de Campo do Imperador da Austria, o Conde Schouwaloff, Ajudante de Campo do Imperador da Russia, e o General Rauch, Chefe do Corpo de Engenheiros do Rey de Prussia, tem-se ajunctado em Lusigny, para tractarem sobre as condiçoens para uma suspensãõ d' armas.

Assim foi a Capital de Champagne libertada no dia 24, e temos tomado perto de 2.000 prisioneiros, entre os quaes há muitos officiaes. Tambem achámos nos hospitaes um milheiro de officiaes feridos, e soldados, deixados pelo inimigo.

Paris, 28 de Fevereiro.

Sua Magestade a Imperatriz e Raynha recebeo as seguintes noticias da situaçãõ dos exercitos ate 27 de Fevereiro:—

No dia 26 estava o quartel-general em Troyes.

O Duque de Reggio estava em Bar-sur-Aube, com o General Girard, e o 2.º corpo de cavallaria commandado pelo Conde Valmy.

O Duque de Tarentum tinha o seu quartel-general em Massy l' Eveque, e os seus postos avançados em Chatillon, ãa marchando sobre o Aube, e sobre Charvoux.

O Duque de Castiglione, que tem ao seu commando um exercito de 40.000 homens, os mais delles tropas escolhidas, estava em movimento.

O General Marchnal estava em Chambury; o General Dessaix debaixo dos muros de Genebra, e o General Manur tinha entrado em Maçon.

Bourgand e Nantau tambem estavam em nosso poder; o General Austriaco Bubna, que tinha ameaçado Lyons ia-se retirando de todos os lados. A sua perda, no dia 20, já se avallia em 1.500 homens, dos quaes 600 são prisioneiros.

O Principe de Moskwa está em Arcis-sur-Aube, o Duque de Belluno em Plany, o Duque de Padua em Nogent;

ram marchando tropas na retaguarda dos restos dos corpos do General Blucher, Sacken, York, e Kleist, que tinham recebido reforços de Soissons, e estavaõ manobrando sobre o corpo do Duque de Ragusa que estava em Ferte Gaucher.

O General Duhesme tomou Bar-sur-Aube á ponta da baioneta, e fez alguns prisioneiros entre os quaes há varios officiaes Bavaros.

Paris, 27 de Fevereiro.

Hoje, Domingo, foram apresentadas a S. M. a Imperatriz, Raynha, e Regente, as bandeiras tomadas pelo Imperador aos exercitos inimigos. Eram trazidas por dous officiaes da guarda Imperial, quatro officiaes das tropas de linha, e quatro officiaes da guarda nacional, os quaes saíram com o ministro da guerra do seu palacio ás onze e meia.

A procissaõ, consistindo de varios destacamentos de tropas com muzica, entrou no pateo das Thuilleries. Os estandartes, precedidos pelo ministro da guerra, e pelo Estado Maior, foram conduzidos pelo Gram Mestre de cerimoniaes, aos pés do throno, aonde S. M. estava rodeada pelos seus criados de Estado, principes, grandes dignitarios, &c., &c.

Sua excellencia o ministro da guerra appresentou os estandartes a S. M., e féz a seguinte falla:—

MADAMA.—Novas ordens do Imperador me conduzem a por aos pes de V. M. estes novos tropheos tomados aos inimigos da França.

No tempo em que os Sarracenos fôram desbaratados por Carlos Martel nas planices de Tours, e Poictiers, foi a capital ornada com os despojos de uma so naçaõ. Hoje, Madama, que perigos iguaes áquelles comque a França entãõ esteve ameaçada, tem dado origem a successos mais importantes, e que custaram mais a obter, offerece-vos o

vosso augusto Esposo estandartes tomados ás tres grandes Potencias da Europa.

Depois que uma cega politica tem levantado contra nós tantas naçoens, mesmo aquellas aquem a França restaurou a independencia, e porquem tem feito tãm grandes sacrificios, naõ podemos nos dizer que aquelles estandartes saõ tomados a toda a Europa ?

Quando os nossos inimigos, escutando somente a suggestaõ da vingança, a despeito das ordinarias regras da guerra, se resolvêram a penetrar dentro deste imperio deixando atráz de si uma vasta cadeia de fortalezas que os cerca de todos os lados—quando elles determináram, por uma medida temeraria, tomar posse da capital, sem pensarem nos meios de effectuarem a sua retirada no meio de uma povoação, aquem o seu comportamento tem exasperado—como he possivel que naõ fossem suspellidos nesta gigantesca empreza pelo seu conhecimento do genio, dos talentos, e do character do Imperador ? Em poucos dias conhecêram a falsidade dos seus calculos. As atrevidas e rapidas operaçoens que agora acabam de desconcertar os os seus projectos, fazem lembrar a todos a gloriosa e memoravel campanha na Italia, no anno 5º, e a que lhe succedeo. Foi contra a flor das tropas alliadas contra nós, nas batalhas de Montmirail, e Vauchamp, no combate de Montereau, que foram tomados os estandartes que apprezentou a V. M. da parte do Imperador.

Estes penhores do valor Francez presagiam-nos novos e maiores successos, se a obstinação do inimigo prolongar a guerra. Esta nobre esperanza existe no coração de todo o Francez. Vós participaes nella, Madama, vós, que confiando sempre no genio do vosso augusto Esposo, nos esforços, e no amor da nação, tendes continuado a mostrar em todas as circumstancias desta guerra, uma firmeza de espirito, e virtudes dignas da admiração da Europa, e da posteridade.

S. M. replicou a Mr. Le Duque de Feltre, Ministro da Guerra :—

Vejo com viva satisfação estes tropheos, que vos me apresentais por ordem do Imperador meu Augusto Esposo. Elles são aos meus olhos os penhores da salvaçãõ do paiz.

Peguem em armas todos os Francezes à vista delles. Ajunctem-se á roda do seu Monarcha, e seu Pai. A sua coragem guiada pelo seu genio ha de brevemente concluir a libertaçãõ do paiz.

Tendo acabado a audiencia, retirou-se a procissaõ, e os estandartes foram levados para o Palacio Real dos Invalidos. Um delles he Austriaco, quatro são Prussianos, e cinco Russianos.

---

*Copia de uma Cartu do Marechal Duque de Castiglione a sua Excellencia o Ministro da Guerra.*

Lyons, 21 de Fevereiro.

SENHOR ! Appresso-me a participar a V. E. a serie das minhas operaçoens.

Vossa Excellencia tem visto pela minha relaçaõ de 19 do corrente, que o General Meusnier, depois de ter desbaratado o inimigo em Meximieux, tinha avançado sobre Bourg. Entrou lá em 12, e no dia 21 pela manhã marchou sobre Port-sur-Ain, pela estrada de Bourg, em quanto a brigada do General Poerchelon tomava a de Meximieux. O inimigo, que parecia ter-se concentrado nesta importante posiçaõ, naõ julgou acertado ficar nella, e appressou-se a evacualla, retirando-se precipitadamente sobre Mantua. Tenho dado ordens ao General Musnier para o perseguir fortemente, e ver se pode tomar posse de Mantua, aonde ha consideraveis almazaens. O General Pannetier, que, como informei a V. E., ia marchando para Maçon, entrou lá no dia 19, depois de um aspero combate, em que o inimigo, que tinha bons 3.000 homens,

sofreo uma perda consideravel em mortos, e feridos. Tomamos 200 prisioneiros.

A nossa perda he extremamente bagatela. O General Pannetier tem ordem para expedir destacamentos fortes para o lado de Chalons, e Dijon. Este general communicava tambem por Bourg com o General Musnier.

Os Generaes Marchand, e Dessaix, depois de terem tomado Echelles, e Montmeilland, entraram no dia 16 em Chambery, donde intentam proseguir para Genebra.

O resultado destas differentes operaçoens dá-nos 800 prisioneiros, e assegura a prompta libertaçã dos departamentos do Ain, do Saone, e Loire, e de Mount Blanc.

Os generaes daõ grandes louvores ao bom espirito, que reina nos habitantes destes departamentos.

Acceita, &c.

(Assignado) AUGEREAU, Duque de Castiglione.

Alto Rheno, 12 de Fevereiro.

As duas seguintes peças foram publicadas em Langres:—

1ª. *Debaixo da authoridade do Commandante da Praça, no quartel-general das potencias Alliadas em Langres, o Maior da Villa de Langres aos Habitantes.*

HABITANTES DE LANGRES! Tres dos vossos concidaõs foram hontem levados em refens para Basilea; nomear-vollos he bastante para exprimir a profunda pena que a sua separaçã de entre vos nos cauza. Saõ M. M. Bonnel Gerard, PoinSAT o filho, e Veréy Iapiot.

As potencias alliadas tem adoptado esta medida para terem em seu poder mais um penhor pelo bom comportamento, que ellas esperam da parte desta terra para com as suas tropas.

Provemos-lhes pela nossa submissã, e resignaçã, que esta precauçã foi superflua, e convençamollas da fidelidade que characterisa o povo de Langres.

Naõ nos esqueçámos de que he especialmente do nosso comportamento que depende a salvaçaõ, a vida, e as pessoas dos que respondem por nos. Tenhamollas sempre presentes na nossa memoria, sejam todas as nossas acçoens, todos os nossos procedimentos, e todos os nossos discursos dirigidos a preservar os caros cidadãos, que acabam de nos deixar, ou antes, como nos he permittido esperar, para os vermos voltar brevemente.

Em quanto a vos, a quem a falta de reflexaõ, ou leveza podem ter desvairado, considerai o abismo que para si cavou aquelle, cuja caza tem sido marcada por uma severidade exemplar, faça-vos tremer a sorte de sua familia, e crianças, se as desgraças do povo, que podem resultar da vossa imprudencia naõ saõ sufficientes para vos conter.

A presente noticia será publica, impressa, e affixada.

GUYOT, Mayor.

Langres, 22 de Janeiro, de 1814.

2ª. As potencias alliadas occupam a vossa villa. O proposito que ellas tem solemnemente proclamado he procurar á Europa, por todos os meios legitimos, uma paz solida e duravel; ella saõ forçadas a por em requiziçaõ os objectos necessarios para supprir as precizoens do exercito porem naõ desejam estender além dos limites da necessidade, os direitos que lhes saõ dados pelas leis da guerra. Mostrai-lhes pois a confiança a que estas medidas vos convidam. Dem os vossos Magistrados o exemplo a este respeito. A segurança tem succedido a umestado de inquietação e desordem. De-se cada qual aos seus negocios, sem perturbaçaõ; tornem-se a abrir os almazaens, e as loges; a venda de retalho, para as nossas precizoens diarias, tome outra vez o seu costumado curso. Naõ temais dezordem no interior. As authoridades civis, e uma bem disciplinada força militar, vigiam sobre a segurança das pessoas, e propriedade. Retome pois toda o terra os seus costumes, e o seu character hospitaleiro. Isso he uma ho-

menagem que se deve ao exercito alliado, e ao seu illustre Chefe.

Por authoridade do commandante da Praça, do quartel-general de exercito alliado.

O Mayor de Langres.

22 de Janeiro, de 1814.

Quartel-general de Soave, 4 de Fevereiro, de 1814.

SOLDADOS ! Depois das victorias que vos tem conduzido ao Adige, tem-vos sido dado, contra vossa vontade, tempo, e repouso para recobrades das vossas fadigas. Nos temos-nos aproveitado deste tempo para reforçar o exercito, provello do que lhe era necessario, e para prepararmos a libertação da Italia. Os vossos irmãos em armas, que tem sido enviados para vos reforçar, chegam do Save, aonde o seu valor tem ajudado a fundar a liberdade da Alemanha. Tem-se ajunctado muniçoens de guerra, e assegurado a vossa subsistencia. Novas connexoens politicas se tem desenvolvido a nosso favor ; os Exercitos Alliados tem penetrado até o coração do paiz inimigo ; e a hora da libertação da Italia está chegada.

O inimigo tinha-se entrincheirado por detraz do Adige ; e fortificou Verona, aonde estava determinado a fazer uma obstinada resistencia. Grandes neves nas montanhas, e pezadas chuvas nas planices, favoreceram os seus projectos ; porém como os reforços que tenho recebido me pozéram em estado de poder mandar um consideravel corpo de tropas para Ferrau, alem do Po, este movimento fêz que o inimigo se determinasse a abandonar a posição fortificada que tinha sobre o Adige, e que estava ameaçada.

O exercito, em consequencia entra hoje em Verona ; havemos de perseguir fortemente o inimigo, e decidir promptamente a sorte da Italia.

O povo da Italia he nosso amigo ; nos vimos livrallo de

um jugo estrangeiro ; vimos a protegello. A nossa causa he a causa da justiça ; seja acompanhada pela ordem, e pela moderação. O abuso da força, o roubo, e a pilhagem destroem a honra dos guerreiros. As nossas leis militares exactamente determinam o dever de cada um ; a observação destes deveres conduz á victoria, e á gloria, e assegura os fructos da victoria. Eu hei de fiel, e exactamente, preencher os meos ; elles impoem-me a lei de punir todas as faltas, porem lizongei-me de que vós raramente me poreis em tal situação ; o vosso comportamento até aqui, pelo contrario, me faz esperar que só terei a premiar as vossas façanhas, e dar a S. M. uma conta vantajosa dos vossos serviços.

(Assignado) BELLEGARDE, Marechal de Campo.

---

Milaõ, 14 de Fevereiro.

O Senado, tendo deliberado sobre a Proclamação do Principe Vice Rei ao povo da Italia, resolveo appresentar a sua Alteza Imperial a seguinte Falla :—

Principe ! Vos tendes fallado ao povo Italiano, e á vossa voz acudiram todos quantos ha fieis ao seu Soberano, ao seu paiz, e á honra.

Durante a paz, tendes vos providenciado todas as precisões do reyno com paternal cuidado, e sabia prevenção ; e tendes-lhe aberto todos os mananciaes da prosperidade publica ; agora o som de uma nova guerra vos chama outravez ás armas para a nossa defenza. Vos tendes achado meios durante tres mezes, para oppor ao inimigo uma resistencia tal, que a maior parte de nosso territorio, protegido pelo vosso poderoso braço, tem permanecido tranquila, no meio da conflagração que lavra no resto da Europa. Esta tranquillidade não teria certamente sido interrompida um so momento, a não ser por um acontecimento, que não tem par na historia das naçoens. Porem vos haveis de triumphar de todas as intrigas, e de todas as

machinaçoens. A Providencia abhorrece a ingratitude, e vingá a hospitalidade violada. A estrella de Napoleaõ ainda resplandesce com grande lustre, e se vos, Principe, permanecerdes á nossa frente, quem pode temer que a victoria nos abandone?

Principe! A sorte deste bello reyno está nas vossas maõs; todo o povo ha de ser docil, e ha de esmerar-se em corresponder áo vosso chamamento.

A vossa voz penetrando as linhas inimigas, ha de ir inflamar, com nova coragem, todos os Italianos que estaõ rodeados pelo inimigo, e aquem elle busca seduzir com promessas vaãs.

Nos todos juramos de nos unir comvosco, a vos dedicamos todos os nossos sentimentos, nossos meios, e nossas pessoas, e o nosso juramento he sagrado. Quem se naõ encheria de vaidade por seguir um guia, cujo valor indomavel os mesmos inimigos louvam; um Principe, cujas virtudes bastariam para fazer a nossa idade respeitada pela posteridade; um heroe, que tem escolhido a unica sublime, a unica immortal devisa.

Honra e fidelidade,

[*As Assignaturas.*]

Milaõ, no Palacio do Senado, 10 de Fevereiro, de 1814.

---

*Relaçã a S. E. o Ministro do Interior, por Mr. Deproz Crassier, Auditor do Conselho de Estado, datada de 2 de Março, de 1814.*

Agora ponho perante V. E. a dolorosa pintura das calamidades e ultrages, que os habitantes dos communs, que eu tenho visitado, tem experimentado da parte do inimigo. Darei um extracto das deposiçoens assignadas, tomadas por exame verbal, e uma enumeraçã resumida das destruiçoens que eu tenho visto com os meus proprios olhos.

A porçã do inimigo, que causou todos estes males, era composta principalmente de tropas Russianas, um pequeno

numero de Bavaros, e Wurtemberguezes, e alguns hussares Hungaros.

Os habitantes de Nangis queixavam-se geralmente de pilhagem ; os seus ultrajes pessoases deixam horriveis lembranças ; a mesma pilhagem foi sempre acompanhada de ameaças, muitas vezes com mau tractamento ; e era com pistolas aos peitos, e com a espada sobre as cabeças, que estes salteadores forçavam os desgraçados habitantes a declarar aonde tinham escondido o dinheiro, e trastes de valor.

A 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> deposições dizem que uma mulher recebera destes infieis uma plançada de espada nos lombos, que a privara dos sentidos, que pøzeram uma faca ao pescoço de outra para a obrigar a descobrir aonde tinha o seu dinheiro ; que os dous maridos destas mulheres foram cruelmente maltractados, e que um delles, depois de ter sido espancado em sua propria caza, fora levado para o campo dos inimigos á murros, e cronhadas, e ali os salteadores fizeram-o despir, e estavam para o arcabuzear, quando felizmente chegou um official. e livrou-o das mãos destes barbaros.

Na caza de um homem, senhor de fazendas, que faz a 6.<sup>a</sup> deposição, perpetraram os mais horriveis excessos. Pediram-lhe a sua agua-ardente, e dinheiro com punhaladas, e cronhadas. Eu mesmo vi as marcas de sangue das pancadas que elle recebeu ; porem a sua furia não parou aqui : quatro mulheres dos communs de Bailly, e cantão de Mormant tinham-se refugiado em caza deste proprietario : duas dellas eram reparigas de 12, a 13 annos de idade ; e as outras eram mulheres de 28 a 35. Estas infelices creaturas foram victimas de brutalidade destes homens ferozes. Uma testemunha de vista, que desejava prevenir os seus ultrages, foi severamente maltractado.

A relação, depois de descrever variedade de semelhantes ultrages dos individuos, prosegue da maneira seguinte.

Não há um lavrador, um estalajadeiro, ou um habitante,

que não tenha visto o seu gado, os seus instrumentos de agricultura, a sua propriedade, os seus trastes serem-lhe levados, destruidos, ou queimados. As igrejas, e os ministros da religião não foram mais poupados que os outros.

A mais energica linguagem não poderia descrever o aspecto funebre que estas arruinadas habitaçoens apresentam. O Secretario do Mayor de Rampillon, que foi soldado, declarou-me, que nunca vira tropas entregarem-se á pilhagem com tam horrivel furia, mesmo tendo licença para o fazer.

Em Nangis visitei uma quantidade de cazas de lavradores que dantes eram bem fornecidas, porem agora em todos os quartos nada ha que ver senão fragmentos de trastes queimados, colxoens de pennas, e enchergoens despedaçados, e as pennas e laã espalhadas: era com a madeira destes trastes, dos carros, e arados, e com as arvores dos pomares e jardins, que accendiam as suas fogueiras nos accampamentos, e assavam o gado que tinham levado, e morto.

Em todas as partes por onde tenho passado, dizem os habitantes, que estes ladroens so fallavam de saquear, e de queimar Paris. Tem-me assegurado que cada um trazia um archote ao tiracol; e quando lhe perguntavam para que traziam aquillo, geralmente respondiam que era para lançarem o fogo a Paris, aonde calculavam chegar pelo dia 18 de Fevereiro. Este factó foi-me confirmado por M. Grabwisky, Mayor de Mormant, Polaco por nascimento, e que entendia a sua lingua.

A pintura das calamidades que estes infelices povos tem soffrido, e que estão reservadas para todos aquelles departamentos aonde o inimigo poder penetrar, deve excitar a indignação de todos os Francezes, e dar-lhes a coragem, e a energia necessaria para repellir para além das fronteiras aquellas cafilas de barbaros, e forçallos, por meio de uma

paz gloriosa para a França, a darem finalmente repouso a toda a Europa.

Paris, 6 de Março.

Sua Magestade a Imperatriz Raynha, e Regente recebeu as seguintes noticias da situação dos exercitos até 5 do corrente.

Sua Magestade o Imperador e Rey tinha, no dia 5, o seu quartel-general em Bery-le-Bae, sobre o Aisne. O exercito inimigo, de Blucher, Sacken, York, Winzingeroode, e Bulow, estava em retirada; a não ser a traição do Commandante de Soissons, que lhe abriu as portas, estava perdido.

O General Corbenau estava em Rheims no dia 5, ás quatro horas da manhaá. Nos batémos o inimigo nas batalhas de Lesy-sur-Ourcq, e de May. O resultado das diferentes acçoens são 4000 prisioneiros, 600 carros de bagagem, varias peças de canhaõ, e a libertação da cidade de Rheims.

Lyons, 2 de Março.

Saio hontem de Lyons um excellente trem de artilheria para os postos avançados do exercito do commando de S. E. o Marechal Duque de Castiglione.

Grenoble, 27 de Fevereiro.

O Senador Conde de St. Vallier, Commissario de S. M. na 27 divisão militar, recebeu a seguinte carta que foi communicada ao Mayor desta terra :

Reimilly, 25 de Fevereiro.

Senhor Conde !—Nos hontem apoderamo-nos de Annoy, que foi necessario tomar por força. Tinha eu mandado o General Serran a este ponto com 2.000 homens, e posto que encontrasse diante de si 3000 Austriacos, dos quaes 800 eram de cavallo, arrojou com vigor, e successivamente os lançou de tres posiçoens fortes; tomou uma peça de canhaõ, e o Major Meyer, do regimento de Kaunitz, ficou

prisioneiro de guerra, tendo perdido um membro. A perda do inimigo foi muito consideravel; a nossa anda por 70 homens entre mortos e feridos.

O Austriacos, abandonado Annecy, retiram-se tres legoas mais além da ponte de Caille; da nossa parte, a nossa guarda avança-la esta muito perto de Frangy, aonde o inimigo tem apenas uma fraça retaguarda que andarã por 60 homens.

Acceite Senhor Conde, &c.

(Assignado) CONDE MARCHAND, General de Divisaõ.

---

*Copia de uma Carta do Marechal Duque de Castiglione, a S. E. o Ministro da Guerra.*

Quartel-general, Sous de Saulnier, 2 de Março, de 1814.

Vio V. E. pela minha carta de 28 de Fevereiro, que eu tinha dado ao meu exercito as necessarias ordens para marchar sobre Franche Comté e Genebra. Em consequencia, o General Musnier, entrou no paiz antes de hontem, depois de a sua vanguarda, commandada pelo General Ordennau, ter desbaratado o inimigo, que quiz fazer resistencia, e que foi rijamente perseguido ao longo da estrada de Poligny, deixando em nosso poder 3, ou 400 prisioneiros, e perto de trinta cavallos.

O General Musnier marchou hontem sobre les Petites Chiettes, e passou a noite em Mercy. O General Panuetier chegou aqui hoje com a sua divisaõ, vindo de Maçon. O inimigo tendo sido atacado vigorosamente, naõ resistio muito tempo, e só podemos picar-lhe a retaguarda. O General Bardet, que tinha ordem para passar pela ponte de Bellegarde, tomou hontem o fortê Ecluse, aonde achou uma quantidade de muniçoens, e quatro peças de canhão, e a guarniçaõ, bons 2000 homens, rendeo-se prisioneira de guerra. Continuou o seu movimento, e hontem á tarde estava em Fargas, a quatro legoas de Genebra.

Os Generaes **Marchand**, e **Dessaix** chegaram a **Frangy**, a duas legoas de **Genebra**, arrojando o inimigo para **Chambery**, e tomando uma quantidade de prisioneiros.

Neste estado de coizas, **Genebra** deve necessariamente cair, e a retirada do corpo do General **Bubna**, que já tem soffrido grandes perdas, parece-me mui difficultoza. Ha de ver-se obrigado a deitar-se a atravessar as montanhas da **Suissa**.

Eu vou avançando, e hei de ter cuidado de informar a **V. E.** exactamente das minhas ultiores operaçoens.

O Marechal do Imperio **Augereau**, Duque de **Castiglione**.

Paris, 11 de Março.

Sua Magestade a Imperatriz Raynha recebeu as seguintes noticias á cerca da situaçã dos exercitos até o dia 9 de Março:—

O exercito do General **Blucher** composto das reliquias dos corpos dos Generaes **Sacken**, **Kleist**, e **Yorck**, depois das batalhás de **Montemirail** e **Vaucham**, retirou-se pela estrada de **Rheims**, para **Chalons**. Lá recebeu as duas ultimas divisoens do corpo do General **Langeron**, que tinham ficado defronte de **Mentz**. A perda tinha sido tal, que foi obrigado a reduzir os seus quadrados á metade; apezar de lhe terem chegado alguns conbois de recrutas das suas reservas.

O exercito chamado o Exercito do Norte, composto de quatro divisoens, ás ordens dos Generaes **Winzingerode**, e **Woronzow**, e uma divisaõ Prussiana debaixo das ordens do General **Bulow**, tornáram a formar-se em **Chalons**; e em **Rheims** o exercito de **Silesia**.

Este passou o Aube em **Arras**, em quanto o Principe de **Schwartzemberg** estava em linha sobre a direita do **Seine**, e em consequencia da acçaõ de **Nangis**, e **Montereau**, eva- cou todo o paiz entre o **Seine**, e **Yonne**.

Em 22 de Fevereiro, appareceo o General **Blucher** de-

fron­te de Mery. Já tinha pas­sa­do a pon­te, quan­do o Ge­neral de Di­vi­saõ, Boyer mar­chou con­tra elle á bayo­ne­ta, des­barata-o, e arrojou-o pa­ra o ou­tro la­do do rio ; po­rem o in­imigo lan­çou fo­go á pon­te, e á pe­quena al­dea de Mery, e o in­cen­dio foi tam vi­olento, que pelo es­paço de qua­renta ho­ras, foi im­pos­si­vel pas­sar.

No dia 24, o Du­que de Re­gio pro­se­guiu con­tra Van­doeuvres, e o Du­que de Tar­entum so­bre Bar-sur-Seine.

Sa­be-se que o ex­er­ci­to da Si­lesia tin­ha mar­chado so­bre a es­querda do Aube, pa­ra se reu­nir ao ex­er­ci­to Au­striaco, e dar uma ba­talha ge­ral ; po­rem como o in­imigo renun­ciasse este pro­jecto, o Ge­neral Blucher re­passou o Aube e di­rigio a sua mar­cha so­bre Sezane.

O Du­que de Ra­gusa ob­servava este cor­po, es­torvou a sua mar­cha, e re­tirou-se di­ante delle sem per­da al­guma. No dia 25 che­gou a Ferté Gaucher, e no dia 26, effei­tuou em Ferté Jouarré a sua jun­c­ção com o Du­que de Treviso, o qual ob­servava a di­reita do Marne, e o cor­po de ex­er­ci­to cha­mado Ex­er­ci­to do Norte, que es­tava em Chalons e Rheims.

No dia 27, o Ge­neral Sa­chen mar­chou so­bre Maux, e ap­pare­ceu de­fron­te da pon­te, pos­ta­do na ex­tre­midade de Meaux, so­bre a es­tra­da de Nangis que tin­ha sido cor­ta­da. Este foi re­cebido com me­tralha. Al­guns dos seus ex­tra­viados avan­çaram até a pon­te de Lagnig.

Com tudo, o Im­perador par­tiu de Troyes no dia 27, dor­miu na mes­ma noite na al­dea de Herbesse ; no dia 28 no cas­tel­lo de Estarnay, e no dia 1 de Mar­ço, em Jouarre.

Assim, o ex­er­ci­to da Si­lesia es­tava ex­tre­mamente ex­posto. Não tin­ha ou­tro par­tido a tomar, senão pas­sar o Marne. Lan­çou lhe em cima tres pon­tes, e mar­chou pa­ra o Ourcq.

O Ge­neral Kleist pas­sou o Ourcq, e pro­se­guiu pa­ra Meaux, por Varede. O Du­que de Treviso al­cançou-o no dia 28, na po­si­ção da al­dea de Gué em Treme, so­bre a

margem esquerda do Terouenne. Atacou-o valorosamente. O General Christiani, commandando uma divisaõ das guardas antigas, cobrio-se de gloria. O inimigo foi perseguido apertadamente por varias legoas. Fizeram-se alguns centos de prisioneiros, e um grande numero ficou sobre o campo da batalha.

Ao mesmo tempo tinha o inimigo passado o Ourcq em Lessig, o Duque de Ragusa lançou-o para o outro lado.

O movimento retrogrado do exercito de Blucher estava decidido. Tudo desfilou sobre Ferté Milon, e Soisson.

O Imperador deixou Ferté Sous Jouarre no dia 3, a sua guarda avançada estava no mesmo dia em Racourt.

Os Duques de Ragusa e Treviso apertaram a retaguarda do inimigo; atacaram-o fortemente no dia 3, em Neuville Saint Front.

O Imperador chegou na madrugada do dia 4 a Fismes; fizeram-se prisioneiros, e tomaram-se alguns carros.

A cidade de Soissons tinha 20 peças de canhaõ, e estava em estado de se defender. Os Duques de Ragusa e Treviso proseguiram para a quella cidade, para passarem o Aisne, em quanto o Imperador marchava sobre Mezy. O exercito inimigo estava na mais perigosa situaçaõ, porém o General Commandante em Soissons, por uma covardia inesperavel, abandonou a praça, ás quatro da tarde, do dia 3, por capitulaçaõ, chamada honrosa, porque o inimigo lhe permittio sair da cidade com as suas tropas, e artilheria, e retirar-se com a sua guarniçaõ e artilheria para Villers Cotteretts. No momento em que o exercito inimigo se julgava perdido, foi informado de que a ponte de Soissons estava em seu poder, e que não tinha sido destruida. O General que commandava na cidade, e os Membros do Conselho de Defeza, saõ mandados comparecer perante uma Commissão de Inquiriçaõ. Ainda mais se vé que saõ culpados, por isso, que durante todo o dia 2, e 3 tinham ouvido da cidade os tiros do nosso exer-

cito, que se ia approximando de Soissons, e porque um batalhaõ do Vistula, que estava na praça, e que a deixou com as lagrimas nos olhos, tinha dado as maiores provas de intrepidez.

O General Corbineau, Ajudante-de-Campo do Imperador, e o General de Cavallaria, Laferriere, tinham marchado sobre Rheims, aonde entraram ás quatro da manhaã do dia 6, tendo rodeado um corpo inimigo de quatro batalhoens, que cobria a cidade, e cujas tropas ficaram prisioneiras. Em Rheims tudo foi tomado.

No dia 5, dormio o Imperador em Bery-au-Bac. O General Nansouty forcou a passagem pela ponte de Bery, derrotou uma divisãõ de cavallaria que a cobria, appodeorou-se de duas peças de canhaõ, e apprisionou 300 homens de cavallaria, entre os quaes estava o Coronel Principe Gagarin, que commandava uma brigada.

O exercito inimigo estava dividido em duas porçoens. As oito divisõens Russianas de Sacken, e Winzingerode, tinham tomado uma posiçaõ sobre os altos de Craone, e o corpo Prussiano nos altos de Laon.

No dia o veio o Imperador dormir a Corbani. Os altos de Craone foram atacados, e tomados por dous batalhoens das Guardas. O official de artilheria, Coraman, um official novo mas de experiencia, rodeou a direita á testa de um batalhaõ. O inimigo retirou-se, e tomou posiçaõ sobre um alto, que foi reconhecido no dia 7, ao romper da manhaã. Isto deo origem a batalha de Craone.

A posiçaõ do inimigo era excellente tinha a sua direita e esquerda defendida por charcos, e um terceiro charco na sua frente. Só deffendia a passagem, de 100 toesas de largo, que unia a sua posiçaõ ao outeiro de Craone.

O Duque de Belluno marchou com duas divisõens das Guardas novas para a Abadia de Vancler á qual o inimigo tinha lançado fogo. Arrojou-o de lá, e passou o desfiladeiro, que o inimigo defendia com 60 peças de canhaõ.

O General Drouet passou com varias baterias. Ao mesmo tempo o Principe de Moskwa passou o charco sobre a esquerda, e desfilou sobre a direita do inimigo com duas divisoes de cavallaria. Havendo-se passado o desfila-deiro, e forçado o inimigo na sua posiçãõ, foi elle perseguido por quatro legoas e acanhado com 80 peças de canhaõ, e metralha, o que lhe fêz soffrer grande damno.

O outeiro por onde se tinha retirado tambem tinha charcos da esquerda, e da direita, a cavallaria naõ podia subir para o atacar.

O Imperador passou o seu quartel-general para Bray. No dia seguinte, 8, perseguimos o inimigo até o desfila-deiro de Vreal, e no mesmo dia entramos em Soissons, aonde tinham deixado uma equipagem de ponte.

A batalha de Craonc he extremamente gloriosa para as nossas armas. O inimigo perdeu seis generaes, e avaliamos a sua perda, de 5 a 6.000 homens. A nossa tem sido 800, entre mortos e feridos.

O Duque de Belluno foi ferido de uma balla. O General Grouchy, e o General Leferriere, um official de cavallaria de grande distincçaõ, tambem foram feridos, desfilando á frente das suas tropas.

O General Belliard tomou o commando da cavallaria. O resultado de todas estas operaçoens, he ter perdido o inimigo de 10, a 12,000 homens. e 30 peças de canhaõ.

A intençãõ do Imperador he manobrar com o exercito sobre o Aisne.

Paris, 12 de Março.

O Hetman dos Cossacos, Platow, gabou-se de que havia de entrar, e sair em Paris a todo o galope, com os seus Cossacos, tendo deitado fogo a 580 partes da cidade, sem perder dez homens. Estas gentes, tam ferozes como ignorantes, imaginam que Paris he como o as cidades da Russia, cujas cazas saõ construidas de madeira,

e não sabem qual he a população de um só suburbio da capital.

Haviam de fallar mui differentemente se soubessem perfeitamente o que he passar em Paris, e a disposição dos habitantes; se tivessem visitado as nossas manufacturas, aonde diariamente se fabricam milheiros de armas de todas as castas; finalmente, se soubessem todos os meios de defeza que lhe podiam ser oppostos.

Na verdade, com que esperança de bom successo poderia um exercito inimigo aventurar-se a entrar na capital? Que seria feito delle no meio de uma vasta povoação armada, irritada, e resolvida a defender-se? Paris contem 20,000 cavallo de tiro, que haviaõ de puchar por 500 peças de canhaõ. Seria mui facil barricar as ruas, e apresentar em cada ponto uma resistencia efficaz. Bastaria fechar as barreiras, para causar a sua exterminação até o ultimo homem.

Podiamos referir mui notaveis exemplos de coragem que os habitantes de Paris tem mostrado na defeza da sua cidade, quando tinham mesmo leves motivos para pegar em armas; e pode-se suppor agora que haõ de ter menos energia, e intrepidez, quando a preservação das suas familias, da sua propriedade, das suas vidas, e liberdades, estam em jogo.

Os Prussianos, que sabem melhor que os Russianos, o perigo de atacar uma cidade como Paris, confessam o seu receio, e perguntam em toda a parte por onde passam, se he verdade que esta cidade está preparada para se defender. O Marechal Blucher tem mesmo dicto, que em similhante cazo desesperaria do successo da expedição.

Nós bem sabemos que os commandantes inimigos, quando intimam ás terras que se rendam, ameaçam-as de as queimar; porém para queimar Paris, he preciso primeiro entrar lá. Paris está cheia de soldados, e de artilhe-

iros, que sabem mui bem que nada ha a temer de fogo de artilheria collocado nos altos que rodeam a cidade. As maiores peças, collocadas na elevaçã mais proxima a Paris não chegariam a um decimo do diametro da cidade, isto he, aos lugares mais populosos. Alem disto, a artilheria de um exercito havia de consumir seis tantos das muniçoens que seriam necessarias para uma campanha, primeiro que tivessem queimado seis cazas. O mesmo inimigo está convencido destas verdades.

Estas reflexçoens tem-nos sido suggeridas pela leitura das authenticas declaraçoens, feitas pelas Municipalidades das terras que o inimigo tem destruido completamente, e pelo perfeito conhecimento dos poderosos meios que tem sido preparados para salvar a cidade de Paris, da furia dos inimigos. Graças ás sabias manobras do Imperador, e á coragem dos nossos soldados : o inimigo está longe de nos ; porem se alguma vez chegar a approximar-se dos nossos muros, ha de achar 600.000 Francezes, animados pelo mesmo sentimento, e determinados a defender-se da pilhagem, incendio, e morte.

Paris, 12 de Março.

As declaraçoens officiaes dos magistrados das terras, que tem sido temporariamente occupadas pelo inimigo próvam, pela maneira mais authentica, que estas tropas olham a pilhagem, e a destruiçã de Paris como o objecto da recompensa da sua invasaõ. Pessoas dignas de credito, que tem sido testemunhos do comportamento dos Russianos, e Prussianos, e que são em grande numero nesta capital, para onde tem concorrido a buscar asylo, confirmam a verdade destas relaçoens. Unanicamente asseveram que os soldados, e mesmo os chefes inimigos, se gabam de entrar em Paris sem resistencia, de saquearem a cidade, de escolherem dentre os habitantes, trabalhadores, artifices, artistas, e reparigas para mandarem para a Russia ; de expulsarem o resto da populaçã, e lançarem o fogo ás

casas. São principalmente os Russianos que mostram o maior afêro a estes projectos de destruição. Como tem precisão de dinheiro, roupa, e provisoens, e como tem grandes desertos para povoar, chegariam ao cumulo dos seus dezejos podendo-nos privar dos nossos moveis, e reduzir á escravidão a parte industriosa da nossa população. Haviam de transportar os nossos trabalhadores para a Russia negra, acnde os haviam de fazer trabalhar para elles, até que o açoute, a doença, o frio, ou o fome posesem fim á sua existencia.

Estes projectos pouco admiram da parte dos Russianos, que são em geral estrangeiros para toda a idea de civilização e para todo o sentimento de humanidade. Os horri-veis excessos que elles tem commettido não são certamente os primeiros de que são culpados. O seu comportamento em Warsaw, na segunda revolução de Polonia, prova sufficientemente de que elles são capazes. Oitenta mil creaturas fôram mandadas matar a sangue frio por estes Tartaros. O Vistula foi entulhado de corpos mortos, e as chamas consumiram o suburbio de Riga. Nada foi respeitado, nem igrejas, nem cazas de caridade, nem hospitaes. Preservaram as mulheres, e as raparigas para os servir como escravas, porém n'um repente de furia, tiraram-lhes a vida. Em fim não há sorte de crime com que não estejam manchados, e nenhuma expressão he sufficientemente energica para exprimir a sua atrocidade. Taes são os inimigos que desejam vir a Paris, e que pensam entrar dentro como se fosse n'uma aldeia.

A divisaõ Ingleza, anchorada na passagem da Rochella era composta, em 3 do corrente, de cinco naus, e quatro corvetas.

---

*Copia de uma Carta do General de Divisaõ, Conde Dessaix, ao  
Prefeito do Departamento de Mont Blanc.*

Os nossos postos avançados estão a tres quartos de legoa distantes de Genebra, espero que para a primeira occasião este-

jamós senhores da cidade. Tivemos hontem uma acção re-nhida juncto a St. Julien. O inimigo appresentou-nos uma bateria de 14 peças, e varias de 12, e apezar desta grande superioridade, perdeu o campo da batalha em todas as suas posições. Os nossos soldados tem feito prodigios de valor. So um superintendente de Alfandeguietas, fêz 13 prisioneiros. Outro soldado fez 8. Os habitantes estão tam irritados pelo mau tractamento que tem recebido do inimigo, que tivémos muito trabalho para evitar que assassinassem 50 prisioneiros.

A perda do inimigo tem sido muito mais consideravel do que a nossa; dizem-nos que fizera voar as pontes de Genebra.

O forte L'Ecluse foi tomado hontem; a columna que o tomou estava hontem á tarde a duas legoas de Genebra.

Paris, 14 de Março.

A Imperatriz, Rainha, e Regente recebeu as seguintes noticias, a cerca da situação dos exercitos até 12 de Março.

Ao outro dia da batalha de Craone, (dia 8,) foi o inimigo perseguido pelo Principe de Moskwa até a aldea de Etonville. O General Woronzoff, com 7, ou 8.000 homens guardava esta posição, que era mui difficil de approximar, porque a estrada que vai para ella, vai por espaço de uma legoa entre duas lagoas impracticaveis.

O Barão Gourgault, official de distinctos merecimentos, saio de Chavignon pelas hoze horas da noite, com dous batalhoens da Guarda Antiga, rodeou a posição, e proseguio por Challevois sobre Chivi. Chegou ao inimigo, aquem atacou com a baioneta á uma hora da manhã. Os Russianos desperataram aos gritos de “Viva o Imperador,” e proseguiram para Laon. O Principe de Moskwa marchou pelo desfiladeiro.

No dia 9 pela madrugada reçonhecemos o inimigo que tinha reunido os corpos Prussianos. A posição era tal, que parecia inatacavel. Nos tomamos uma posição.

O Duque de Ragusa, que tinha ficado no dia 8 em Carbone, appareceo em Vessoul ás duas da tarde, desbaratou a guarda avançada do inimigo, atacou as aldeas de Altheis, que tomou, e foi sempre bem todo o dia. As seis e meia, tomou uma posi-

ção. As sette deo o inimigo um arrepelaõ com a cavallaria, uma legoa na retaguarda, aonde o Duque de Regio tinha um parque de reserva. O Duque de Ragusa marchou para lá appressadamente; porem o inimigo teve tempo para levar 15 peças de canhaõ. Uma grande parte *do personel* foi salva.

No mesmo dia, o General Charpentier, com a sua divisaõ das guardas novas, tomou a aldea de Clacy. No dia seguinte atacou o inimigo esta aldea sette vezes, e outras tantas foi repellido. O General Charpentier perdeu 400 prisioneiros. O inimigo deixou as alas cobertas de mortos. O quartel-general do Imperador nos dias 9, e 10, estava em Chavignon.

Sua Magestade, julgando que era impossivel atacar ós altos de Laon, fixou o seu quartel general, no dia 11, em Soissons. O Duque de Ragusa occupou no mesmo dia Bery-au-Bac.

O General Corbinau elogia as boas disposiçoens dos habitantes de Rheims.

No dia 7 pela manhaã, o General St. Priest, commandando uma divisaõ Russiana, appareceu defronte de Rheims, e intimou-lhe que se rende-se. O General Corbinau respondeo com artilheria. O General Defrance chegou entaõ com a sua divisaõ de Guardas de Honra, atacou valorosamente, e fez retirar o inimigo. O General St. Priest, pôz fogo a duas grandes fabricas, e a cincoenta casas que estavam da parte de fora da cidade; comportamento digno de um vira-cazaca. Em todos os tempos, os vira-cazas tem sido os mais crucis inimigos da sua patria.

Soissons tem soffrido muito. Os habitantes tem-se conduzido pelo modo mais hourado. Naõ ha louvores demasiados para o regimento do Vistula, que formava a guarniçaõ; nem ha elogios que o regimento do Vistula julgue mui grandes para os habitantes. S. M. tem concedido a este valoroso corpo, 30 habitos da Legião d'Honra.

O plano de campanha do inimigo tem sido uma especie de roldaõ geral, arromecendo-se sobre Paris. Desprezando todas as praças fortes de Flandres, e observando somente Bergen-op-Zoom, e Antwerpia, com tropas inferiores, por metade, ao numero de tropas das guarniçoens daquellas praças, penetrou por

Avesnes. Desprezando as praças do Ardennes, Meziera, Rocroi, Phillippeville, Fivet, Charlemont, Montmedy, Maestricht, Vanloo, e Juliers, passaram por estas impracticaveis, para virter a Avesnes, e Rhethel. Estas praças que se communicam não são observadas, e as guarniçoens, assustam consideravelmente a retaguarda do inimigo. Em quanto o General St. Priest queimava Rheims, foi seu irmão prezo pelos habitantes, e mandado para Charlemont. Desprezando todas as praças do Meuse avança sobre Bar, e St. Dizier. A guarnição de Verdum tem chegado mesmo a St. Mihiel. Juncto a Bar, um General Russiano que se demorou alguns momentos, com quinze homens, depois da partida das suas tropas, foi morto pelos paizanos com a sua escolta, em pága das atrocidades que elle tinha ordenado. Metz estende as suas sortidas até Nancy; Strasburgo, e outras praça, como são observadas por pequenas partidas, tem entrada, e saída franca, e chegam-lhe provisoes em abundancia. As tropas da Guarnição de Mentz vão até Spires. Como os departamentos se tem appressado a completar os corpos de batalhoens que estão em todas aquellas praças, aonde são armados, equipados, e exercitados, podemos dizer que há varios exercitos na retaguarda do inimigo. A sua situação não pode senão tornar-se cada dia peor. Vemos pelos papeis que tem sido interceptados, que os regimentos de Cossacos, que são de 250 homens, tem perdido para cima de 120, sem terem estado em acção, porem tam somente pelas hostilidades dos paizanos.

O Duque de Castiglione manobra sobre o Rhone, no departamento do Aisne; e em Franche Comté. Os Generaes Dessaix, e Marchand tem expellido o inimigo de Savoia. Quinze mil homens vão passando os Alpes para reforçar o Duque de Castiglione. O Vice-Rey tem obtido grandes vantagens em Borghetto, e feito recuar o inimigo sobre o Adige.

O General Greuier, que saio de Placencia em 2 de Março, bateo o inimigo em Parma, e arrojou-o para lá do Taro.

As tropas Francezas, que occupavam Roma, Civita Vecchia, e Toscana, estão entrando em Piamonte para passarem os Alpes.

A exasperação da população augmenta cada dia em proporção das atrocidades que são commettidas por estas cablas, ainda mais barbaras, que o seu clima, que deshonram a raça humana, e cuja existencia militar tem por objecto, pillhagem, e crime, em vez de honra, e fama.

As conferencias de Lusigny para um armistico, falharam. Não podemos concordar na linha de demarcação. Tinhamos convindo nos pontos de occuparem o Norte e o Nascente; porem o inimigo descjava, não se estender a sua linha sobre o Jaone, e o Rhone, mas incluir a Savoia. Nos replicamos a esta linha *o status quo*, e deixar o Duque de Castiglione, e o Conde Bubna, decidir sobre a linha dos seus postos avançados. Isto foi rejeitado. Foi então necessario renunciar a idea de um armisticio por quinze dias, que trazia com sigo mais inconvenientes do que vantagens. Demais disso, o Imperador pensou que não tinha direito para collocar uma numerosa população debaixo do jugo de ferro de que elle a tinha livrado. Não quiz consentir em abandonar as nossas communiçaõens com a Italia, que o inimigo tantas vezes, e tam infructuosamente quiz interceptar, quando as nossas tropas ainda não estavam unidas.

O tempo tem sido constantemente mui frio. Os accampamentos são mui incomodos durante esta estação; porém ambos os partidos estão expostos aos mesmos males. Sabe-se mesmo que as doenças fazem grande estrago nos exercitos inimigos, ao mesmo tempo que o nosso tem mui poucos doentes.

Paris, 16 de Março.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeu as seguintes noticias da situação dos exercitos até o dia 14.

O General St. Priest, commandante em chefe do 8.º corpo Russiano, tinha estado varios dias em posição em Chalons-sur-Marne, tendo uma guarda avançada em Sillery. Este corpo, composto de tres divisoens, que deviam conter 18 regimentos, e 36 batalhoens, tinha actualmente só 8 regimentos, ou 16 batalhoens, montando de 5 a 6000 homens.

O General Iagow, commandante da ultima columna da re-

serva Prussiana, e tendo tambem debaixo das suas ordens quatro regimentos do Landwehr da Pomerania Prussiana, e os Marks, formando 16 batalhoens, ou 7000 homens, que tinham sido empregados no cerco de Torgau, e Witttemberg, unio-se ao corpo do General St. Priest, cuja força deve ter sido consequentemente 15, ou 16.000 homens incluindo cavallaria, e artilheria. O General St. Priest resolveo-se a surprehender Rheims aonde o General Corbineau estava postado á testa das Guardas Nacionaes, e de tres batalhoens da leva em massa, com 700 homens de cavallaria, e 8 peças de canhão. O General Corbineau tinha collocado a divisaõ de cavallaria do General Defrance em Chalons-sur-Vesle, a duas legoas da cidade.

No dia 12 ás cinco horas da manhã, appresentou-se o General St. Priest ás diferentes portas. Fez o seu ataque principal sobre a porta de Laon, que pela superioridade de suas forças pôde romper. O General Corbineau fêz a sua retirada com tres batalhoens da leva-em-massa, e os seus 700 de cavallo, e recuou sobre Chalons-sur-Vesle. A guarda nacional, e os habitantes comportaram-se mui bem nestas circumstancias.

No dia 13 ás 4 horas da tarde, estava o Imperador sobre os altos do Moinho de Vento, á uma legoa de Rheims. O Duque de Ragusa fomava a guarda avançada. O General de Divisaõ Merlin, atacou, rodeou, e tomou varios batalhoens do Landwehr Prussiano. O General Sebastiani avançou contra a cidade á testa de duas divisoens de cavallaria. Com peças de canhão estiveram empregadas de um e outro lado. O inimigo corôava os altos na frente de Rheims.

Em quanto se estava fazendo o ataque, concertaram-se as pontes de St. Brice, em ordem a rodear a cidade. O General Defrance fêz um ataque soberbo com as guardas de honra, que se cobriram de gloria, particularmente, o General Conde Segur, commandando o 3º. regimento, o qual atacou entre a cidade e o inimigo, que arrojou para dentro dos Suburbios, e a quem tomou 1.000 homens de cavallaria, e a sua artilheria.

No meio tempo, tendo o General Conde Crasinski, interceptado a communicaçã de Rheims a Bery-a-Bae, abandonou o inimigo a cidade, fugindo em desordem para todos os lados. O

resultado deste dia, que não nos custou 100 homens, são 22 peças de canhão, 5.000 prisioneiros, e 100 carretas de artilharia, e bagagem.

A mesma bateria de artilharia ligeira, que matou o General Moreau defronte de Dresden, ferio mortalmente o General St. Priest, que tinha vindo á testa dos Tartaros do Deserto, para arrazar o nosso bello paiz.

O Imperador entrou em Rheims á uma hora da manhã no meio das acclamaçoens dos habitantes daquella grande cidade, e estabeleceo lá o seu quartel-general. O inimigo vai-se retirando, parte sobre Chalons, parte sobre Laon. Vai perseguido em todas as direcçoens.

O regimento 10º. de hussares, e o 3º. das guardas de honra, distinguiram-se particularmente. O General Conde Segur foi perigosamente ferido; porem a sua vida não está em perigo.

Paris, 16 de Marco.

A Commissaõ Militar formada em Rheims, condemnou á morte uma pessoa chamada Rougeville um recolhido e igrado, e antigo official de cavallaria, accusado, e convencido de se corresponder com os exercitos Russianos. Uma carta dirigida por elle ao Principe Wolkonsky, que foi enterceptada por um destacamento Francez, prova evidentemente a traição deste individuo. Julgamos do nosso dever expôr ao publico a minuta desta carta, que foi achada entre os seus papeis, assim de mostrar a todos os Francezes a maneira porque os Russianos recompensã aquelles que são vis a ponto de servirem os inimigos da sua patria.

---

*Carta escripta ao Principe de Wolkonsky pelo Senhor de Rougeville achada em minuta entre os seus papeis.*

PRINCIPE! Duas vezes tenho tido a fortuna de ser util ás vossas combinaçoens, nos reconhecimentos que vos ordenastes que se fizessem no dia 17 em Epernay, e no dia 25, em Villiers-Cotterets. Duas vezes tenho voluntariamente acompanhado o Official Cossaco, porque, em primeiro lugar, sendo eu um official antigo de cavallaria, tinha conhecimento das estradas, e de

tudo o que diz respeito a procedimentos tam importantes; e em segundo lugar, porque eu estava cheio de zelo pelo successo dos vossos exercitos. Porém, he com pezar, Principe, que trago á vossa lembrança, que no dia 17, em quauto eu estava ausente no vosso serviço, a minha caza de campo em Baslieu, foi totalmente saqueada; e que em addição a isto, a guarda de corpo do General Woronzow foi alojada na minha caza da cidade no dia 23, quando devia ser aquartelada em uma caza grande, e desocupada, que esta defronte do quartel do General.

Se V. Ex. tem a bondade de apreciar, e approvar o zelo, e ardor porque eu tenho sido guiado em favor dos vossos exercitos, o unico favor que vos peço he que seis cavallos de trabalho que me fôram tomados, me hajam de ser restituídos, e depois, que se dem ordens para fazer retirar a guarda da minha caza, e polla na caza N.º 4, defronte da residencia do General.”

Durante o curto expaço que os Russianos estiveram em Chateau-Thierry, um official daquella nação esteve aquartelado com um habitante da villa. A extrema elegancia, e polidez das suas maneiras, que faziam o contraste do brutal comportamento e maneiras dos seus soldados, indicávam que era uma pessoa bem educada. Uma tarde o patraõ percebeo, que elle trazia pendurado debaixo do colete, um saquinho de setim azul, pendente ao pescoço por uma fita de seda. No meio do sacco havia um coração bordado, e por baixo uma inscripção Russiana. O official sendo apertado com perguntas a respeito desta insignia pouco militar, confessou, que era um prezente, que lhe tinha feito a sua amante, antes da sua partida. Notou-se lhe que o coração não era acompanhado por uma chama, e não pôde mais recuzar uma cabal explicação.

A inscripção Russiana, disse que significava, que o coração havia de receber a sua chama em Paris. O official accrescentou, que muitos dos seus camaradas tinham recebido similhantes presentes á sua partida para França, e que tinham promettido levar para caza alguma cinza de Paris. Os habitantes de Chateau-Thierry responderam com sorrizo, que a Quaresma estava muito adiantada, e que Quartafeira de Cinza já tinha passado.

O Duque de Belluno e o General Grouchy chegaram a Paris.

Receberam-se hoje noticias do Senador Conde Roederer, commissario extraordinario de S. M. em Strasburgo. Os negocios tiveram um successo maravilhoso em Alsacia, e Lorraine. A fabrica de armas em Montzick foi passada para Strasburg, aonde continua com a maior actividade. O arsenal de Strasburg tem sido cheio de armas acabadas. A guarda Nacional de Strasburg, independente da guarniçaõ, consistia de 7, a 8.000 homens. A cidade estava bloqueada somente por 2, ou 3.000 homens. pertencentes ás tropas de Baden, que não ouzam approximar-se menos de tres legoas.

A guarda nacional, e a guarniçaõ de Schelesstadt, tem-se distinguido pela sua vigilancia, e tem feito continuar saidas. Aquella cidade tambem estava bloqueada pelas tropas de Baden. Em uma saida feita nos principios de Março, tinha a guarniçaõ tomado aos Badenezes, a sua artilharia, e 150 bois. Afastou o inimigo combatendo, até o valle de St. Maria aux Mimer. A guarniçaõ fez mais de 100 prisioneiros.

Huningen, e Befort tem-se distinguido igualmente. Viajantes que vem de Strasburg, tem passado por Nancy. Toda a Lorraine, e Alsacia está-se organizando pelos communs para a leva-em-massa. Em toda a parte se estaõ armando, e desarmando os extraviados. Todos esperam com impaciencia pelo signal para cairem de todos os lados sobre as columnas do inimigo.

Similhantes noticias chegam de Metz, de Mexeres, e de Mauberg, aonde as fabricas de armas tem fornecido um immenso numero de espingardas.

Ha so oito cossacos em roda de Verdun, sobre a estrada de Etain.

Duas pessoas, uma chamada Callaerts, contractador de lenha, e quinteiro em Wesemael, e outra chamada Achter, natural de Aerschot, departamento do Dyle, foram convencidas de espias, e de se corresponderem com o inimigo. As listas de proscripçaõ acham um delles igualmente culpado de ter sido accuzador dos Francezes mais dedicados ao serviço de S. M. Estes crimininosos foram condemnados, o primeiro por contumaz, e o segundo a morte, pelo juizo de uma especial commis-

saõ militar extraordinaria, em Chavignhon, a 8 deste mez. Achten soffreo a execuçaõ da sua sentença.

*Extracto de uma Carta escripta a S. E. o Ministro da Guerra pelo Marechal Duque de Castiglione.*

Villa França, 12 de Março, de 1814.

SENHOR! Pelos meus officios de autes de hontem, tive a honra de informar a V. E. dos motivos que me induziram a passar para a margem direita do Saone para impedir os progressos do General Bianchi, que com 15.000 homens vinha avançando a marchas forçadas sobre Lyons, pela estrada de Maçon, ao mesmo tempo que a divisaõ Hardeck, e a brigada ligeira de Wealand vinham sobre Bourg. Ordenei ao General Bardet, que tinha ficado postado em Pont d'Ain, que avançasse sobre Bourg, para refrear ésta divisaõ, eu ia encontrar-me com o corpo de Bianchi. Defacto, o General Bardet avançou sobre Bourg, no dia 10; aonde encontrou a guarda avancada do inimigo; desbaratou-a, fêz 50 prisioneiros, e postou-se para lá da villa, observando a villa de Maçon, e St. Amour. Durante este tempo attravessei eu rapidamente Lyons, com as divisoens Musnier, e Pannetier, e tres regimentos de cavallaria, e avancei para esta terra (Villa França.) A divisaõ Meusnier, e o regimento 12 de hussares, compondo a vanguarda, encontrou-se com a do inimigo em St. Jorge, a duas legoas de Villa Franca, arrojou-o da posiçaõ, até distancia de meia legoa de Maçon, tomando 2 peças de canhaõ, e 800 prisioneiros dos quaes 4 saõ officiaes. O regimento 12 de Hussares fêz prodigios de valor, naõ obstante estar mui fatigado, e ter 4 regimentos Austriacos contra elle. Foi este regimento quem cortou os artilheiros pertencentes ás 3 peças de canhaõ, e as tomou. O Capitãõ Plissen distinguio-se particularmente e ferio o General inimigo Scheneiter, que commandava a vanguarda, e que escapou a pé na confusaõ.

Eu espero pela junçaõ de todas as tropas, para continuar as minhas operaçoens.

(Assignado)

AUCEREAU, Duque de Castiglione,  
Marechal do Imperio.

Paris, 17 de Março

A fortaleza de Huningen sustenta-se com vigor. Tem provisoens em abundancia. O inimigo erigio uma bateria na aldeia do Pequeno Huningen, composta de obuses, e morteiros para bombardear a praça. Esta bateria commeçou a jogar no principio de Março. A guarnição correspondeo ao fogo do inimigo lançando algumas bombas dentro de Basilea.

A guarnição de Befort fez frequentemente saídas bem succedidas; não so tem podido procurar uma grande quantidade de provisoens, mas tem tomado ao inimigo, por duas differentes vezes, toda a artilheria que tinha defronte da praça. Em uma saída libertou 300 Francezes prisioneiros, e levou-os para dentro da praça. Neu Brisach não está apertadamente bloqueado, e communica-se com a guarnição de Schelestadt; estas duas praças combinam as suas saídas,

A guarnição de Strasburg faz frequentemente correrias até a distancia de 3, e 4 legoas, e causa grande prejuizo ao inimigo.

As fabricas de Neuhausen estão pela maior parte convertidas em hospitaes pelos Alliados; estão atulhadas de doentes; já lá há 5.000; e esperavam-se em 5 de Março, 3.000 feridos.

Todos os grandes edificios no Alto Rheno estão cheios de inimigos doentes. Naquella parte da França ha 25.000 homens sem contar os feridos.

Os excessos dos inimigos tem de tal forma incitado os habitantes do Alto Rheno, que só esperam pelo signal para correrem ás armas, e cairem sobre elles.

Já ha mais de seis semanas que os agentes da Russia, em Basilea, tem diariamente annuciado as novas da sua entrada em Paris. No principio de Março commeçaram a conceder, que a ala esquerda do seu exercito tiuha sido infeliz; porém mostravam estar mui esperançados na junção de Blucher com Langeron, e Winzingerode. No dia 5 proclamaram que o seu exercito occupava Meaux com 200.000 homens, e interceptara a communicação do Imperador com Paris. Por fim annuciaram como certo que 30.000 Russianos tinham entrado em Paris.

Mantua, 9 de Março.

À pezar de todas as esperanças que nós tínhamos, de que as tropas Napolitanas haviam de abster-se de continuar as hostilidades, especialmente depois que fôram informados das ultimas victorias do Imperador, e das vantagens ganhadas pelo exercito da Italia, o Rey de Napoles, á testa das suas tropas, atacou o corpo de observação, que o Vice Rey tinha deixado em Regio. Este corpo, apenas de 2.500 homens, soffreo todo o dia o fogo do inimigo, que formava varias linhas por baixo de Regio, porém ainda não se atreveo a atacar as nossas tropas, que segundo as ordens que tinham recebido, depois de assim terem resistido, a uma força mui superior, recuáram sobre Taro. A canhonada durou varias horas. Nesta acção não tivemos mais de 250 homens mortos ou feridos; porem o exercito ouvirá com pezar, que o General Sevaroli que commandava em Regio foi perigosamente ferido em uma perna, por um balla de canhão. O inimigo deve ter soffrido uma perda consideravel.

Milaõ, 12 de Março.

*Exercito de Italia—Ordem do Dia.* Tendo varias relações annunciando movimentos no exercito inimigo, Sua Alteza Imperial o Principe Vice-Rey mandou corpos fortes a fazer reconhecimentos ao longo de toda a linha, no dia 10 de Março. O corpo que partio de Montzambano, encontrou-se com o inimigo nos montes vizinhos. O corpo de Goito, composto de dous batalhoens, e 80 cavallos, ás ordens do General Jeanin, atacou o primeirò posto do inimigo, e penetrou até Bouerbell a aonde a retaguarda do inimigo parecia inclinada a fazer alguma resistencia. Fizemos nesta villa 67 prisioneiros, entre os quaes há quatro officiaes. O corpo, que foi de Mantua, para marchar sobre Castiglione, estava debaixo do commando do General Galamberti: este repello o inimigo até Castiglione. De ambos os lados se fêz um vivo fogo de mosqueteria. O corpo que partio de Governolo, debaixo do Commando do General Paolicci perseguiu o inimigo, que não cessou de retirar-se diante delle, até Astiglia. Neste dia teve o inimigo 300 homens mortos ou feridos, e fizemos 100 prisioneiros, entre elles 4 officiaes. Nos não tivemos acima de 80 feridos.

O objecto do movimento retrogrado do inimigo, era concentrar as suas forças em Verona, de medo de ser atacado por nós em todos os pontos da linha. Tem deixado dous corpos em avançada, um para a banda de Villafranca, e outro para abanda de Castel-Nuovo. O nosso exercito fica até novas ordens, em Mincio como o inimigo abandonou os entrincheiramentos que tinha feito em Borghetto, estaõ agora occupados pelos nossos postos avançados.

O Marechal Bellegarde entrou em Verona antes de hontem, ás onze da manhaã ; os Granadeiros entrãram ás 3 da tarde. Toda a bagagem, e reserva do exercito Austriaco está em S. Miguel, e em S. Martinho.

(Assignado) VIGNOLLI,

O General de Divisaõ, Chefe do Estado Maior,  
Conde do Imperio.

Quartel-general de Mantua, 11 de Março, de 1814.

---

FRANÇA PELOS BOURBONS.

*Proclamação de Monsieur ; extrahida do Haarlem Courant, de 12 de Março.*

Nos, CARLOS PHELIPE, de França, Monsieur, Conde de Artois, Irmaõ do Rey, e tenente-general do Reyno.

A todos os Francezes, Saude.

Francezes ! O dia da vossa redempção está chegado : o Irmaõ do vosso Rey está entre vos, elle vem arvorar outra vez a antiga bandeira dos lirios no coração de França, e annunciar-vos a volta da felicidade, e da paz, e a restauração das leys, e da liberdade publica debaixo de um governo protector.

Naõ mais conquistador, naõ mais guerra, nem conscripção, naõ mais tributos consolidados ; A' voz do vosso soberano, do vosso Pai, podem as vossas desgraças ser varridas pela esperanza, os vossos erros pelo perdão, e as vossas dissenções pela uniaõ, que ha de effictuar-se, e para a qual elle he a vossa segurança.

Elle arde em desejos de preencher as promessas que vos tem feito, as quaes hoje solemnemente renova, e pelo seu amor e benevolencia para fazer feliz o momento, que restituindo-o aos seus vassallos, o restitue aos seus filhos,  
**VIVA O REY!**

---

*Proclamação em nome d'El Rey de França.*

Bruxellas, 17 de Março, 1814.

O Marquez de Chabannes, primeiro ajudante de campo d'El Rey, munido de plenos poderes nas provincias do Norte.

Francezes! Aproxima-se o momento de vossa libertação; vosso Rey, acompanhado pela filha de Luiz XVI, e seguido pelo principe de Condè, e pay do Duque d'Enghien, está ao ponto de apparecer entre vós. Monsieur, o irmão de Luiz XVI, e seus illustres filhos, o tem ja precedido no Oriente, e no Sul, e no Ocidente da França; elles vos fazem saber as paternaes vistas de vosso Rey, e vos asseguram, em seu nome, o restabelicimento da felicidade e paz, debaixo de um governo, que será o protector das leys, e da liberdade publica.

O grito de *Vive le Roy*, tão charo a vossos antepassados, se eleva de todas as partes, e faz echo em todos os corações! A bandeira branca se arvora nas vossas cidades. Ella faz saber aos habitantes, que torna a apparecer a ordem, e revive o commercio, a segurança das familias. a uniaõ dos Francezes.

Naõ temeremos por mais tempo a guerra, a conscripção, e o odioso pezo dos tributos consolidados: tudo quanto causa a miseria da nação cessará com a existencia do tyranno.

El Rey segurará às guardas imperiaes, e a todos os generaes, officiaes, subalternos, e soldados, que se unirem a sua causa, o gozo de sua graduação, soldo, e emolumentos: e a todos os magistrados, quer sejam administrativos, quer

judiciaes, que se declararem por elle, o gozo de seus postos : elle premiará honradamente os que o servirem. A religião será restituída a seu lustre ; a propriedade á segurança, que lhe he devida. Nada perturbará a unanimidade, que deve unir todos os Francezes ; e El Rey junctamente com a sua familia dará o exemplo de sacrificios, combinará os direitos e desejos de todos, em mutua harmonia.

Francezes ! Tal he a contra revolução, que se deve effectuar para vosso bem, e para a tranquillidade do Mundo. Toda a Europa he zelosa da restauração dos Soberanos legitimos ; Sereis vós a unica nação, que deseje viver debaixo da mais abatida tyrannia ? *Vive le Roy !*

Valorosos Flamengos, gente do Artois, e Picardia, recebei a expressão daquelle respeito, com que está penetrado aquelle, que tem a boa fortuna de vos trazer neste tempo os desejos e vistas de vosso Rey.

O Marquez de CHABANNES.

---

*Instrucções.*

ART. I. Aonde quer que chegar esta proclamação, todos a devem zelosamente afixar, e fazella publica, e conhecida por todos os modos possiveis.

2. Distribuilla de mão em mão, levalla de lugar a lugar, ainda mesmo ás maiores distancias de suas habitações, demaneira que se dissemine com a maior extensão possível.

3. Deve ser re-impresa em toda a parte, aonde houver impressões ; e a despeza será depois paga a quem fizer o desembolço.

4. Todo o mayor deve ter cuidado de registrar o nome e feitos daquelles que se distinguirem em cada commum, para que El Rey os possa remunerar pessoalmente.

5. Todos os officiaes militares e administrativos, se porão á frente dos realistas, e cada um em seu lugar arvorará a bandeira branca, nas cidades, villas, &c. Todos deverão tambem pôr o laço branco no chapeo, signal distinctivo de sua leal unanimidade.

6. Sendo o tope branco o mais verdadeiro emblema da paz e harmonia com as Potencias Alliadas, manda El Rey, que todos os mayores façam recahir o pezo da guerra sobre aquelles sómente, que se não declararem ao primeiro signal, aquelles que procurarem ao

supportar um usurpador, contra o seu legitímigo Soberano, e contra os illustres deffensores da liberdade do mundo, merecem somente padecer as miserias da guerra, que a illimitada ambiçaõ de um indig-no estrangeiro trouxe ao coraçã da França.

7. Em toda a parte se devem interceptar os correios do tyranno, ou os que forem despachados por seus agentes; os viajantes, que não puderem mostrar claramente, que não tem connexoens com o tyranno, devem ser mettidos em prisaõ; e se deve fazer parar toda a connexaõ com o governo, por meio dos correios.

8. Em cada commum se deve organizar uma guarda nacional, debaixo do commando do Mayor; e esta guarda junctamente com a brigada da gens-d'armes, deve vigiar na segurança das pessoas, e da propriedade.

9. Todos os que tivèrem a felicidade de ir ter com o seu Rey, se apetrecharaõ da maneira seguinte :

Uma cazaca azul, com lirios nos botoens: uma fita branca de 3 polegadas de largura, bordada de lirios no braço direito; e na cabeça uma pluma branca: uma espada, um par de pistolas e um cavallo. O lugar do ajunctamento será ao depois designado.

10. Aquelles dignos voluntarios, depois de terem rodeado a seu Rey na sua coroaçaõ, teraõ liberdade ou de voltar para suas casas, tendo previamente recebido provas de satisfacçaõ de S. M., ou de se alistarem nas novas tropas da guarda d'El Rey, aonde gozaraõ da graduaçaõ em que tiverem servido.

11. As gens-d'armes devem em toda a parte dar o exemplo; e pela sua adherencia á causa d'El Rey, pelo seu zelo em dispersar a presente proclamaçaõ, adquiriraõ um titulo a entrar nas gens-d'armes de elite, que S. M. tem resolvido crear, e colocar juncto á sua pessoa.

12. El Rey confia na lealdade, e affeiçaõ de seu clero.

13. Todas as vezes que as authoridades civis ou militares não conresponderem ao chamamento d'El Rey, e á confiança que S. M. nellas põem, seraõ julgadas traidores ao governo legitímigo, e inimigos de seu paiz natal. Os realistas tem poder de os prender em toda a parte, e nomear provisionalmente pessoas, que occupem os seus lugares, segundo julgarem mais conveniente para effectuar as paternaes vistas d'El Rey.

14. El Rey ordena a todos os Francezes, que recebam com hospitalidade e attençaõ as tropas dos illustres libertadores contra a tyrannia; e ainda que as mais apertadas ordens, e a mais estricta disciplina não possa previnir algumas desordens, com tudo estas pelo

menos seraõ as ultimas desgraças, que o tyranno nos causará; e a paz no Reynado dos Bourbons, e do mais benigno e intelligente dos reys restituirá o socego á infeliz França.

Fev. 28.

O Marquez de CHABANNES.

—  
N A P O L E S .

*Proclamação.*

O Barão Paerio, conselheiro de estado, e procurador geral de S. M. o Rey das duas Sicilias, &c.

Ao povo dos departamentos do Sul da Italia.

Tendo sido concluido um tractado de paz entre S. M. I., e Real, de Austria, e as outras potencias alliadas do Continente, com o Rey das duas Sicilias, que está possuindo provisionalmente os Estados Ecclesiasticos, e de Toscana, e os departamentos do Sul da Italia, estipulou-se um armisticio com a Inglaterra, o qual ha de ser seguido por um arranjamto pacifico, pelo qual a liberdade dos mares há de ser reconhecida, e a liberdade do commercio assegurada.

O povo desta bella parte da Italia já poderá calcular as vantagens que são obtidas, e as esperanças que se podem conceber desta nova, e brilhante situação; e S. M. ha de emprehender convençoens taes que tornem os habitantes sensiveis ao dever de gratidaõ que lhe devem. Elle promette pela segurança externa dos paizes occupados militarmente, e pela força armada que mantém sobre o Po, que ha de ter afastado deste territorio, o sanguinolento theatro da guerra.

Nestas circumstancias, a justiça que vós lhe deveis, requer que no interior vos conserveis em tranquillidade, até que um conselho geral administrativo, estabelecido em Roma, haja de providenciar os proprios meios para a Administraçãõ Civil, Financial, e Judicial.

S. M. no fundo do seu coração, está cuidadoso da vossa felicidade. Tem empregado commissarios Reaes, forne-

eidos com os necessarios poderes, para se informarem das vossas necessidadesde, e que haõ de saber os vossos desejos por meio dos conselhos dos departamento, e que haõ de adoptar aquellas medidas que forem mais efficazes para a vossa prosperidade.

Por sua alta authoridade, e sancionado pelos seus plenos poderes, posso declarar-vos,

1. Que S. M. põem debaixo da protecção da sua propria honra, a manutenção da segurança pessoal, e a inviolabilidade da propriedade publica.

2. Que promette a protecção do commercio maritimo e interior, com todas as potencias amigas e neutraes.

3. Que todos os officios vacantes, ou os que o vierem a ser nos vossos departamentos, seraõ providos exclusivamente pelos habitantes.

4. Que nenhum tributo novo sera imposto no vosso paiz, e será o especial cuidado de S. M. diminuir aquelles já impostos, que a experiencia tiver mostrado serem pe-zados.

Povos do Sul da Italia! Animaí nos vossos coraçoes sentimentos de gratidaõ, naõ porque se-vollo-ordena, mas porque a virtude e beneficencia de S. M. inspira taes sentimentos. Este ha de ser o feliz presagio do vosso futuro destino, ha de fazer-nos amavel a nação.

---

EXERCITOS ALLIADOS NO SUL DA FRANÇA.

*Extracto de um Officio do Excellentissimo Marechal-general Duque da Victoria.*

Quartel-general de S. Jean de Luz,  
30 de Janeiro, de 1814.

Naõ tem occorrido cousa de maior importancia depois do mea officio de 23 do corrente.

O inimigo no deturso desta semana fez differentes ataques contra os nossos piquetes no Joyeuse, e Aran, os quaes tiveram o mesmo exito que usualmente ataques de simi-

lhante natureza costumaõ ter, isto he, ficarem os dous partidos de posse do terreno que antes occupavam, e com pouca perda de um e outro lado. Em um dos referidos ataques, perto de Macaye, no dia 26, conduziram-se as tropas do General Morillo admiravelmente bem; e nesta occasiaõ mostrou o inimigo maiores forças do que ordinariamente mostrava.

As ultimas participações que tenho recebido da Catalunha são de data de 20 do corrente, e por ellas fui informado que o Tenente-general Clinton, de concerto com o General Copons, fez um movimento com a Divisaõ do General Sarsfield, pertence ao 2.º exercito, e com um Destacamento Anglo-Siciliano, do Corpo do seu commando, ao mesmo tempo que o General Copons se pôz em movimento com uma brigada de infantaria do Coronel Manso, e outras tropas, com o objecto de procurar cortar alguns destacamentos do inimigo no Llobregat, nas vizinhanças de Molins del Rey. O mau estado das estradas impedio que esta empreza tivesse o bom successo, que se tinha traçado, e o inimigo pôde conseguir o retirar-se.

---

*Officio do Feld-marechal Lord Wellington, datado de St. Jean de Luz, 20 de Fevereiro, 1814.*

Em conformidade da intençaõ, que communiquei a V. S. no meu ultimo officio, movi a direita do exercito debaixo do commando do Tenente-general Sir R. Hill, no dia 14; o qual fazendo retirar os piquetes inimigos para o rio Joyeuse, atacou a sua posiçaõ em Hellete, daqual o General Harispe foi obrigado a retirar-se, com perda, para o lado de S. Martinho. No mesmo dia fiz avançar sobre Baygorey, e Boderray, o destacamento do corpo do General Mina, no valle de Bastan; e estando a communicaçãõ do inimigo com St. Jean Pied de Port cortada pelo Tenente-general Sir. R. Hill, foi aquelle forte bloqueado pelas sobre-dictas tropas Hespanholas.

Na manhã seguinte, as tropas do commando do Tenente-general Sir R. Hill continuaram a perseguir o inimigo, que se tinha retirado para uma posição forte na frente de Garris, aonde se reuniu ao General Harispe a divisaõ do General Paris, que teve ordem de retroceder da marcha, que tinha commecado para o interior da França, e outras tropas do centro do inimigo.

A divisaõ Hespanhola do General Murillo depois de ter rebatido os postos avançados do inimigo, foi mandada mover para a banda de St. Palais, por uma cordilheira parallela, á em que estava o inimigo, em ordem a flanquear-lhe a esquerda, e cortar-lhe a retirada por aquella estrada, em quanto a 2.<sup>a</sup> divisaõ ás ordens do Tenente-general Sir W. Stewart atacava em frente. Estas tropas fizéram um airossissimo ataque sobre a posicaõ do inimigo, que era notavelmente forte, mas que foi tomada sem perda consideravel. Quando o ataque commecou, ja tinha passado grande parte do dia, e a acção durou até depois de escuro, tendo o inimigo feito repetidas tentativas para tornar a posição, particularmente em dous ataques, que fôram mui valorosamente recebidos, e repellidos pelo regimento 39, debaixo do commando do Hon. Coronel O'Callaghan, da brigada do Major-general Pringle O Major General, e o Tenente-coronel Bruce do regimento 39, foram infelizmente feridos; tomámos dez officiaes, e perto de duzentos prisioneiros.

A direita do centro do exercito, fez um movimento correspondente ao da direita nestes dias, e os nossos postos na tarde do dia 15 estavam juncto ao Rio Bidouze.

O inimigo retirou-se durante a noite, atravessando o rio em St. Palais, destruindo as pontes, que entretanto foram concertadas, deforma que as tropas do Tenente-general Sir R. Hill passaram no dia 16; e em 17, foi o inimigo forçado a retirar-se a travez do Gave de Mouleon. Em Arriverete, tentou destruir aponte, porem não teve

tempo para completar a sua destruição; e tendo se descoberto um vão acima da ponte, o regimento 92, debaixo do commando do Tenente-coronel Cameron, e apoiado pelo fogo da artilheria acavallo do Capitão Beane, atravessou o vão, e fez um mui valoroso ataque sobre dous batalhoens de infantaria Franceza postados na Aldea, donde foram expulsados com perda consideravel. O inimigo retirou-se de noite atravez do Gave d'Oleron, e tomou uma posição forte na vizinhança de Sauveterre, aonde se lhe reuniram outras tropas.

Os nossos postos estavam estabelecidos no dia 18 juncto ao Gave d'Oleron.

Em todas as acçoens que tenho mencionado a V. S. tem-se as tropas portado notavelmente bem; e tive a grande satisfação de observar o bom comportamento das do commando do General Murillo, no ataque de Hellete, no dia 14, e no rebatimento dos postos avançados inimigos na frente da sua posição em Garris, no dia 15. Desde o dia 14, tinha o inimigo enfraquecido consideravelmente a sua força em Bayona, e tinha-se retirado da direita do Adour, acima da praça.

De Catalunha não tenho recebido noticias depois que escrevi a V. S. a ultima vez; porem recebi hoje uma relação do Governador de Pamplona, dizendo que o forte de Jaca se tinha rendido por capitulação ao General Mina, em 17 do corrente. Não sei os particulares deste acontecimento, porem sei que a praça tinha 84 peças de artilheria de bronze.

---

*Offícios do Marquez de Wellington, dirigidos ao Conde Bathurst.*

St. Sever, 1 de Março, de 1814.

MY LORD! Tornei para Garris no dia 21, e mandei vir o bloqueio de Bayona a 6ª. divisaõ, e as divisõens ligeiras, e tambem ordenei ao General Don Manuel Freyre que desse

por acabados os seus accantonamentos ao pé de Irun, e que estivesse preparado para marchar quando a esquerda do exercito atravessasse o Adour.

Achei os pontoens junctos em Garris, e foram movidos para diante nos dias seguintes para o Gave de Mouleon, e chegaram as tropas do centro do exercito.

No dia 24, o Tenente-general Sir Rowland Hill passou o Gave de Oleron em Villaneuve, com as divisoes Portuguezas 2.<sup>a</sup> e ligeiras, debaixo do commando do Major-general Carlos Baron Alten, do Tenente-general Sir Guilherme Stewart, e do Marechal de Campo Don Frederico Lecor; em quanto o Tenente-general Sir Henrique Clinton passava com a 6.<sup>a</sup> divisãõ entre Monfort, e Laas, e o Tenente-geu. Sir Thomas Picton fazia demonstraçoens, com a 3.<sup>a</sup> divisãõ de atacar a posiçaõ do inimigo na ponte de Sauveterre, o que induzio o inimigo a fazer voar a ponte.

O Marechal de Campo Don Paulo Murillo arrojou os postos do inimigo juncto a Navarrens, e bloqueou aquella praça.

Da mesma forma o Marechal de Campo Sir Guilherme Beresford, que depois do movimento de Sir Rowland Hill no dia 14, e 15, tinha ficado com a 4.<sup>a</sup>, e 7.<sup>a</sup> divisoes, e com a brigada do Coronel Vivans, em observaçaõ no Baixo Bidouze, atacou o inimigo no dia 23 nos seus postos fortificados em Hastiiguez, e Oyergave, sobre a esquerda do Gave de Pau, e obrigou-o a retirar-se para dentro da testa de ponte em Peyrehorade.

Immediatamente depois que se effectuou a passagem do Gave de Oleron, Sir Rowland Hill, e Sir Henrique Clinton marcháram para Orthes, e para a estrada que vai de Sauveterre para aquella villa; e o inimigo retirou-se de noite de Sauveterre atravéz do Gave de Pau, e ajunctou o seu exercito juncto a Orthes, no dia 25, tendo destruido todas as poutes sobre o rio.

A direita, e a direita do centro do exercito, ajunctaram-

se defronte de Orthes; o Tenente-general Sir Stapleton Cotton, com a brigada de cavallaria de Lord Edwardo Somerset, e a terecira divisaõ, do commando do Tenente-general Sir Thomaz Picton, estava juncto á ponte destruida de Bereus; e eu fiz marchar a 6.<sup>a</sup> divisaõ, e as divisoes ligeiras, para o mesmo ponto, e o Tenente-general Sir Rowland Hill occupava os altos em frente de Orthes, e a estrada real que vai a Sauveterre. A 6.<sup>a</sup> divisaõ, e as divisoes ligeiras atravessaram no principio da manhaõ do dia 27, e achamos o inimigo em uma posiçaõ forte juncto a Orthes, com a sua direita sobre os altos na estrada real de Pau, e occupando a aldea de St. Boes, e a esquerda nos altos acima de Orthes, e daquelle povo, e oppondo-se á passagem do rio que intentava Sir Rowland Hill.

A direcçaõ dos montes sobre que o inimigo tinha collocado o seu exercito, necessariamente affastava o seu centro, ao mesmo tempo que a fortaleza da posiçaõ dava vantagens extraordinarias aos flancos.

Mandei ao Marechal Sir Guilherme Beresford, que rodeasse, e atacasse a direita do inimigo com a 4.<sup>a</sup> divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general Sir Lowry Cole, e com a 7.<sup>a</sup> divisaõ, do commando do Major-general Walker, e com a brigada de cavallaria do Coronel Vivans; em quanto o Tenente-general Sir Thomas Picton marchava ao longo da estrada real que vai de Peyrehorade a Orthes, e atacava os altos em que estava postado o centro e a esquerda do inimigo, com a 3.<sup>a</sup>, e 6.<sup>a</sup> divisoes, apoiadas por Sir Stapleton Cotton, com a brigada de cavallaria de Lord Edwardo Somerset. O Major-general Carlos Baraõ Alten, com a divisaõ ligeira guardava a communicaçãõ, e estava em reserva entre estes dous ataques. Tambem ordenei, que o Tenente-general Sir Rowland Hill atravessasse e Gave, e rodeasse, e atacasse a esquerda do inimigo.

O Marechal Sir Guilherme Beresford, com a 4.<sup>a</sup> divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general Sir Lowry Cole,

tomou a aldea de St. Boes, depois de obstinada resistencia do inimigo ; porém o terreno era tam estreito, que as tropas não podiam desenvolver-se para atacar os altos, não bstante as repetidas tentativas do Major-general Ross, e da brigada Portugueza do Brigadeiro-general Vasconcellos ; e era impossivel rodear o inimigo pela sua direita, sem uma extenção excessiva das nossa linha. Eu, por consequencia, alterei tanto o plano da acção, que mandei avançar immediatamente a 3<sup>a.</sup>, e 6<sup>a.</sup> divisoes, e fiz marchar para diante a brigada da divisão ligeira do Coronel Barnard, para atacar a esquerda no monte sobre que a direita do inimigo estava.

Este ataque guiado pelo regimento 52, debaixo do commando do Tenente-coronel Colborne, e apoiada sobre a sua direita pelas brigadas do Major-general Bribanes, e do Coronel Kean, da 3<sup>a.</sup> divisão, e pelos simultaneos ataques na esquerda pela brigada do Major-general Anson, da 4<sup>a.</sup> divisão, e na direita pelo Tenente-general Sir Thomas Picton com o resto da 2<sup>a.</sup> divisão, e da 6<sup>a.</sup> divisão debaixo do commando do Tenente-general Sir Henrique Clinton, desalojou inimigo dos altos, e deo-nos a victoria.

No meio tempo o Tenente-general Sir Rowland Hill tinha forçado a passagem do Gave acima de Orthes, e vendo o estado da acção, marchou immediatamente com a segunda divisão de infantaria do commando do Tenente-general Sir Guilherme Stewart, e com a brigada de cavallaria do Major-general Fane, em direitura a estrada real de Orthes a St. Sever, ficando assim sobre a esquerda do inimigo.

O inimigo retirou-se ao principio em ordem admiravel, tomando todo o partido das numerosas posições boas que o paiz offerencia. Com tudo as perdas que soffreo, nos ataques continuados das nossas tropas, e o perigo comque estava ameaçado pelos movimentos do Tenente-general Sir Rowland Hill, brevemente accelerou as suas marchas, e a

retirada por fim tornou-se em fugida, e as suas tropas ficaram na maior confusão.

O Tenente-general Sir Stapleton Coton adroveitou-se da unica oportunidade que se offerecia, para atacar com a brigada do Major-general Lord Somerset, nas vizinhanças de Sault e Navailles, para onde o inimigo tinha sido arrojado da estrada real, pelo Tenente-general Sir Rowland Hill. O regimento 7º. de hussares distinguio-se nesta occaziaõ, e fez muitos prisioneiros. Nos continuamos a perseguillo até se fazer noite, e mandei fazer halto nas vizinhanças de Sault de Navailles.

Naõ posso avaliar a perda do inimigo ; tomamos 6 peças de canhaõ, e um grande numero de prisioneiros : o numero ainda o naõ posso dizer : todo o terreno está coberto de inimigos mortos. O seu exercito ia na maior confusão quando eu o vi passar nos altos juncto a Sault de Navailles, e muitos soldados tinham lançado fora as armas. A deserção depois foi immensa.

No dia seguinte, seguimos o inimigo até este ponto, e hoje passamos o Adour; o Marechal Sir Guilherme Beresford, com a divisãõ ligeira, e com a brigada do Coronel Vivian, chegou a Mont de Marsan, aonde tomou um almazem mui grande de provisoens.

O Tenente-general Sir Rowland Hill marchou sobre Aire, e os postos avançados do centro estão em Casares. O inimigo parece que se vai retirando sobre Agen, e tem deixado aberta a estrada direita para Bordeaux. Em quanto as operaçoens, que tenho mencionado, se iam proseguindo na direita do exercito, o Tenente-general Sir João Hope, de concerto com o Contra-almirante Penrose, valeo-se de uma oportunidade que se offereceo no dia 23 de Fevereiro, para attravessar o Adour abaixo de Bayona, e tomar posse de ambas as margens do rio na embocadura. Os vasos destinados para formarem as pontes, naõ poderão entrar até o dia 24, quando a difficullosa, e, neste

tempo do anno, perigosa operação de os fazer entrar, foi executada com um valor e juizo poucas vezes igualado. Sir Joaõ Hope faz particular menção do Capitaõ O'Reilly e do Tenente Cheshire, do Tenente Douglass, e do Tenente Collins, da Marinha Real, e tambem do Tenente Debenham, agente de transportes ; e eu estou infinitamente obrigado ao Contra Almirante Penrose pelo cordeal auxilio, que delle recebi, no preparo para este plano, e pelo que elle prestou ao Tenente-general Sir Joaõ Hope para o pôr em execução. O inimigo percebendo que os meios de atraveçar o rio, que o Tenente-general Sir Joaõ Hope tinha a seu commando, isto he, jangadas feitas de pontoens, naõ lhe tinham permittido o transportar um grande numero de tropas em todo o dia 23, atacou o corpo que se tinha transportado naquella tarde. Este corpo constava de 600 homens, da segunda brigada das guardas, debaixo do commando do Major-general o Hon. Edward Stopford, que repellio o inimigo immediatamente. A brigada de fogueteiros servio muito nesta occasiaõ.

Hoje destruíram-se tres barcos canhoneiros inimigos, e a fragata, que está no Adour, recebeu grande damno do fogo de uma bateria de calibre de 18, que a obrigou a ir mais pelo rio acima, para a vizinhança da ponte.

O Tenente-general Sir Joaõ Hope investio a cidadela de Bayona no dia 25, e o Tenente-general Don Manuel Freyre avançou com o 4.º exercito Hespanhol, em consequencia de direcções que eu tinha deixado para elle. No dia 27, estando a ponte completa, o Tenente-general Sir Joaõ Hope julgou acertado investir a cidadela de Bayona mais de perto do que tinha feito antes ; e atacou a aldea de St. Estevam, de que se apoderou, tomando um canhaõ, e alguns prisioneiros ; e os seus postos estão agora a 900 jardas das obras exteriores da praça. O resultado das operações que tenho relatado a V. S. he, que Bayona, St. Jean Pied Port, e Navarrens estão investidas ; e o ex-

exercito, tendo passado o Adour, esta de posse de todas as grandes communicacões atravez do rio, depois de ter batido o inimigo, e tomado todos os seus almazens. Vossa Senhoria ha de ter observado com satisfacção, o habil auxilio, que tenho recebido nestas operaçoes, do Marechal Sir Guilherme Beresford, do Tenente-general Sir Rowland Hill, Sir João Hope, e Sir Stapleton Cotton, e de todos os officiaes generaes, e tropas debaixo das suas respectivas ordens.

He-me impossivel exprimir sufficientemente a minha opiniaõ dos seus merecimentos, e de quanto a patria he devedora ao seu zelo, e habilidade, pela situaçãõ em que o exercito agora se acha. Todas as tropas, tanto Portuguezas como Inglezas, se distinguiram: a 4.<sup>a</sup> divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general Sir Lowry Cole, no ataque de St. Boes, e nos subsequentes esforços para tomar a direita dos altos. A 3.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> divisaõ e as divisoens ligeiras, debaixo do commando do Tenente-general Sir Thomas Picton, Sir H. Clinton, e Major-general Carlos Baron Alten, no ataque da posiçãõ do inimigo sobre os montes; e estas, e a 7.<sup>a</sup> divisaõ debaixo do commando do Major-general Walker, nas varias operaçoes, e ataques durante a retirada do inimigo

O ataque pelo 7.<sup>o</sup> de hussares, debaixo do commando de Lord Edward Somerset, foi de grande merecimento. O comportamento da artilheria em todo o dia merece a minha inteira approvaçãõ. Estou igualmente muito obrigado ao Quartel-mestre-general Sir Edward Pakenham, pelo auxilio que delle recebi; e ao Lord Fitzroy Somerset, aos officiaes do meu pessoal Estador Maior, e ao Marechal-de-campo Don Miguel Alava.

As ultimas noticias que tenho recebido de Catallunha saõ de 20. Os commandantes Francezes das guarniçoens de Llerida, Moquinenza, e Manzon, foram induzidos a abandonar estas praças, por ordens que lhe fõram manda-

das pelo Barão de Eroles, com a cyphra do Marechal Suchet, da qual elle se tinha apoderado.

As tropas que compunham estas guarniçoens, tendo-se reunido, foram depois cercadas no passo de Martorell, na sua marcha para a fronteira da França, por um destacamento do corpo Anglo-Siciliano, e outro do primeiro exercito Hespanhol. O Tenente-general Copons, permittio-lhes capitulaçã, porém ainda não recebi delle relação alguma sobre este objecto, nem sei qual he o resultado.

Esperava-se em Catalunha, que o Marechal Suchet houvesse de evacuar immediatamente aquella provincia; e ouço aqui dizer, que ha de unir-se ao Marechal Soult.

Ainda não recebi a relação da capitulaçã de Jaca. Remetto inclusas as listas dos mortos e feridos, durante as ultimas operaçoens.

Mando este officio pelo meu Ajudante-de-campo, Major Freemantle, o peço licença para o recommendar á protecção de V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

*Perda total desde o dia 14, até o dia 17 de Fevereiro, de 1814, inclusiva.*

Inglezes.—1 tenente, 2 sargentos, 22 cabos e soldados, mortos. 1 official do estado-maior, 1 major, 7 capitaens, 8 tenentes, 1 alferes, 8 sargentos, 3 tambores, 126 cabos e soldados, feridos, 3 cabos e soldados extraviados.

Portuguezes.—1 tambor, 5 cabos e soldados, mortos. 1 tenente-coronel, 1 tenente, 2 alferes, 4 sargentos, 1 tambor, e 25 cabos e soldados, feridos: 8 cabos e soldados extraviados.

Total.—1 tenente, 2 sargentos, 1 tambor, 27 cabos e soldados, mortos; 1 official do Estado Maior, 1 tenente-coronel, 1 major, 7 capitaens, 9 tenentes, 2 alferes, 1 porta bandeira, 12 sargentos, 4 tambores, 151 cabos e soldados feridos; 12 cabos e soldados extraviados.

*Perda total Inglesa e Portugueza, desde 23, até 26 de Fevereiro, de 1814, inclusiva.*

2 Capitaens, 1 alferes, 2 sargentos, 16 cabos e soldados, mortos ; 1 major, 1 capitão, 6 tenentes, 4 alferes, 1 porta bandeira, 9 sargentos, 2 tambores, 112 cabos e soldados, 4 cavallos, feridos ; 1 tenente, 1 sargento, 27 cabos e soldados extraviados.

Perda total em 27 de Fevereiro.

Ingleses.—1 major, 6 capitaens, 7 tenentes, 1 porta bandeira, 21 sargentos, 2 tambores, 169 cabos e soldados, mortos. 2 do estado-maior, 2 tenentes coroneis, 7 maiores, 30 capitaens, 49 tenentes, 14 alferes, 4 portabandeiras, 1 quartel-mestre, 67 sargentos, 11 tambores, 1,023 cabos e soldados, 33 cavallos, feridos ; 1 capitão, 2 sargentos, 1 cavallo, extraviados.

Portuguezes.—1 tenente-coronel, 2 maiores, 4 sargentos, 59 cabos e soldados, mortos. 2 tenente-coroneis, 2 maiores, 5 capitaens, 6 tenentes, 11 alferes, 20 sargentos, 6 tambores, 452 cabos e soldados, feridos ; 3 sargentos, 30 cabos e soldados, extraviado.

*Total da lista supplementaria do dia 27 de Fevereiro, de 1814.*

4 cabos e soldados, mortos, 1 tenente, 4 sargentos, 1 alferes, 30 cabos e soldados, feridos.

---

St. Sever, 4 de Março, de 1814.

MY LORD! A chuva que caio na tarde do dia 1 fêz crescer o Adour, e os regatos, que vão dar a a elle, tam consideravelmente, que impedio inteiramente os nossos ultiores progressos, e obrigou-me a mandar fazer halto ao exercito, até que se podessem concertar as pontes, todas as quaes o inimigo tinha destruido. A chuva continuou até á noite passada, e o rio vai tam violento, que não se podem por sobre elle pontoens.

O inimigo tinha reunido um corpo em Aire, provavel-

mente para proteger a evacuaçãõ de um almazem, que tinha naquelle logar. Sir Rowland Hill atacou este corpo, no dia 2, arrojou-o do seu posto com perda consideravel, e tomou posse da terra e do almazem.

Sinto referir a V. S. que perdemos o Hon. Tenente-coronel Hood nesta occaziaõ; um official de grande merecimento, e esperanças. Em outros respeitos, a nossa perda não foi grande.

Remeto inclusa a relação de Sir Rowland Hill, que offerece outro exemplo do bom comportamento e valor das tropas do seu commando.

Tenho a hohra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

Ao Conde Bathurst.

Ayre, 3 de Março, de 1814.

MY LORD! Em cumprimento das instrucçoens de V. S. avancei hontem com as tropas do meu commando sobre a estrada que vem a esta terra pela margem esquerda do Adour.

Quando a guarda avançada chegou a duas milhas desta villa, descobrio-se o inimigo, occupando uma forte linha de montes, tendo o seu flanco direito sobre o Adour, e cobrindo por este modo a estrada para esta terra. Não obstante a fortaleza da sua posiçãõ, ordenei o ataque, que foi executado pela segunda divisaõ, ás ordens do Tenente-general o Hon. Sir William Stewart (aqual avançou pela estrada que vem a ésta terra, e assim ganhou a posse da extremidade da direita do inimigo,) e por uma brigada da divisaõ Portugueza, ás ordens do Brigadeiro-general Da Costa, aqual subio os altos occupados pelo inimigo, quasi no centro da sua posiçãõ.

A brigada Portugueza chegou a apoderar-se do monte, porém, foi posta em tal confusaõ pela resistencia do inimigo, que teria as mais serias consequencias, a não ser o succorro

*Perda total Inglesa e Portugueza, desde 23, até 26 de Fevereiro, de 1814, inclusiva.*

2 Capitaens, 1 alferes, 2 sargentos, 16 cabos e soldados, mortos ; 1 major, 1 capitão, 6 tenentes, 4 alferes, 1 porta bandeira, 9 sargentos, 2 tambores, 112 cabos e soldados, 4 cavallos, feridos ; 1 tenente, 1 sargento, 27 cabos e soldados extraviados.

*Perda total em 27 de Fevereiro.*

Ingleses.—1 major, 6 capitaens, 7 tenentes, 1 porta bandeira, 21 sargentos, 2 tambores, 169 cabos e soldados, mortos. 2 do estado-maior, 2 tenentes coroneis, 7 majores, 30 captacens, 49 tenentes, 14 alferes, 4 portabandeiras, 1 quartel-mestre, 67 sargentos, 11 tambores, 1,023 cabos e soldados, 33 cavallos, feridos ; 1 capitão, 2 sargentos, 1 cavallo, extraviados.

Portuguezes.—1 tenente-coronel, 2 majores, 4 sargentos, 59 cabos e soldados, mortos. 2 tenente-coroneis, 2 majores, 5 capitaens, 6 tenentes, 11 alferes, 20 sargentos, 6 tambores, 452 cabos e soldados, feridos ; 3 sargentos, 30 cabos e soldados, extraviado.

*Total da lista supplementaria do dia 27 de Fevereiro, de 1814.*

4 cabos e soldados, mortos, 1 tenente, 4 sargentos, 1 alferes, 30 cabos e soldados, feridos.

---

St. Sever, 4 de Março, de 1814.

MY LORD! A chuva que cafo na tarde do dia 1 fêz crescer o Adour, e os regatos, que vão dar a a elle, tam consideravelmente, que impedio inteiramente os nossos ultteriores progressos, e obrigou-me a mandar fazer halto ao exercito, até que se podessem concertar as pontes, todas as quaes o inimigo tinha destruido. A chuva continuou até á noite passada, e o rio vai tam violento, que não se podem por sobre elle pontoens.

O inimigo tinha reunido um corpo em Aire, provavel-

mente para proteger a evacuação de um almazem, que tinha naquelle logar. Sir Rowland Hill atacou este corpo, no dia 2, arrojou-o do seu posto com perda consideravel, e tomou posse da terra e do almazem.

Sinto referir a V. S. que perdemos o Hon. Tenente-coronel Hood nesta occaziaó ; um official de grande merecimento, e esperanças. Em outros respeitos, a nossa perda não foi grande.

Remeto inclusa a relação de Sir Rowland Hill, que offerece outro exemplo do bom comportamento e valor das tropas do seu commando.

Tenho a hohra de ser, &c.

(*Assignado*) WELLINGTON.

Ao Conde Bathurst.

---

Ayre, 3 de Março, de 1814.

MY LORD ! Em cumprimento das instrucções de V. S. avancei hontem com as tropas do meu commando sobre a estrada que vem a esta terra pela margem esquerda do Adour.

Quando a guarda avançada chegou a duas milhas desta villa, descobrio-se o inimigo, occupando uma forte linha de montes, tendo o seu flanco direito sobre o Adour, e cobrindo por este modo a estrada para esta terra. Não obstante a fortaleza da sua posição, ordenei o ataque, que foi executado pela segunda divisaó, ás ordens do Tenente-general o Hon. Sir William Stewart (aqual avançou pela estrada que vem a ésta terra, e assim ganhou a posse da extremidade da direita do inimigo,) e por uma brigada da divisaó Portuguesa, ás ordens do Brigadeiro-general Da Costa, aqual subio os altos occupados pelo inimigo, quasi no centro da sua posição.

A brigada Portuguesa chegou a apoderar-se do monte, porém, foi posta em tal confusão pela resistencia do inimigo, que teria as mais serias consequencias, a não ser o succorro

que a tempo lhe foi dado pela 2.<sup>a</sup> divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general Sir Guilherme Stewart, que tendo previamente rebatido o inimigo, que lhe estava em frente, e vendo-o voltar a atacar a brigada Portugueza, mandou adiantar a 1.<sup>a</sup> brigada da 2.<sup>a</sup> divisaõ, aqual, conduzida pelo Major-general Barnes, atacou o inimigo da mais valorosa maneira, e fello recuar, pondo-lhe a columna na maior confusaõ.

O inimigo fêz os maiores esforços para tornar a ganhar o terreno, porém o Tenente-general o Hon. Sir Guilherme Stewart, tendo-se-lhe entaõ reunido a brigada do Major-general Byng pôde arrojallo de todas as suas posiçoens, e finalmente da villa.

Pelas noticias dos prisioneiros, e pela minha propria observação, pelo menos duas divisioens inimigas estiveram em acção. A sua perda em mortos e feridos foi mui grande, e fizemos acima de cem prisioneiros. A linha de retirada do inimigo parece ter sido pela margem direita do Adour, á excepção de alguma parte da sua força, que tendo sido cortada do rio pela nossa rapida avançada para esta villa, retirou-se na maior confusaõ na direcção de Pau. Estas tropas tem largado as suas armas por onde querque vão.

Naõ posso omittir esta opportunidade de expressar a V. S. o valor e continua actividade do Tenente-general, o Hon. Sir Guilherme Stewart, e do general, e outros officiaes da segunda divisaõ, da brigada de cavallaria do Major-general Fane, e da artilheria acavallo do Capitão Beau, em todas estas ultimas operaçoens; e devo, em justiça, mencionar o valoroso ataque feito hontem pelo Major-general Barnes, á testa do regimento 5.<sup>o</sup>, commandado pelo Tenente-coronel Harrison, e do 92, commandado pelo Tenente-coronel Cameron, em o qual foi habilmente auxiliado pelo seu estado maior, pelo Major de Brigada Wemyss, e pelo Capitão Hamilton.

A brigada do Major-general Byng, apoiou o movimento

do Major-general Barnes, e decidio a vantagem do dia. O Capitão Macdonald, da artilheria acavallo distinguio-se muito nas diligencias que fêz para ordenar as tropas Portuguezas.

Eu creio que a nossa perda, considerando a vantajosa posiçã do inimigo, naõ foi mui grande ; porém tenho a sentir a perda de um precioso official, na more do Tenente-coronel Hood, Assistente Ajudante-general da 2ª. divisaõ, o qual foi morto desgraçadamente no combate de hontem.

Tenho a honra, &c.

(Assignado)                      R. HILL, Tenente-general.

*Extracto de um Officio de Lord Wellington ao Conde Bathurst, datado de*

Aire, 13 de Março, de 1814.

O excessivo máo tempo, e as violentas chuvas, no principio deste mez, fizeram crescer, a um grão extraordinario, todos os rios, e tornaram difficil, e tedioso o concerto de muitas pontes, que o inimigo tinha destruido na sua retirada, e as differentes partes do exercito ficãram por isso sem communicaçã entre si; o que me obrigou a fazer halto.

O inimigo se retirou, depois da acçaõ com o Tenente-general Sir Rowland Hill, aos 2 do corrente, por ambas as margens do Adour para a parte de Tarbes; provavelmente com as vistas de se unir com os destacamentos do exercito do Marechal Suchet, que saõ da Catalunha na ultima semana de Fevereiro.

No entanto, no dia 7, mandei um destacamento, commandado pelo Major-general Fane, a tomar posse de Pau; e outro, aos 8, commandado pelo Marechal Sir Guilherme Beresford, para tomar posse de Bordeaux.

Tenho o prazer de informar a V. S. que o Marechal chegou ali hontem (havendo-se retirado para o outro lado do Garonne na noite precedente, a pequena força inimiga, que ali estava) e que ésta importante cidade está em nosso poder.

O Tenente-general D. Manuel Frere, se unio hoje ao exercito, com aquella parte do 4º. exercito debaixo do seu commando immediato; e espero que se nos una amanhã a brigada de cavallaria do Major-general Ponsonby.

Soube pelo Major-general Fane, que commanda os postos avançados de Sir Rawland Hill, que o inimigo ajunctou hoje uma força consideravel nas vizinhanças de Couches; e portanto conclui daqui, que se lhe tinha unido o destacamento do exercito de Catalunha, que se diz chega a 10.000 homens.

Naõ tem occorrido nada importante no bloqueio de Bayonna, nem na Catalunha, depois que escreveri pela ultima vez a V. S.

Aire, 14 de Março, 1814.

Incluo uma carta particular que me escreveo o Marechal Beresford, depois de sua chegada a Bordeaux, pela qual vereis, que o Mayor e povo daquella cidade puzeram o tope branco nos chapeos, e se declaráram pela casa dos Bourbons.

---

A carta do Marechal Sir Guilherme Beresford, a que Lord Wellington se refere, he datada de Bourdeaux, aos 12 de Março, de 1814.

Diz em summa, que entrára na quella cidade, na quelle mesmo dia. Que a pequena distancia da cidade lhe saíram ao encontro as authoridades civis, e a população do lugar; e que foi recebido naquella cidade com todas as demonstraçoens de alegria.

Os magistrados e as guardas da cidade tiráram fóra as aguias, e outras insignias, e espontaneamente lhe substituíram o tope branco, que tem sido universalmente adoptado pelo povo de Bourdeaux.

Acháram-se na cidade 84 peças d' artilheria; e cem caixoeus de armas, que estavam escondidos fôram ja descubertos,

---

## SUECIA.

PROCLAMAÇÃO DO PRINCIPE HEREDITARIO DE SUECIA AO POVO  
FRANCEZ.

*(Esta Proclamação, dizem que fora declarada não authentica pelo Ministro Sueco em Londres; mas a copiamos por ter apparecido em todas as gazetas.)*

FRANCEZES! Por ordem do meu Rey tenho tomado as armas para o fim de defender os direitos do povo Sueco. Depois de ter vingado os insultos que elle tinha soffrido, e assistido em effectuar a libertação da Alemanha, tenho passado o Rheno.

Ao momento em que torno a ver este rio, em cujas bordas tantas vezes, e com tanta fortuna, pelejei por vos, sinto a necessidade de vos tornar a expor os meus sentimentos.

O Governo debaixo de que viveis tem continuamente tido em vista tractar-vos com desprezo, em ordem a que possa aviltarvos; já he tempo demasiado de que este estado de coizas soffra uma alteração.

Todas as naçoens illuminadas expressam os seus desejos pela prosperidade da França; porem ao mesmo tempo desejam, que ella não seja por mais tempo o flagelo da terra.

Os Monarchas Alliados não se tem unido para fazer a guerra contra o povo, mas para forçar o vosso Governo a reconhecer a independencia dos outros Estados; este he o unico motivo, e objecto; e Eu fico pela integridade dos seus sentimentos.

Adoptado por filho de Carlos XIII., e posto aos pes do throno de Gustavo, pela escolha de um povo livre, não posso daqui em diante ser animado por outra ambição, que não seja a de assegurar a felicidade da Peninsula da Scandinavia; e ao mesmo tempo, a minha principal felicidade (depois de ter preenchido este dever sagrado para com o meu paiz adoptivo,) ha de consistir em assegurar a felicidade dos meus antigos compatriotas.

Dada no meu quartel-general de Heulen, aos 12 de Fevereiro, 1814.

*(Assignado)* CARLOS JOAÕ.

## EXERCITO INGLEZ NOS PAIZES BAIXOS.

*Officio do General Graham.*

Quartel-general de Calmhout, 10 de Março, de 1814.

MY LORD! He da minha triste obrigaçãõ referir a V. S. que um ataque feito sobre Bergen-op-Zoom, que parecia ao principio prometter completo successo, acabou no contrario, e occazionou grande perda á 1.<sup>a</sup> divisaõ, e á brigada do Brigadeiro General Gores.

He-me desnecessario expor as razoens porque me determinei fazer a tentativa de levar similhante praça por assalto, visto a boa fortuna de duas columnas, que se tinham estabelecido sobre as muralhas, com mui pequena perda; isto deve justificar-me de ter incorrido no risco, para conseguir um objecto tam importante, como a tomada desta fortaleza.

As tropas empregadas foram formadas em quatro columnas, \*, N.<sup>o</sup> 1., a columna da esquerda, atacava entre as portas de Antwerpia, e Water Port. N.<sup>o</sup> 2. atacava á direita da Porta Nova, N.<sup>o</sup> 3. era destinada só para attrahir a attençãõ por um ataque falso juncto a porta de Steenbergem, e para ser ao depois applicavel segundo as circumstancias. N.<sup>o</sup> 4. a columna da direita, atacava á entrada do porta, que podia vadear-se em agoa baixa, e a hora estava fixada ás dez e meia P. M. do dia 8 do corrente.

O Major-general Cooke accompanhava a columna da esquerda. O Major-general, e o Brigadeiro-general Gore, ambos accompanhavam a columna da direita; esta foi a primeira que forçou o caminho para dentro do corpo da praça. Estas duas columnas foram mandadas mover ao longo das muralhas de sorte que formassem uma junçãõ logo que fosse possivel, e proseguirem entãõ a desembaraçar a muralha, e assistirem á columna do centro, ou para forçarem o abrimto da Porta de Antwerpia.

Havendo uma difficuldade inesperada, ao passar do dique sobre o gelo, obrigado o Major-general Cooke a mudar o ponto de ataque, seguio-se uma demora consideravel, e aquella columna não ganhou a muralha senãõ ás onze e meia.

Entretanto, a lamentada morte do Brigadeiro-general Gore,

e do Tenente-coronel o Hon. George Carleton, e a perigosa ferida do Major-general Skerrett, privando a columna da direita da sua habil direcção, caio ésta em desordem, e soffreo grande perda em mortos, feridos, e prisioneiros. A columna do centro, tendo sido forçada a recuar com perda consideravel, pelo fogo pezado da praça, (sendo o Tenente-coronel Mauricio seu commandante, e o Tenente-coronel Elphinstone, commandante do regimento 33, ambos feridos,) tornou-se a formar debaixo do commando do Major Muttlebury, marchou de roda, e foi unir-se ao Major-general Cooke, deixando a ala esquerda do regimento 55, para retirar os feridos da esplanada. Alem disto, as guardas tambem tinham soffrido muito durante a noite pelo vivissimo fogo, que se fazia das cazas, sobre a sua posição, e pela perda do destacamento do 1.º reg. das guardas que tendo sido mandado para ver se podia auxiliar o Tenente-coronel Carleton, e segurar a porta de Antwerpia foi cortado, depois da mais valorosa resistencia, que custou a vida a muitos officiaes de grande valia.

Ao romper da manhã tendo o inimigo voltado os canhoens da praça, começou a fazer fogo contra as tropas sobre a desprotegida muralha, e a reserva da 4.ª columna, (os Reaes Escocезes) retirou-se da Porta de Water Port, seguida pelo regimento 33. O primeiro regimento passando por baixo de um fogo cruzado da praça, e do reducto de Water Port, não tardou muito que não deposesse as armas.

Então o Major-general Cooke, desesperando do successo, dirigio a retirada das guardas, que foi conduzida com a maior ordem, protegida pelos restos do regimento 69, e da ala direita do 55, (os quaes corpos repetidamente arredaram o inimigo para traz, á ponta da baioneta) debaixo da direcção immediata do major-general. O general ao depois achou impossivel retirar estes enfraquecidos batalhoens, e tendo-se por este modo sacrificado a si mesmo, com os genuinos sentimentos de um verdadeiro soldado, rendeo-se para salvar as vidas dos valentes homens que restavam com elle.

Eu desejava bem fazer justiça aos grandes esforços, e conspicuo valor de todos estes officiaes que tiveram oportunidade

de se distinguir ; porém ainda não tenho podido colligir informação sufficiente.

O Major-general Cooke manda-me a sua maior approvaçãõ geralmente de todos os officiaes, e soldados empregados juncto a elle ; mencionando particularmente o Coronel Lord Proby, os Tenentes-coroneis Rooke, commandando as guardas de Coldstream, Mercer, do 3.<sup>o</sup> das guardas, commandando as companhias ligeiras da brigada, (este desgraçadamente foi dos mortos) os majores Muttlebury, e Hog, dos regimentos 69, e 55, como merecedores de seus maiores elogios ; lamenta em commum com todo o corpo, a consideravel perda destes distinctos officiaes, o Tenente-coronel Clifton, commandando o 1.<sup>o</sup> das guardas, e o Tenente-coronel o Hon. James Macdonald daquelle regimento. Estes officiaes caíram com muitos outros á porta de Antwerpia portando-se todos com a maior intrepidez ; e o Tenente-coronel Jones com o resto do destacamento foi forçado a render-se.

O serviço da conduçãõ das columnas foi habilmente providenciado pelo Tenente-coronel Carnichael Smyth, dos Reaes Engenheiros, (elle mesmo accompanhou o Major-general Cooke, e o mesmo fez o Tenente-coronel Sir George Wood, commandando a Real artilheria) que ordenou officiaes para guiarem cada uma das columnas, a saber, o Capitaõ Sir George Horte, e o Tenente Abbey, para a esquerda e o Tenente Sparling, para a direita, e o Capitaõ Duarte Michell, da Real artilheria que voluntariamente offereceo os seus serviços, para a do centro ; tendo cada um uma partida de çapadores, e mineiros de baixo do seu commando.

O Tenente Abbey foi perigosamente ferido, e o Capitaõ Michel foi coberto de feridas na occasiaõ de escalar o muro de escarpa da praça ; porem ha boas esperanças de que não fiquem perdidos para o serviço.

Vossa senhoria ha de crer promptamente, que a pesar de ser impossivel deixar de sentir o falhar-nos inteiramente este ataque, por agora so me lembro com a mais profunda pena da perda de tantos dos meus valentes camaradas.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) THOMAS GRAHAM.

*Miscellanea.*

P. S. As listas haõ de ser transmittidas tam breve possam recebidas ; no entanto remetto a mais cotrecta lista nominal que se pode obter, dos officiaes mortos, feridos, e prisioneiros.

T. G.

---

Bergen-op-Zoom, 10 de Março, de 1814.

SENHOR! Tenho agora a honra de referir a V. E. que a columna que fez o ataque do lado de Antwerpia entrou na praça pela volta das onze horas da noite do dia 8, pelo relogio desta praça ; porem ás onze e meia, pelo tempo porque nos regulavamos, por uma demora que occureo em Bourgbliet, occasionada por eu ter achado necessario mudar o ponto do ataque, por conta do estado do gelo no primeiro lugar destinado. Todas as diligencias foram feitas, pelo Tenente-coronel Smyth, e pelo Capitaõ Sir G. Horte, dos Reaes engenheiros, deitando-se escadas e taboas precisas para effituar a empreza, e em dirigillas, e collocallas para a descida ao dique, para passagem por cima do gelo, e para o trepamento dos muros do corpo da praça, durante a qual operaçaõ se perderam varios homens pelo fogo da muralha. Depois que nos achamos estabelecidos sobre a muralha, e que occupamos algumas cazas donde poderiamos ser mui prejudicados, e tendo mandado uma patrulha forte para o ponto em que o Major-general Skerrett, e o Tenente-coronel Carleton tinham entrado, destaquei o Tenente-coronel Clifton com parte do 1º. das guardas, para segurar a porta de Antwerpia, e para ver se podia haver alguma informaçã da columna do commando do Tenente-coronel Mauricio. O Tenente-coronel Clifton chegou á porta, porem achou que naõ podia ser aberta pelos seus soldados, pelo inimigo estar fazendo um fogo fortissimo por uma rua acima, que ia ter á porta. Tambem se achou que o inimigo occupava uma obra exterior que dominava a ponte, a qual nos havia de tornar inutil aquelle expediente. Naõ sube mais daquelle destacamento, porem considerei-o como perdido, pelo inimigo ter interrompido a communicaçãõ.

O Tenente-coronel Rooke, foi ao depois mandado naquella direcçaõ com parte do regimento 3º. das guardas, lançou fora

o inimigo da muralha intermediaria, e chegou á Porta, quando conheceo que era infructuozo tentar coiza alguma, e verificou estar a obra exterior ainda occupada. No decurso da noite reuniram-se nos os regimentos 33, 55, e o 2º. batalhaõ do regimento 69; porém o estado de incerteza sobre o que tinha passado nos outros pontos, determinou-me a naõ enfraquecer a força que estava reunida, ou tentar tomar pontos, que naõ podiamos manter, ou penetrar pelas ruas com perda certa de muita gente, principalmente tendo eu ouvido que as tropas á Porta de Water Port, debaixo do commando do Tenente-coronel Muller, tinham experimentado uma determinada opposiçaõ. Mandeí o regimento 32 para as reforçar.

O inimigo continuou um fogo terrivel sobre nos, e de uma vez occupou o bastiaõ vizinho, de cujo angulo completamente commandava a nossa communicaçãõ com o exterior, e trouxe os seus canhoens para aquelle angulo para os descarregar contra nos. Os Majores Muttlebury, e Hog, atacaram-o, e fizeram-o despejar com os regimentos 69, e 55, com a maior vivacidade e coragem.

Vendo eu que as coizas se iam tornando mais serias, e estando ainda sem informaçaõ alguma dos outros pontos, á excepçaõ do mau successo da columna do Tenente-coronel Morrice juncto a Porta Nouard, determinei, a conselho do Coronel Lord Proby, deixar retirar parte das tropas, o que se féz pelas escadas por onde tinham entrado.

Ao amanhecer, tendo-se o inimigo tornado a apoderar do sobredicto bastiaõ, foi outravez expulsado pelos Majores Muttlebury, e Hog, com os seus enfraquecidos batalhoens, com igual coragem. Pouco depois comencei a mandar para fora alguns homens mais, quando o Coronel Jones, que tinha sido feito prisioneiro de noite, veio ter commigo (acompanhado por um official Francez, que me intimou que me rende-se) e informou me de que o Tenente-coronel Muller, e as tropas á Porta de Water Port, tinham sido obrigadas a render-se, e que tinham marchado prisioneiras para dentro da praça; quando tambem sube a sorte dos destacamentos do Tenente-coronel Clifton, e do Major-general Skerrett, do Major-general Gore,

e do Tenenie-coronel Carleton, e que as tropas que os tinham seguido, tiham sido repellidas dos postos avançados, ao longo da muralha por onde tinham penetrado, fiquei convencido de que a continuação da contenda, seria perder vidas inutilmente, e sem esperança de succorro, vistas as circumstancias em que estavamos situados. Portanto consenti em adoptar a mortificante alternativa de depormos as armas.

Tenho agora a fazer o justo, e satisfactorio dever de remeter a V. E. a minha opiniaõ dos merecimentos, e bom comportamento dos officiaes e soldados nesta denodada e difficil empreza. Eu so sei o que se passou debaixo da minha propriã observação, e lamento que a morte do Major-general Skerrett, pelas suas perigosas feridas, e dos outros officiaes superiores, nos outros pectos do ataque me não deixe fazer aquelles particulares elogios aos merecimentos dos officiaes e soldados, que não tenho duvida de que merecéram.

Peço licença para repetir a minha opiniaõ do distincto comportamento do Ceronel Lord Proby; os Tenentes-coroneis Rooke e Mercer, commandando o 3.º das guardas, e a infantaria ligeira, distinguiram-se pelo seu valor e actividade; e os Majores Muttelbury, e Hog, dos regimentos 69, e 55, merecem os maiores elogios, pelo comportamento daquelles corpos nos ataques que ficam mencionados. Tenho toda a razãõ para saber que o Tenente-coronel Clifton conduzio o seu destacamento com todo o valor e pericia de um official; e tenho a lamentar que a sua morte me privasse de receber a sua relação do comportamento dos Tenentes-coroneis Macdonald, e Jones, e dos officiaes e soldados do 1.º das guardas debaixo do seu commando.

Ainda não posso transmittir uma lista exacta dos prisioneiros tomados pelo inimigo, por differentes vezes, nem do numero dos que se lhe tomáram.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) J. G. COOKE, Major-general.

Ao General Sir Thomas Graham.

---

Quartel-general de Calmhout, 11 de Março, de 1814.

MY LORD! Tenho a honra de informar a V. S. de que o  
VOL. XII. No. 70. 3 N

General Bizanet, Governador de Bergen-op-Zoom deixou vir aqui o Tenente-coronel Jones com cartas do General Cooke, em consequencia das quaes, mandei para lá hontem pela manhã o meu Ajudante-de-Campo, o Major Stanhope, com plenos poderes para concluir um arranjo relativo á troca dos prisioneiros; de que tenho a honra de incluir uma copia, e em conformidade do qual, todos, excepto os feridos, saíram hontem de Bergen-op-Zoom para serem embarcados para Inglaterra, logo que a navegação do rio estiver aberta, e espero que o meu comportamento em affiançar nella a minha honra pela estricta observancia deste contracto, haja de ser approvada, e que immediatamente se entregue igual numero de prisioneiros Francezes de correspondentes graduacçoes, com a menor demora possivel.

Naõ devo ommittir esta opportunidade de expressar a minha inteira satisfacção, do comportamento e zelo infatigavel do Tenente-coronel Jones a respeito do bom tracto dos prisioneiros, e a minha obrigaçãõ áquelle official, e ao Major Stanhope, nesta occasiãõ. Tambem estou anciozo por fazer justiça ao comportamento do General Bizanet, que, verdadeiramente caracteristica de um homem capaz, tem sido desde o principio assignalada pelas mais affaveis, e humanas attençoes, para com os prisioneiros.

Elle mandou-me o nome de um official, prisioneiro em Inglaterra, em outro tempo seu Ajudante-de-Campo; eu estimaria logo, que, em cumprimento ao General, este official lhe fosse immediãtamente solto sem troca. O Major Stanhope, que melhor que ninguem pode informar a V. S. dos particulares que dezejar saber, he mandado de proposito como portador dos meus officios, o que faz desnecessario que eu seja mais extenso.

Tenho a honra de ser. &c.

(Assignado) THOMAS GRAHAM.

Ao Conde Bathurst, &c. &c. &c.

---

*Traducçãõ.*

Hoje, 10 de Março.

O Tenente-coronel Jones, e o Tenente-coronel Stanhope, Ajudante-de-campo do Official General Commandante das for-

ças Britannicas, Messrs. Hugot de Neufville, e o Major Le Clere, Tenente-coronel dos Engenheiros Francezes, tendo sido nomeados pelos seus respectivos Generaes, e tendo-se ajunctado para o fim de ajustarem as condiçoens de uma troca de prisioneiros para ao depois serem apresentadas aos Generaes Comandantes de ambas as partes,

Propozéram os officiaes Inglezes:—

ART. 1. Uma suspensaõ d'armas por tres dias, a comeeçar de hoje ao meio dia, em ordem a haver tempó para se fazerem os necessarios arranjamientos para a execuçaõ de uma troca de prisioneiros.—Resposta-Concedido.

2. Que todos os prisioneiros de guerra, feridos, e outros, pertencentes ás forças de S. M.; fossem entregues, dando a sua palavra de honra de não servirem contra a França e seus Aliados na Europa, até que tenham sido regularmente trocados. Resposta-Concedido.

3. Que todos os Francezes prisioneiros de guerra, feridos, e quaesquer outros, seraõ entregues, á conta dos prisioneiros restituídos a S. M. Britannica, como tem sido estipulado no artigo precedente.—Resposta-Concedido.

4. Como alguns dos officiaes e soldados de S. M. tem sido perigosamente feridos, seraõ deixados na fortaleza de Bergen-op-Zoom, com dous officiaes Medicos, e o necessario numero de enfermeiros, para cuidarem-delles.—Resposta-Concedido.

5. Que se destinasse um edificio para servir de hospital para os Inglezes feridos; e que aos officiaes Inglezes fosse permitido morar com os habitantes, á sua propria custa.—Resposta-Concedido.

6. Que quando os officiaes, ou alguns outros dos feridos Inglezes, estiverem curados, receberaõ passaportes do Governador de Bergen-op-Zoom, para poderem ir para os postos avançados Inglezes, e que os officiaes Medicos e enfermeiros igualmente recebam licença para partir quando os seus serviços ja não forem necessarios.—Resposta-Concedido.

7. Que o official commandante das forças Inglezas possa nomear um commissario, para o fim de trazer para dentro da praça de Bergen-op-Zoom, aquelles artigos que forem necessarios

para os feridos que lá estão, e que o dicto Commissario tenha licença para passar e repassar.—Resposta. Estes artigos serão trazidos uma vez cada semana, e n'um dia determinado, entre as dez da manhã e as duas da tarde; serão depositados dentro do alcance de canhão, e dali trazidos para dentro da guarnição.

8. Que as tropas de ambas as potencias permaneçam durante a suspensão das hostilidades, nas mesmas posições que agora occupam.—Resposta-Concedido.

9. Que um official Inglez seja authorizado para ficar na praça de Bergen-op-Zoom, durante a suspensão das hostilidades, em ordem a regular a execução destes diferentes arranjos.—Resposta-Concedido.

10. Que os officiaes Inglezes conservem as suas espadas.—Resposta-Concedido.

11. Que se permita a entrada de carros na cidade para transportar os feridos.—Resposta-Concedido.

#### Pedidos pelos Francezes.

12. Que um official Francez seja enviado com officios do Governador de Bergen-op-Zoom, para fazer saber ao Governador de Antwerpia o resultado desta troca.—Resposta-Concedido. Hade ser occompanhado por um official Inglez, unido ao quartel-general, até os postos avauçados dos Francezes de frente de Antwerpia.

13. Que-se faça uma lista dos officiaes e soldados de S. M. Britannica, que estão prisioneiros de guerra em Bergen-op-Zoom, a qual deverá ser annexa a este tractado de troca.—Resposta-Concedido.

14. Que se faça tambem uma lista dos officiaes, e soldados Francezes, que foram feitos prisioneiros de guerra na noite de 8 para 9 do corrente, e que sejam immediatamente entregues.—Resposta-Concedido.

15. Estas listas conteraõ os nomes dos prisioneiros pela ordem das suas gradações, e far-se-haõ dous exemplares.—Resposta-Concedido.

Concluida, sujeita á approvaçãõ do General Bizanet, Comandante em Chefe de Bergen-op-Zoom, e do Major-general

Cooke, Official Superior dos prisioneiros de Guerra na praça, munido de plenos poderes do General Graham.

(Assignados) LESLIE GROVE JONES, Tenente-coronel,  
JAMES HAMILTON STANHOPE, Major e  
Ajudante de Campo do Commandante das Forças.

Approvado por mim, GEORGE COOKE, Major-general,  
LE CLERC, Commandante de Batalhaõ  
dos Engenheiros,  
HUGOT DE NEUFVILLE, Major de Praça,  
Approvada, O Gen. BIZANET.

—◆—

*Reflexoens sobre as novidades deste mez.*

BRAZIL.

*Retirada da Familia Real para Portugal.*

Pelas ultimas noticias, que chegãram de Lisboa, nos informam, de que ficava a partir daquelle perto para o Rio-de-Janeiro um navio, em que ia, ou uma deputaçãõ, ou um requirimento formal da Regencia, a pedir que S. A. R. o Principe Regente voltasse para Lisboa.

Quando S. A. R. se decídiõ a ir para o Brazil, houve muito quem se gabasse de que aquelle passo éra obra naõ do Principe, mas dos taes gavõlas; agora, que as cousas estaõ em termos de elle poder voltar, inventam-se estes requirimentos, para depois dizer alguem, que o Principe voltou em consequencia das persuasoens de taes pessoas; quanto a nós, julgamos, que assim como S. A. R. de seu motu proprio foi para o Brazil, quando julgou aquella medida conveniente, assim tambem ha de voltar para Portugal, quando achar que isso se póde fazer com segurança, e para bem do Estado.

Naõ póde duvidar-se, que a familia de Bragança he mui popular entre os Portuguezes; e que, ja por affeiçãoõ, ja por interesse, a vinda de S. A. R. para Lisboa, he acontecimento que muito se deseja em Portugal; assim, se o povo de Portugal mandasse memoriaes ao Principe, de alguma forma que fosse, pedindo-lhe que voltasse para o Reyno; isto devia ser agradavel á familia Real, que veria em taes petiçoens, e memoriaes, provas da affeiçãoõ de seus subditos; e o Principe, agradecendo estas expressoens de lealdade, obraria como lhe parecesse mais acertado. Porém tal requirimento feito pelos Cortezaõs, que compõem a Regencia, nem exprime os sentimentos da naçaõ, nem merecc a attençãõ do Principe.

S. A. R. não nomeou a Regencia do Reyno, para o governar a elle Principe; nomeou-a para governar o Reyno; e quanto para o aconselhar, o Principe lá tem o seu Conselho de Estado com quem pôde consultar, e arranjar os seus planos.

He contra ésta mal entendida aristocracia, que a nossa politica se dirige; porque julgamos esse augmento do poder dos que governam taõ pezado ao Monarcha, como pernicioso ao povo. S. A. R. nomeou a Regencia para governar o Reyno de Portugal, segundo as leys do Reyno, durante a sua ausencia, assim como, durante a sua residencia em Lisboa, nomeou um Vice Rey, que governasse no Rio-de-Janeiro; ora, não pôde haver duvida de quâm absurdo seria, que o Vice Rey do Rio-de-Janeiro, mandasse aconselhar a S. A. R. em Lisboa que fosse para o Brazil; portanto o mesmo se deve dizer da Regencia de Lisboa. Como da ida do Principe Regente para o Brazil resultáram ao Reyno, e até mesmo á Europa, os graugrandes beneficios, que em outra occasiaõ apontamos, não faltou quem attribuisse a si aquella medida; se dali resultasse mal, esses mesmos, que louvam a medida, e a attribuem a si, haviam de ser os primeiros a espalhar pela boca pequena, que a culpa éra do Principe: e exaqui o systema Godoyano. Donde concluimos, que esta ingerencia intempitiva a respeito da vinda de S. A. R. para Lisboa, só pode servir de lhe tirar a popularidade, que lhe resultaria do merecimento da decisaõ.

Por outra parte a volta de S. A. R. para Lisboa não deixa de ter embaraços, que se devem alhanar antes que elle volte. O Governo do Brazil adoptou certas medidas, que nós reprovámos áquelle tempo, e que he preciso remediar de algum modo que seja; antes que a Côrte se torne a mudar para Lisboa. Isto requer tempo, e consideraçaõ. Por exemplo, acham-se os Estados de Portugal com dous Dezembargos do Paço, dous Conselhos da Fazenda, duas Junctas do Commercio. &c. &c. e sobre tudo acha-se o Principe ligado pelo tractado de Commercio Roevídico, com o qual fez a familia dos Souzas tal damno aos interesses da Naçaõ, que não se acha paralelo em outro algum acto anterior do Governo Portuguez; tudo isto requer, como dicemos, consideraçaõ, e que o Principe Regente pense nos meios, senaõ de remediar, ao menos de paliar estes males; antes que vénha para a Europa, ou que se faça a paz geral.

Em uma palavra, estamos persuadidos, que nem he da competencia da Regencia de Portugal o dar conselhos, não pedidos, sobre a politica, que o Soberano deve adoptar; nem o Principe precisa desse estimulo para voltar a Lisboa; porque o seu natural amor pelo ter-

reno em que nasceo, quando naõ fossem outras consideraçoes, o fariam obrar assim; logo que as circumstancias lhe permitissem. Mas a residencia de S. A. R. no Brazil lhe ha de ter feito conhecer de perto, a impossibilidade de governar taõ vastos e distantes dominios, pelas mesmas regras, e estabelicimentos, que se instituiram quando aquelle paiz éra uma colonia insignificante, quasi deserta. Alem de que, como S. A. R. achou, que a sua mudança para o Brazil éra necessaria para conservar a independencia de sua Corõa; assim taõ bem, naõ se pôde julgar que elle deva mudar-se outra vez para a Europa, sem que primeiro se averigue, que a sua Soberania, e completa independencia de toda a naçaõ estrangeira, estaõ seguras, e firmemente garantidas.

Quanto á Regencia, todas as vezes que ella governar o Reyno, segundo as leys, tem cumprido com o seu officio.

#### FRANÇA PELOS BOURBONS.

Houve tempo, em que nos vimos obrigados a fazer no nosso periodico dous artigos differentes sobre a Hespanha; a saber, Hespanha por Fernando VII. e Hespanha pelos Francezes. Acabou-se essa distincçaõ com a total expulsãõ dos invasores. Agora faremos a mesma classificaçãõ nas noticias da França, visto que aquella naçaõ está occupada por duas forças armadas, e com dous partidos distinctos.

A. p. 430 damos algumas das proclamaçoens que tem publicado os Principes Francezes da familia de Bourbon, e no officio de Lord Wellington a p. 450 achará o Leytor maiores razoens para supportarmos a França dividida em duas facçoens; visto que a cidade de Bordeaux, e seu territorio se declarou decididamente contra Bonaparte. Assim como fez a importante cidade de Nancy.

Da cidade de Bordeaux chegaram a Inglaterra Deputados, dirigidos a Luiz XVIII. e ao Governo Inglez. O objecto de suas negociaçoens nem com o Monarcha Francez, nem com o Governo Inglez, saõ ainda conhecidos do publico; mas assas tem dicto o rumor, para que se possa conjecturar, que, nesta materia, ha grande diversidade nas opinioens dos politicos, seja em França, seja nos gabinetes Alliados, sêja no publico e Governo Inglez.

¿ Preferem os Alliados os Bourbons ou Bonaparte? ¿ Saõ dea cordo ou differem elles entre si? ¿ Querem os Francezes Bonaparte ou Luiz XVIII? ¿ E os que querem a Luiz XVIII. desejam-no com os mesmos poderes absolutos de Luiz XIV. e Luiz XV. ou com as restricçoens da Constituiçaõ, que jurou Luiz XVI?

Parece, que todas as opinioens, que se deduzem destas questoes.

tem seus partidistas, e a difficuldade por ora consiste em averiguar, qual he o partido mais numeroso, ou de maior influencia.

O restabelimento dos Bourbons em França com todos os poderes dos antigos reys; e sem nenhuma das limitações, que os politicos tem julgado necessarias nas monarchias bem reguladas, parece ser um acontecimento pouco provavel; pelas grandes difficuldades que naturalmente se encontraraõ na introducção de certos estabelicimentos antigos, como são os direitos feudaes, e senhorios territoriaes, os dizimos, os monopolios reaes, &c. A parte moderada da Nação Franceza, que odia Bonaparte; porque elle estabeleceo sobre as ruínas da republica o mais absoluto despotismo, não pôde desejar o tornar a entrar em outro governo igualmente absoluto: o mesmo Rey de França Luiz XVIII. em sua proclamação prometteo a conservação do Senado, e em certo modo a continuação das leys, que passam agora com o nome de Codigo Napoleaõ, e he de suppôr, que taes promessas não sejam desattendidas, arriscando-se a familia dos Bourbons a fazer-se impopular, ao mesmo momento, em que he chamada ao Governo da França.

Nos estamos tanto mais convencidos de que a Familia dos Bourbons, tornando a occupar o throno de França, admittirá as saudaveis restricções do poder monarchico, que servem para consolidar e perpetuar esta forma de Governo, quanto aabemos que estes são os sentimentos dos Francezes em geral; e da nação Ingleza, assim como de todas as pessoas bem informadas, em toda a Europa.

Quanto á Nação Franceza, referiremos o dicto de um dos Francezes, que tem sido mui activos em promover a causa de Luiz XVIII; e que se acha presentemente em Inglaterra como deputado, a tractar com este monarcha, sobre o seu restabelicimento. Eis aqui a sua expressaõ. "Ce Coquin de Bonaparte doit être pendû, il nous à escamoté la Republique." Ninguem se pode enganar nestes sentimentos; e se taes são os motivos porque os Francezes desejam dethronizar Bonaparte e restabelecer os Bourbons, ninguem dirá, que elles desejam tirar o poder despotico das mãos de Bonaparte, para o metter da mesma forma nas mãos de Luiz XVIII.

Pelo que respeita a opiniaõ da nação Ingleza, não ha mais que ler as gazetas que são mais favoraveis á Familia dos Bourbons, e se vera claramente, que por mais que se deseje a restauração dos Bourbons, ninguem deseja advogar a causa do despotismo, mas sim de um governo moderado.

O resto da Europa tambem assim pensa; e appellamos para os

principios que se estabelecem na proclamação do novo Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos, que publicamos a p. 339 ; o que se propõem para a Constituição da Suissa ; a Hespanha : em uma palavra, não he de crer que a Familia dos Bourbons deseje estabelecer um governo opposto á corrente da revolução de ideas, que ainda continua na Europa, e que se demonstra até com a sancção dos Soberanos Alliados, nos exemplos da Suissa, da Hollanda, de Napoles, de Sicilia, da Suecia ; &c. &c. O Mayor de Bourdeaux, que tem tomado tão activa parte na causa dos Bourbons diz claramente, que o seu fim he “ combinar com o Governo dos Bourbons aquelles beneficios que o progresso do espirito humano tem promettido á nossa idade.” Por fim todos os politicos convém, que as formas de governo devem ir de acordo com as ideas do tempo ; obrar de outra maneira, he como diz o rifaõ vulgar, reinar contra a maré.

Quanto á probabilidade do successo desta contra revolução, não he facil o raciocinar com precisão ; porém o Mayor de Bordeaux, em uma proclamação que fez depois da entrada dos Alliados naquella cidade, declarou, que a sua resolução a favor de Luiz XVIII. não éra um impulso momentaneo ; mas sim o effeito de combinaçoens anticipadas, e de planos concertados com os habitantes de outras provincias da França. Neste caso a contra revolução deve ser tão formidavel a Bonaparte, como os exercitos Alliados. No dia 14 de Março se imprimio em Bordeaux, o N.º. 1. de um jornal, que segue os principios da nova ordem de cousas : ali se descreve a entrada dos Alliados na cidade, o entusiasmo com que fõram recebidos pelos habitantes, as declaraçoens destes contra o Governo de Bonaparte, e a favor de Luiz XVIII ; e, o que he mais importante, a convicção do concerto que existe em outras partes da França, para concluir ésta contra revolução. Sendo isto assim, não pode julgar-se que o Rey de França encontre outro obstaculo á sua entrada em França, e posse do throno, mais do que a pouca vontade dos Alliados.

Parece sufficientemente averiguado, que os desejos dos Alliados (incluindo a Austria, o Principe da Corôa de Suecia, e Murat, agora reconhecido Rey de Napoles) não saõ de supportar as pertençaens de Bonaparte, caso elle possa ser deposto sem inconveniente maior ; mas quem ha de ser o seu successor no throno Francez, não he materia em que todos convenham igualmente. No entanto os Principes de Bourbon estaõ ja em França fortificando o seu partido, e a p. 431 damos a proclamação do Marquez de Chabannes em que elle dá a<sup>9</sup>

instrucções aos povos, para se organizarem na contra-revolução. Estas medidas são energicas, e supposta a combinação em outras partes da França, não podem deixar de ser efficazes, a memos que a assignatura da paz geral entre os Alliados e Bonaparte o deixe desembaraçado, para applicar todas as suas forças em suffocar a contra-revolução.

---

FRANÇA POR BONAPARTE.

Os copiosos extractos, que damos neste N.º. das gazetas officiaes Francezas, contém a narrativa das operações da campanha, e outras noticias de menor importancia; mas nem uma so palavra dizem a respeito da insurrecção de Bourdeaux a favor de Luiz XVIII. O mesmo silencio se observou, quando a Austria se separou da alliança da França, e se unio ás potencias combinadas contra ella; e o mesmo silencio se observou na expulsão dos Francezes de Portugal e da Hespanha; mas o tempo ha de por força descobrir estas verdades; e por tanto ao menos parte apparecerá depois nas gazetas de Paris.

Este silencio prova o temor de Bonaparte; mas pouca reflexão basta para dar a conhecer quanto a sua situação he perigosa. Os numerosos exercitos, que se denominavam Francezes, e eram capitaneados por Bonaparte, e empregados em favorecer as vistas do Governo Francez; compunham-se de muitas das nações Europeas, que no estado de sujeição directa ou indirecta á França, eram obrigadas a fornecer-lhe homens, e dinheiro. Os Francezes tem agora contra si todas as potencias, que obraram como suas Alliadas; e a demais o norte da França desde o Rheno até Paris, e o occidente, desde os Pyreneos até o Garonna, estão no poder dos Alliados; donde se vê que os recursos de Bonaparte, e os seus meios de continuar a guerra, tem decrescido em proporção muito maior do que se tem augmentado os meios de seus adversarios; porque os Alliados tem adquirido os territorios de que Bonaparte tirava muitos meios, e tem invadido provincias da França, que ficam por isso impossibilitadas de prestar a este partido apoio algum.

A estas desvantagens phisicas acresce outra moral, que he o espirito de insurrecção, a favor de Luiz XVIII. A volubilidade do character Francez passa em proverbio em toda a Europa. Bonaparte e os seus collegas revolucionistas conserváram em sua mão o poder do Governo da nação, apresentando quasi todos os annos alguma novidade, que divertisse os Francezes; ja uma assemblea Constituinte, ja um rey constitutional, logo um directorio, depois um trium-

virato, dahi o consulado; depois Consul vitalicio; entãõ um Imperador, conquistas brilhantes, o repudio da Imperatriz; novo casamento do Imperador; nascimento do rey de Roma, &c. Exaurida a fonte de novidades que motivassem festas; chegou o periodo em que Bonaparte naõ teve mais que publicar senaõ derrotas; a monotonia desgostou os Francezes, e gritãram “ Vivam os Bourbons; ” ẽsta novidade, que naturalmente dá expectaçõens de nova coroaçãõ, luminarias, &c.; levarã apos de si a naçaõ; porque tal he o seu character; como exuberantemente tem mostrado, durante os 20 annos passados. A questaõ está continuar a moda de gritar pelos Bourbons, e contra Bonaparte; e acabado está o imperio das aguias, porque naõ ha meios de o manter por força.

---

### *Operaçõens da Guerra.*

A excepçãõ dos exercitos da Italia, e de algumas fortalezas de que os Francezes ainda se acham de posse na Hespanha, nos Paizes-Baixos, e no Elbe, o theatro da guerra está completamente dentro da França; demancira, que o encommodo de soffrer hospedes, ornados de bayoneta e espada, recahe agora naquella naçaõ, que levou estes males às outras, por tanto tempo, desde Moscow até Lisboa, desde Amsterdam até Napoles.

Os exercitos, que se acham em frente de Paris, naõ tem mudado a sua posiçaõ, durante o curso deste mez, a pouto de fazerem alteraçãõ alguma consideravel no estado da guerra. Tem acontecido o que conjecturamos no nosso N.º. passado, de que os exercitos Alliados, que de differentes pontos marcham a Paris, avançariam, ou se retirariam alternativamente, segundo as forças porque fossem atacados, e outras circumstancias; assim, tanto o Principe Schwartzenberg, como o Marechal Blucher, se tem retirado, quando Bonaparte os atacou separadamente, e avançado outra vez, quando elle se vio obrigado a acudir a outro ponto. A cidade de Rheims, por exemplo, tem sido tomada e retoidada oito vezes, durante o mez de Março.

Notamos ja em nosso N.º. passado a analogia entre a situaçãõ actual de Bonaparte juncto a Paris, e a em que esteve o anno passado juncto a Dresden; e pela mesma razaõ porque suspendemos o nosso juizo á apparente demora naquella occasiaõ, tambem conjecturamos agora, que o naõ terem ja avançado contra Paris todos os exercitos Alliados, naõ mostra nada de favoravel a Bonaparte.

A demõra pode ser occasionada, pelas esperanças de um exito

pacífico das negociações em Chatillon ; pode resultar de não estarem os Alliados ainda de acordo, sobre o plano de ataque contra Paris ; pôde provir de quererem esperar pela chegada do exercito alliado do Norte da Alemanha ; em fim pôde proceder de uma meditada politica, que faça que os Alliados desejem dar tempo á organizaçã da contra revolução a favor de Luiz XVIII. Porém sejam quaes fôrem as causas da demôra, ella he sem duvida mais prejudicial a Bonaparte do que aos Alliados, visto que, suppondo iguaes as percas de ambos os lados, nos differentes combates parciaes que tem havido, os Alliados tem as suas communicações abertas, os recursos patentes, e os seus meios em augmento ; ao mesmo tempo que Bonaparte tendo perdido todos os recursos externos, se acha com os seus meios internos, cada dia mais limitados, em consequencia da contra revolução em favor de Bourbons.

Se as operações da guerra no Norte não offerecem o prospecto de progressos rapidos, os exercitos alliados no sul da França compensam assaz ésta falta. Lord Wellington passou o Adour no 1.º de Março, deixando uma força sufficiente para bloquear Bayonna : dahi dirigio-se ao Garonne, e levando diante de si tudo quanto se lhe pôz diante, mandou um destacamento debaixo das ordens do Marechal Beresford, a tomar posse de Bourdeaux, aonde o Marechal entrou aos 12 de Março.

O Marechal Soult, que éra o commandante Francez opposto a Lord Wellington retirou-se ; e ainda que Suchet sabbisse da Catalunha com tenção de se lhe unir, nem ésta junção se pôde verificar, nem se fosse effectuada impediria os progressos do plano de Lord Wellington ; porque as tropas Francezas assim unidas se diz não passariam de 40.000 homens ; o que deixa toda a superioridade da parte de Lord Wellington ; quanto mais que a revolução a favor de Luiz XVIII. he toda em vantagem do exercito invasor.

A p. 452 achará o Leytor os officios em que se refere o ataque que fizéram as tropas Inglezas contra a praça de Bergeu-op Zoom, em que os Alliados falhãram completamente ; porque, depois de estar ja dentro da praça, se viram obrigados a render-se prisioneiros dos assaltados.

---

#### HESPAÑHA.

Tem continuado os rumores da chegada de Fernando VII. a Hespanha, mas a este respeito nada se sabe ao certo ; as Cortes porém tem dado as providencias necessarias a este respeito como se vê do decreto que publicamos a p. 334 ; e não obstante o tractado entre

Fernando VII. e Bonaparte, de que fallamos no nosso N.º. passado ; e que damos neste, por extenso, a p. 330.

A situação interna do Reyno, foi exposta nas Cortes, na Sessão de 4 de Março, pelos Secretarios de Estado.

O Secretario da Fazenda leu uma memoria, em que expôz o estado das rendas e despezas publicas : segundo elle disse, o calculo das despezas para o serviço do exercito chega a 779 milhoens de reales (de Vellon) ; e o terço anticipado das contribuiçoens directas ja recebidas não passava de 39:894 467 reales ; assim resta ainda por cobrar alguma cousa mais de 76 milhoens de reales. Os calculos das despezas para outros serviços, variam mui pouco das avaluaçoens precedentes ; e ao todo as despezas deste anno excedem as do anno passado em  $2\frac{1}{2}$  milhoens de reales. O deficit foi mui consideravel, porém o Ministro se absteve de apontar os meios por que se podia cubrir este deficit, deixando a sua consideração á decisaõ das Cortes. O extenso sentido, em que se tinha tomado a abolição das contribuiçoens e monopolios provinciaes, que podiam ser menos prejudiciaes ao commercio, á industria, e ás artes, causou uma extraordinaria diminuição nas rendas geraes, o que o Ministro provou pelo insignificante producto dos direitos d'alfandega em Valencia, que presentemente abunda em artigos que deviam pagar direitos. O Governo se occupava activamente em por em força o pagamento da contribuição directa ; e o Ministro deixou ao Congresso o decidir sobre o expediente de pedir um emprestimo dentro do Reyno ou no estrangeiro, no computo de duas terças partes das despezas do anno.

O Secretario da Guerra expoz o estado da força militar ; e disse que o exercito constava de 184.152 homens ; e 17.416 cavallos ; a saber ; 155.609 infantaria ; 21.705 cavallaria ; parte da qual está desmontada ; 3 242 artilheria de pe ; 1.212 artilheria montada ; e 2.392 çapadores. Nesta conta se não incluem varios corpos estacionarios, que sommados com os demais fazem chegar o total do exercito a 193.794 homens. Elle deo tambem uma conta succinta do estado da guerra civil na Nova Hespanha, Peru, Venezuela, e Nova Granada.

O Ministro da Marinha expôz a grande falta de meios na marinha de guerra. Os vasos em serviço actual são 5 navios de linha, 10 fragatas, 65 vasos menores, 20 dos quaes são paquebotes.

Quanto ás operaçoens da guerra, limitam-se á evacuação de tres praças na Catalunha ; Lerida, Mequinenza, e Mazon, por um bem pensado estratagema do Barão de Eroles ; que se menciona no officio de Lord Wellington, inserto neste N.º. a p. 444, e ao rendimento de Santona por capitulação.

## HOLLANDA.

A p. 339 publicamos a proclamação do Príncipe de Orange, que assumio o titulo de Príncipe Soberano dos Paizes-Baixos-Unidos, e propoz nova Constituição politica áquelle paiz. Esta Constituição ainda se não fez publica; porém, segundo nos informa um correspondente nosso em Haya, o seu fim he estabelecer um Governo mixto.

A Soberania se declara hereditaria na Casa de Orange. O Príncipe tem o poder absoluto de declarar guerra, e fazer a paz, e de cunhar moeda. Tem o commando do exercito e da marinha de guerra. Compete-lhe a administração de todas as despezas publicas. Em uma palavra goza todos os direitos, e exercita todas as funcções do Executivo, em uma monarchia limitada; incluindo o poder de crear Ordens de Cavallaria, e conceder titulos de nobre a, posto que estes titulos não terã privilegios exclusivos.

O paiz, incluindo o Brabante Hollandez, he dividido em nove provincias, cada uma das quaes mandará deputados aos Estados Geraes: o numero total de deputados será cincoenta e cinco; e nelles residirá o poder legislativo. Porém, á similhaça do Senado de França, poderaõ somente deliberar sobre as materias, que lhe forem propostas pelo Príncipe. Elle lhes apresentará o projecto das leys, das contribuições, &c.; que elles examinaoõ, approvaraõ, ou rejeitaraõ.

Haverá um Conselho de Estado, que consistirá de 14 pessoas, e cujo consentimento será necessario, para o Príncipe poder apresentar algum negocio ao Corpo Legislativo.

Todas a religioens são toleradas ao ponto de se não fazer distincção para os empregos publicos; porém somente o clero da Igreja Reformada será pago á custa do Estado. Com tudo, o Príncipe terá poder de pagar o clero de outras religioens, se assim o julgar alguma vez conveniente.

O Príncipe terá de renda um milhaõ e meio de guelders por anno, junctamente com um palacio em Haya, e uma casa de campo. O principe hereditario terá o rendimento de cem mil guelders.

Estabelecer-se ha em todo o paiz um só codigo de leys civis e criminaes; porém cada uma das provincias terá um Conselho provisório (de que os Nobres não poderaõ compôr mais da quarta parte), a quem pertencerá fazer as leys municipaes. Cada departamento terá um tribunal civil e criminal, cuja formação e regulamentos administrativos pertencem aos Conselhos provinciaes.

## INGLATERRA.

Como Bonaparte continua ainda a mandar sair ao mar alguns vasos

na annihilação continua progres-

sivamente. Ultimamente a fragata Franceza La Sultane, foi tomada pela Ingleza Hannibal, commandada pelo Capitaõ Seymour. O Navio Inglez Hebrus, Capitaõ Palmer, tomou a Fragata Franceza Etoile; e o Navio Majestic tomou a fragata Terpsicore, que mandou para a Madeira a concertar-se.

Esta he a bella conta, que Napoleaõ tem de dar aos Francezes de sua marinha de guerra. A marinha mercante tem seguido o caminho de seu commercio.

S. A. I. a Duqueza de Oldemburgo, viuva, irmaã do Imperador de Russia, chegou a Londres hoje (31 de Março) não se sabe a causa de sua visita a Inglaterra; ella foi recebida pela corte, com todas as devidas honras.

---

NAPOLLES.

Lord Bentinck, e o Duque de Gallo concluíram uma convençaõ em Napoles aos 3 de Fevereiro, de que o seguinte he extracto.

ART. 1. Do dia de hoje em diante cessarã todas as hostilidades, tanto por mar como por terra, entre as forças Inglezas e Napolitanas, que se acham nas ilhas do Mediterraneo, e Adriatico, ou outras quaesquer forças debaixo das ordens dos commandantes Inglezes.

2. Durante o Armisticio, haverá entre a Gran Bretanha, e o Reino de Napoles, e ilhas mencionadas no artigo precedente commercio livre, nos artigos não prohibidos, sujeito porẽm isto aos regulamentos estabelecidos pelos respectivos Governos!

3. Se este armisticio cessar, por algum a causa que seja, não comẽçaõ as hostilidades, senãõ tres mezes depois de se ter denunciado de uma ou de ambas as partes.

4. Concluir-se ha-inmediatamente uma convençaõ militar entre os officaes generaes e superiores dos exercitos Austriacos, Inglezes, e Napolitanos, a fim de estabelecer um plano de operaçoens segundo o qual as respectivos tropas, unidas na mesma causa, de-verãõ obrar na Italia.

---

O Actual Rey de Napoles (Murat) tomou posse do Territorio Ecclesiastico, provisionalmente; como se vê da proclamaçaõ de Beauharnois, a p. 348 deste N.º. mas quanto á sorte da Italia, nada ha ainda de decidido; provavelmente isto será um dos objectos na negociaçaõ para a paz geral.

---

## PORTUGAL.

Temos por mais de uma vez mencionado a materia do regate dos captivos em Argel, com o louvor, que merecem a pessoas encarregadas nesta repartição; e com tudo notamos o que restava ainda a fazer, para que um negocio, bem começado, e bem continuado, fosse igualmente bem acabado.

Fizéram-se listas de todos os captivos resgatados, especificando os seus nomes, terra do seu nascimento, ou d' onde éram vizinhos, empregos que tinham, e navios em que fôram tomados; éstas listas devem existir na Secretaria de Estado; e ja que o Secretario desta repartição fez com que se publicassem as listas dos empréstimos, pagamentos do juro e capitaes, pessoas, que fizéram donativos, &c. para que o publico desse o louvor a quem o merece, e para que se patenteasse este monumento da historia Portugueza; julgamos que a publicação das listas, sobre que fallamos, seria o mais bello remate desta operação verdadeiramente louvavel, e de certo bem conduzida.

Talvez tenha havido opposição feita pelos Godoyanos; para que este procedimento se não alegue como aresto ao depois, deduzindo-se daqui que o Governo he obrigado a dar contas ao publico do que cobra ou despense nas rendas publicas. Sêja poram qual for a clamor dos Godoyanos, as pessoas do Governo, que motivaram a publicação das listas dos empréstimos, e donativos, e de seus pagamentos, adquiriram com isso a boa vontade da nação; e se concluirem o negocio como apontamos, ninguem lhes negará os agradecimentos que lhes são devidos por este serviço.

Houve quem disse em Lisboa, que não havia ésta lista na Secretaria de Estado. Nos não cremos isto; ellas devem ali existir; porque as pessoas empregadas em Argel, por força haviam de dar conta do modo por que despendéram as sommas, que se lhes confiam; mas se de facto não tem estas listas mandem nas buscar a Londres, que daqui lhe irão.

O prazer, que devem ter as pessoas que contribuíram, vendo na lista os objectos de sua charidade, he grande remuneração a seus esforços; e sem duvida prepara e dispoem os espiritos para em outras occasioens semelhantes contribuírem de boa vontade; ainda sem lembrar outros beneficios, que daqui resultam; em uma palavra esta medida servirá de gloria aos presentes; aos vindouros de exemplo.

---

## CONRESPONDENCIA.

SENHOR REDACTOR DO CORREIO BRAZILIENSE! Como me veio ter ás maõs a denominada, explicação imparcial das Observações do Dr. Vicente Jozé Ferreira Cardozo da Costa sobre um artigo da gazeta de Lisboa de 22 de Outubro, de 1810; e me asseguraõ com bem Surpreza minha, ser isto do punho de um dos mandados pôr fora de Lisboa em 1806; De hum dos grandes, e escandalozos reptis dos Francezes! De hum dos que logo se recolhêraõ a Lisboa na entrada do Junot! De hum, dos que foraõ *injustamente* mandados para Almada! Em fim, de hum dos que vieraõ para o *Refugium Pccatorum*; aonde todos os crimes, e attentados Nacionaes, e de Leza Magestade se absolvem com a *iniciação*, e o *Esopo do Grande Pontifice* de South Audley-street. Digo, como me veio ter isto ás maõs, e não tenha ate agora visto analize alguma no Seu Jornal sobre tal Chefe d'Obra; rogo-lhe queira ter a bondade de da-lugar no seu Jornal á algumas pequenas, e passageiras reflexoens.

O Auctor da ditta *Explicação Imparcial* fez bem em não declarar o seu nome, nem o lugar da imprensa, fez bem em não pôr o nome, porque de certo não faria muita honra aos Governadores de Portugal tomar a sua defeza, e ser o seu panegerista hum tal sujeito; assim como nem lhe faz honra alguma ser o seu panegerista hum Anonymo. Elle fez bem em não denominar o lugar da Imprensa, porque hum tal escrito taõ calumniatorio ser lhe hia talvez assas fatal; pois que se não poderia alegar, que a Legação Portugueza mandava imprimir similhantes calumnias: e quem sabe assim mesmo o que lhe succederia? a não tomar o expediente de sair d'Inglaterra.

Nunca fallei com o Dr. Vicente, todavia sou obrigado a dizer que as suas faltas verdadeiras, ou suppostas, tem sido consequentes á sua situação, e em nada o podera arguir de impostor: porquanto todos sabem que elle fôra o Mentor, e Mestre em Coimbra dos filhos do Visconde de Ponte de Lima; que em Lisboa ao depois dava conselhos, e Lições aos Presidentes do Erario; (da *Rosa* e d'*Arroios*) que em consequencia fora despachado e introduzido á grande roda da Corte: portanto toda a sua conducta para com os filhos e parentes do Visconde, e para com os seus patronos, podia ter algum passe; porem a conducta do nosso Anonimo da *Explicação Imparcial*, &c. nenhum passe tem, pois que tem sido sempre de impostor; de ne-

nhuma religião, &c. &c. Começou em Coimbra a ser inconsequente com a *Padeira*; a querer ter a sua Loja Maçonica nas *Torres* com a assistência do *gordo Padre*, e dos *Deutores de Guimaraens*; elevado ao grau de Doutor por hum Mulher de Lisboa, a quem deu ao depois o pago, e abominavel pago, *si vera est fama*, veio ao depois para o conclave do chiado. Conclave Jacobinico e Revolucionario, e por fim foi mandado com outros sair de Lisboa em 1806, para os seus honestos degredos, denominados Inspecções! (Porque os Soberanos Castigaõ as vezes por modos taõ suaves, he que taes anônimos tem o descaramento de avançar o que avançaõ!!) Não me admiro que esta taõ boa alma se digne em elogiar o Principe, e os Governadores do Reino, e lhes faça esta graça, se não pelo amor de Deus; pelo temor das penas do Inferno! tal tem sido aqui a marcha de muito Espião de Bonaparte, quando escreve em Londres; pois entaõ elogia muito, e á queima roupa, o Governo Inglez; mas logo que pode voltar para França muda a Cazaca! o nosso anonimo he tal, e qual. Tomou a capa d'anonimo para ver se escapava á perseguição, que lhe poderia fazer hum dia o seu calumniado, em hum Tribunal de justiça; ainda que sabemos que largou a mascara ao *Grande Pontifice*, e que tanto este como alguns do clube do chiado, que se achaõ no Rio-de-Janeiro, e o grande Godoyano, e protegido outro tempo pelo bom Manoel de Godoy, que igualmente lá se acha, todos por afinidade, e parentesco tem pertendido dar o nome ao anonimo, e impurrar os elogios forçados do seu amigo, como uma grande peça! Posso assegurar, e ao Mundo inteiro, que S. A. R. e os Governadores sensatos de Portugal riraõ de taes elogios, quando conhecerem o author, alem de que os elogios de S. A. R. não precisaõ ser confundidos, e fundados nas calumnias dos seus vassallos, muito mais dos que o Mesmo Senhor, ainda não fez publicar reos, para ao depois pela sua innata Piedade lhes Perdoar!! Mas o que admira e ate irrita he o desaforo como falla o anonimo na intriga de 1806! em que tem o descaramento de querer carregar o Dr. Vicente, como principal na intriga, tendo sido publico, n'esse mesmo tempo em Lisboa, que o anonimo entrava nella, e que por isso fora mandado inspeccionar. Porem isto he consequente com o Impostor! com o pseudo-Maçoncio; e pseudo-tudo; taes são os assalariados do *Grande Pontifice*. Isto he saõ Maçonicos, e antimaçonicos, quando lhes faz conta; monarquicos! Democraticos! Christaõs! e seraõ Judeus ou Mahometanos! segundo o lugar, e os interesses que correrem. Em uma palavra taes taõ alguns dos Redactores do *Pseudo-Jornal Scientifico*!!

### *Correspondencia.*

Eu admiro muito a prudencia, e o sangue frio com que o Dr. Vicente responde aos maiores ataques, e ás maiores personalidades, que furiosamente lhe derige o anonimo, com estilo figurado, &c. o que tudo he sublime e ate religioso ; porein asseguro o Senhor Redactor, que como fraco, que me conheço, se me atacasse de tal modo o dicto anonimo, e eu o conhecesse, como conhece o Dr. Vicente, lhe haviã tirar a mascara, e chamalo pelo seu proprio nome.

Queira desculpar esta digressãõ : e crer-me por hum seu mais attento.

LEITOR.

---

